

ANO VIII

N. 6

Revista da Academia  
Norte-Riograndense de Letras



AD LVCEM VERSUS

9  
60

===== NATAL — 1960 =====



## Academia Norte-Riograndense de Letras

### DIRETORIA

*Presidente — Manuel Rodrigues de Mélo*

*Secretário Geral — Rômulo Chaves Wanderley*

*1.º Secretário — Francisco Ivo Cavalcanti*

*2.º Secretário — Maria Carolina Wanderley*

*Tesoureiro — Virgílio Galvão Bezerra da Trindade*

*Bibliotecário — Antonio Fagundes*

*Diretor da Revista — Adherbal de França.*

### COMISSÃO DE CONTAS

*Onofre Lopes e Hélio Galvão*

### COMISSÃO DE SINDICÂNCIA

*Paulo Viveiros, Américo de Oliveira Costa e Eloy de Souza*

### COMISSÃO DE REVISTA

*Edgar Barbosa, Otto Guerra e Esmeraldo Siqueira*

*Sede*

*Rua Mipibu*

*NATAL*



ANO VIII



N. 6

REVISTA  
DA  
Academia Norte-Riograndense de Letras

DIRETOR

*Adherbal de França*

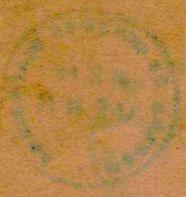
COMISSÃO DE REVISTA

*Edgar Ferreira Barbosa*

*Otto Guerra*

*Esmeraldo Siqueira*

—1960—



1907

# REVISTA

DA

Academia Nova-Brasileira de Letras

DIRECTOR

COMISSÃO DE REVISTA

Edgar de Moraes

Osório

Conselho Editorial



MANUEL SEGUNDO WANDERLEY — 1860-1960



MAKING STAMPS WASHINGTON - 1860-1865

## Manuel Segundo Wanderley

**M**ANUEL SEGUNDO WANDERLEY nasceu em Natal, à rua da Conceição, no dia 6 de Abril de 1860. Filho legítimo do Dr. Luís Carlos Lins Wanderley e D. Francisca Carolina Wanderley, foi o segundo filho deste casal. Fez os primeiros estudos na cidade do Açu, completando os de humanidade no Recife e em Natal. O curso médico, realizou-o na Faculdade de Medicina da Bahia, iniciando-o em 1880 e terminando-o a 23 de Dezembro de 1886. A sua tese de doutoramento recebeu o nome de **FEBRES PERNICIOSAS**. A 26 de Dezembro de 1886, logo após á formatura, casou-se com D. Raimunda Amália da Mota Bittencourt, de importante família baiana. Em Março de 1889, voltou a Natal, exercendo, sucessivamente, as funções de lente de Filosofia, Francês, Física e Química e História Natural, no Ateneu Norte-Riograndense. Inspetor da Saúde do Porto, Médico-adjunto e Diretor do Hospital de Caridade, exerceu ainda o cargo de Inspetor de Higiene. Em 1891 fundou, com seu tio Augusto Carlos Wanderley, o quinzenário **O ARTISTA**. Foi eleito e reconhecido deputado estadual em 1906. Publicou vários livros: **ESTRELAS CADENTES**, 1883; **MIRAGENS E PRISMAS**, 1887; **RECOLTAS POÉTICAS**, 1895; **GONDOLAS**, 1903; **POESIAS COMPLETAS**, já em 4ª edição. Publicou mais: **AMOR E CIUME**, 1901; **A PROVIDÊNCIA**, 1904; **BRASILEIROS E PORTUGUESES**, 1905, dramas. Publicou ainda a cena dramática **AS TRÊS DATAS**, 1905, em 2ª edição. Escreveu e fez representar, além daqueles, **NOIVA EM LEILÃO**, e **A PULGA**, comédias, a revista local, **NATAL EM**

**CAMISA**, musicada pelo professor espanhol José Borrajo. Publicou além das citadas, **ENTRE O CEU E A TERRA**, homenagem á memória de Augusto Severo, e os folhetos **PELA VERDADE**, polêmica com Galadino Lima. Deixou vários inéditos, entre os quais: **A LOUCA DA MONTANHA**, **OS ANJOS DO CLAUSTRO**, dramas. **A RAINHA DO BOSQUE**, **DRAMAS DA SÊCA**, peças fantásticas, de teatro.

Segundo Wanderley escreveu e publicou mais **PARALELO ENTRE O HOMEM E A MULHER**, transcrito em vários jornais e revistas do país, dado erroneamente como sendo de Victor Hugo, poeta e escritor francês.

**CEM** anos depois de seu nascimento, durante sete dias, ás mesmas horas em que falecera, a Academia Nortteriograndense de Letras, a família e os amigos celebraram o primeiro centenário da sua vinda ao mundo.

Esta edição da Revista da Academia documenta os flagrantes da Semana em homenagem á memória de Segundo Wanderley.

# Segundo Wanderley, o poeta dos heróis, dos mártires e dos artistas

ROMULO C. WANDERLEY



POESIA de Segundo Wanderley oferece diferentes e coloridas facetas. Não foi apenas o lírico do “O POETA E A FIDALGA”, nem o condoreiro de “UM TRIBUTO DE APREÇO”, homenagem ao seu mestre Manuel Vitorino, da Faculdade de Medicina da Bahia, em que êle exclamava:

Mestre, erguei a fronte augusta,  
Olhai em tórno de vós;  
    Nesta floresta de crânios  
Há muita seiva de heróis...  
São almas arrebatadas  
    Que vêm saudar, deslumbradas,  
Um novo e fecundo sol;  
Há mais um condor nos ares,  
— Mais uma pérola nos mares  
— Mais um clarão no arrebol!

Foi, com talento e emoção, o poeta que cantou os nossos heróis e os grandes acontecimentos da Pátria. Assim como a glória dos artistas, principalmente dos que viviam da Arte e para a Arte, e que tanto empolgaram os seus dias agitados de estudante, na veíha e gloriosa Bahia de Todos os Santos.

## AS DUAS ÁGUIAS

Certa vez, saudando o Povo e o Exército, exclamou o poeta naquele estilo que imortalizara Castro Alves:

No vasto arquivo dos séc'los  
Há fatos, há glórias tais,  
Que só descritas ao fogo  
De inspirações imortais;  
Eu neste instante contemplo  
O mais majestoso exemplo  
Da igualdade e do amor:  
O povo abraçando a farda,  
O malho junto à espingarda,  
A águia ao pé do condor.

Que deslumbrante espetác'lo!  
Que bela transformação!  
De todos os lábios surge  
Um grito só — união!  
E os dois gigantes se beijam,  
Enquanto podres, restejam  
Os vermes imperiais;  
Milagre enorme da terra!  
Sagrando os heróis da guerra,  
Eu vejo os herois da paz.

Glorificando a República, que fôra proclamada apenas há 4 anos, dizia Segundo, em 1893:

Abram-se os santos tesouros  
Da Liberdade e da luz,  
Dê-se ao faminto justiça,  
Direito aos que vivem nús;  
Quer seja rico, quer pobre,  
Tudo é igual, tudo é nobre,  
Tudo marcha ao mesmo fim,  
Trilhando na mesma senda  
Que levou Mário à legenda,  
A glória, Silva Jardim!

Aliás, Silva Jardim foi um dos ídolos de Segundo. Quando o Vesúvio tragou em suas fauces traiçoeiras o grande republicano, Segundo Wanderley escreveu êste soneto:

Evocado, talvez, por força estranha,  
Assombrado de ver tanta vitória,  
Êle se arroja aos cimos da montanha,  
Como atingira ao vértice da glória!

Era grande de mais a sua empreza,  
Ia além da razão o seu intento;  
Mas não teme afrontar a natureza  
Quem consegue vencer o sentimento!

E quando, assim, sublime êle se erguia  
Pra arrancar ao vulcão a lava ardente  
E fulminar com ela a monarquia...

Basta! Ihe brada a voz da Majestade...  
E ali tombou, legando ao mundo inteiro,  
Silvas de Luz, Jardins de Liberdade!

Descrevendo com tintas vivas o naufrágio do vapor Bahia, Segundo exalta o heroísmo do bravo comandante, com êstes versos modelares:

E quando o velho Isac, o filho do oceano,  
Exgotado supoz o esforço todo humano,  
Cançado de lutar, descrente de vencer,  
Fitou sereno o céu, e, os braços sôbre o peito,  
Deixou-se assim morrer, da morte satisfeito,  
Por ter até o fim cumprido o seu dever.

Buscar a salvação julgava covardia,  
Abandonar o posto era apagar num dia  
As glórias conquistadas à luz de tantos sóis!  
De tudo se esqueceu no tétrico momento  
Só para conservar no crânio um pensamento:  
— Que o mar devia ser o túmulo dos heróis!

#### INDEPENDÊNCIA OU MORTE

Na noite de 14 de julho de 1887, no velho Teatro São João, realizava-se uma festa abolicionista, quando Segundo, pedindo a palavra, declama uma poesia em que há estrofes assim:

Eu que admiro a geração dos Gracos,  
Que aspiro as luzes de um progresso novo,  
Eu que do povo comemoro os feitos,  
Porque sou filho deste mesmo povo;

Eu que renego das bastardas crenças,  
Eu que protesto com sincero ardor,  
Contra o castigo que se chama tronco  
Contra o sicário que se diz senhor;

Eu que só preso da virtude o brilho,  
Eu que só quero da justiça a lei. . .  
Que tanto amo esta palavra — Povo,  
Como detesto esta palavra — Rei.

Venho dizer que se alimente a chama  
Do vasto incêndio que partiu do norte;  
Soltar à face do país um grito:  
Revolta ou luz, INDEPENDÊNCIA OU MORTE!

À memória do Visconde do Rio Branco, autor da Lei do  
Ventre Livre, bradou o nosso poeta:

Existe uma alma generosa, atlética,  
Alma fundada no crisol da fama,  
Que fez a vida ressurgir da morte,  
Do frio gêlo rebentar a chama

Existe um gênio de um prestígio enorme,  
Filho da pátria de Moema brava,  
Que deixou livre a geração futura,  
— Salvando o ventre da mulher escrava.

É Rio Branco, o Redentor moderno,  
O Patriarca legendário, Augusto,  
Que soube, heroico, repelir agravos,  
Quando sagrava da Justiça o busto;

É Rio Branco, êste condor do Norte,  
Que a flor das crenças dos paus salvava,  
Firmando os brios da nação sem vida,  
— Salvando o ventre da mulher escrava.

N'O ECO DA LIBERDADE, há trechos em que se expandem os arroubos do poeta, no seu entusiasmo pela Liberdade. Diz êle:

Escravo! . . . quem diz escravo  
Diz tirania, opressão;  
O servilismo é um torpedo  
Na senda da ilustração;  
E onde brilha constante  
O belo sol da igualdade,  
Palpita a fraternidade  
Nas fibras do coração.

### O DOIS DE JULHO

O DOIS DE JULHO é a grande data dos baianos. Segundo Wanderley aprendeu a amá-la nos anos em que passou na terra de Castro Alves. Daí estas estrofes condoreiras e patrióticas:

Dois de julho! neste dia  
Correu sangue e jorrou luz;  
Inda sibilam as balas  
Por sôbre os cabeços nus!  
De fogo tingiu-se a esfera,  
Como se vasta cratera  
Cuspisse chamas ao céu,  
Da luta o grande oceano,  
Ergueu-se soberbo e ufano,  
Num pavoroso escarcéu.

.....

Há dias grandes na história,  
Que valem séc'los de luz;  
Triunfos que se assemelham  
Aos sacrifícios da Cruz. . .  
Dois de julho é mais que um dia,  
Simbolisa a enorme pia  
De mil batismos de heróis;

—É ninho de mil condores,  
—É berço de Adamastores,  
—É foco de muitos sois.

### A TIRADENTES

O proto-martir da Liberdade em terras brasileiras não poderia deixar de merecer de Segundo um rasgo de entusiasmo cívico. Ei-lo neste soneto em que a figura do Inconfidente aparece mais altiva do que nunca:

Rubro Hassaldama! Dominando a praça.  
Ébrio de sangue, a força levantada,  
Lanças, pelouros, tétrica parada,  
E o riso alvar da estulta população.

Moderno Cristo, de moderna raça,  
Hóstia de amor às trevas imolada,  
Ei-lo sagrando a idéia imaculada  
No batismo fecundo da desgraça.

Nada pode obumbrar sua memória...  
Não há mancha nas almas de alabastro,  
Não há poente para o sol da Glória!

É belo, é santo, é colossal, é novo,  
—Um cadafalso transformado em astro,  
—Um réu de morte libertando um povo!

\* \* \*

A glória de Augusto Severo foi, por mais de uma vêz, tema para a poesia de Segundo Wanderley. Sob o título "Tragédia da glória" êle produziu duas poesias, numa das quais, escrita após o sacrifício do aeronauta, sob os céus de Paris, naquela trágica e memorável manhã de 12 de maio de 1902, êle dizia;  
Águia da Paz, de olímpicos sonhos,  
Da Colmeia do Bem formosa abelha,

Foi ao berço da Luz ver a centelha  
Para sagrar o Anjo dos Palmares.

Já do Porvir nos rútilos altares  
Da pátria o vulto homérico se espelha,  
E dos Andes nas grimpas se ajoelha  
Saudando livre o domador dos Ares.

Mas ao fitar-lhe o busto aureolado,  
De tamanha ousadia despeitado,  
Muda-lhe o Gênio da Fortuna o rosto;

E o vencedor, vencido na conquista,  
Para o solo natal volvendo a vista —  
Morre de pé no glorioso posto—

AINDA O 34.º B. I.

Na partida do 34.º Batalhão de Infantaria para Canudos, onde, segundo uns, se jogava a sorte da República, Segundo recitou uma poesia denominada “BRECHA”, de que destaco estas estrofes:

“Soldados, chegou a hora  
De triunfar ou morrer . . .  
Se é grande o vosso heroísmo,  
Maior é o vosso dever!  
Bravos, leais brasileiros,  
Correi às armas, ligeiros,  
Prá libertar a nação,  
Que à sombra do fanatismo  
Oculta-se o banditismo  
Pregando a restauração.

Para as sublimes empresas,  
Para as conquistas do bem,  
Até as filhas do Norte  
São patriotas também!  
Esta falange de arminho  
Não tem sômente o carinho,

Tem heroísmo e valor;  
Afronta a luta mais rude  
Tendo por gládio a virtude,  
Vibrando golpes de amor!

Olhai! Este povo inteiro  
Que vos contempla de pé,  
Traz a su'alma banhada  
Nos esplendores da fé.  
Avante! A luta se inflama,  
Já Tiradentes vos chama  
Lá das trincheiras azuis. . .  
Voai brasilios condores,  
— Ide cobertos de flores,  
— Voltai coberto de luz.

#### INVOCAÇÃO A MIGUELINHO

O herói e martir da Revolução Pernambucana de 1817, que escreveu com seu sangue uma página gloriosa para a Capitania do Rio Grande do Norte, inspirou ao nosso poeta um grande poema, cuja primeira estrofe está assim lapidada:

Quereis saber quem foi o padre Miguelinho?  
Transponde o Cabugi e devassai-lhe o ninho.  
Entrai nas catedrais da vasta humanidade,  
Vereis nos corações dos nobres potiguares  
Um vulcão consagrando em rútilos altares  
O vinho do Direito e o pão da Liberdade.

Quem afronta o tufão não foge da batalha. . .  
É mais nobre fazer da honra uma mortalha,  
Que aceitar do carrasco a humilde compaixão;  
Há no riso do algoz o fel da hipocrisia. . .  
Quando a taça contém o travo da ironia,  
Uma bala é melhor que o beijo do perdão.

Ao inaugurar-se na redação d' *A República*, no dia 1.º de julho de 1907, o retrato de Pedro Velho, fundador do jornal

e do regimen republicano em terras potiguares, Segundo recitou êste soneto em honra do admirável condutor de políticos que foi Pedro Velho de Albuquerque Maranhão:

Alma que as almas dos heróis enlaça,  
Aureo braço de glórias invejado,  
Rebento ilustre de fecunda raça,  
Pelos hinos do povo consagrado;

Ante êste quadro nítido, sem jaça,  
Na oficina da luz transfigurado,  
Levando da Justiça a nívea taça  
Para saudar-te, ó mestre imaculado!

Deixem que a Musa de cabelos brancos  
Do Calvário da vida os rudes flancos  
Desça, vibrando a nota alviçareira...

Mas, se é crime cantar a Liberdade,  
—Roubem do sol a imensa claridade,  
—Risquem do globo a Pátria Brasileira.

Quatro meses depois, um túmulo se abria para receber o corpo de Pedro Velho, falecido no Recife, a 9 de dezembro de 1907, a bordo do vapor BRASIL. E foi diante da sepultura do chefe republicano, que todo o Rio Grande do Norte chorava, que Segundo recitou, também emocionado até às lágrimas, êste soneto:

Nas trincheiras do Bem, a cabeleira aos ventos,  
Inda o vejo de pé, constantemente o vejo,  
Seguindo dos heróis o esplêndido cortejo,  
Conduzindo à vitória os plúmbeos regimentos.

Ilumina da Pátria os roxos firmamentos  
Da pupila fugaz o último lampejo...  
Subiu, subiu de mais o astro benfazejo,  
Não pôde o coração conter-lhe os sentimentos.

Musa branca do ermo, escuta o nosso grito:  
Destroi esta muralha, arranca este granito,  
Onde o verme chumbou o sol da Liberdade!

Inda quero, uma vez, na grande mágua imerso,  
Em seu cõrpo entornar o sândalo do verso,  
O seu nome envolver no linho da Saudade.

#### O POETA DOS AUTORES, DOS ATORES E DAS ATRIZES

Filho de teatrólogo, e também êle um apaixonado pelo teatro, pois nos deixou “Amor e Ciume” e outras peças, Segundo Wanderley não ficava em silêncio diante dum grande ator ou de uma notável atriz, ou ainda, de um autor do renome de José Alencar, cuja memória evocou por ocasião de ser encenado o drama MÃE.

Vejamos estes seus versos:

Há dois clarões que não se apagam nunca,  
Iguais no brilho, no fulgor iguais:  
Um é a chama da Ciência ingente,  
O outro, a luz da Liberdade audaz;  
Ah! destas glórias perenais, enormes,  
O grande herói do Ceará viveu!  
Não sei se dorme, se descança ou sonha,  
Não sei ainda se Alencar morreu.

Finalizando o poema, exclama o poeta:

E agora o drama a desdobrar-se em cena,  
Brando soluço que o herói soltou.  
Nuvem dourada que, cindindo o espaço,  
Pérolas de amor no coração deixou;  
Mãe —foi escrava pra salvar o filho!  
Escrava mãe que adoração perdeu...  
Quando mergulho neste mar de glórias  
Não sei ainda se Alencar morreu.

Aproveitando o festival de Cesar Polla, Segundo recitou uma saudação à Imprensa e à Arte, na qual há versos como êstes:

Eu pasmo em frente deste templo augusto  
Que mil centelhas de emoção produz;  
Eu pasmo em frente deste grande busto,  
Eu pasmo em frente deste mar de luz;  
Que drama é êste de sublime encanto,  
Que excita o riso, que o pesar acalma?  
Responde o povo, modulando um canto:  
— É Gutemberg que festeja Talma.

Tu tens, artista, um privilégio ingente,  
Tu tens, por certo, um predicado santo:  
Sabes mudar, em um feliz repente,  
Num riso doce o doloroso pranto;  
Registra, pois, êstes triunfos grandes,  
Recolhe, mais esta virente palma,  
O Himalaia cumprimenta os Andes...  
—É Gutemberg que saúda Talma.

Maria Francesi foi outra artista que mereceu os devaneios do poeta. Em um festival a ela dedicado, Segundo declamou:

Francesi, quando o teu vulto  
Assoma ao palco, sorrindo,  
Bem como Venus surgindo,  
Dos flocos puros de anil,  
Não sei que mais admire  
Nest' hora santa, encantada,  
Se tua voz inspirada,  
Se teu divino perfil.

Nasceste na bela Itália,  
No paraíso da Europa,  
Onde os artistas em tropa  
Beber harmonias vão,  
Nesse país de poetas,  
Sob êsse céu tão simpático,  
Onde soluça o Adriático,  
Onde palpita o vulcão.

No tempo de Segundo, como ainda hoje, as companhias teatrais realizavam, ao fim de suas temporadas, festivais em benefício dos mais destacados artistas. Foi assim em relação a Cesar Polla, como agora em homenagem a Adélia Naghel, como depois sobre tantos outros. Saudando esta última, disse o poeta, em belos alexandrinos:

Quando chegas ao palco o povo se extasia,  
Te cerca de orações, de afagos, de lauréis;  
Uma onda de luz vai inundar-te a frente,  
E uma chuva de flor vai te cair aos pés.

E termina com exortação:

Tu que possuis, Adélia, um privilégio santo,  
Na arte de agradar, na arte de atrair,  
Semeia em teu caminho, os louros do presente,  
Que, em breve, colherás as glórias do porvir.

E ao ator Alvaro Ferreira, disse, naquele tom de veemência poética, que lhe era próprio:

Tu que das veigas lusitanas, belas,  
Vieste às plagas brasileiras, cérulas,  
Para colher mais um colar de pérolas,  
Pra conquistar mais um troféu de estrêlas;

Tu que na frente juvenil, virente,  
Tens a sublime inspiração de Talma,  
Tu, que traduzes o que sente a alma,  
E adivinhas o que vai na mente;

Tu que desferes, com febril magia,  
Todas as notas que a paixão encerra,  
Que a noite fazes transformar em dia...

Terás teu busto no painel da história,  
Terás no drama as oblações da terra,  
Terás no palco o pedestal da glória.

Mais uma artista recebe de Segundo a saudação de estilo. É Alice Rebottaro, que se exhibia na capital baiana, e em-

polgava os estudantes, dos quais Segundo era o verbo inflamado a serviço da poesia, do amor e galanteio:

Alice, as notas que exalas  
Excitam mil comoções,  
Têm mais doçura nos beijos  
Ao crepitar das paixões;  
Ao eco de teus soluços  
Os oceanos de bruços,  
Vêm atentos te escutar  
Transformas em cavatinas  
As alvacentas neblinas,  
As ardentias do mar! . . .

No seu entusiasmo de moço, o poeta eleva a artista às culminâncias da fama e empresta-lhe qualidades sobrenaturais, como nesta estrofe:

Milagres! se há milagres,  
Só tu os pode fazer;  
Tu choras sem teres prantos,  
Tu gemes, mas sem sofrer;  
Quando a voz no céu derramas,  
Das centelhas fazes chamas  
Das chamas fazes vulcão;  
O mundo atira-as as almas  
Que as plantas beijar-te vão.

Imenso, portanto, foi, minhas senhoras e meus senhores, Segundo Wanderley nos diversos gêneros poéticos que cultivou. Os temas que mais o inspiravam eram o Amor, a Família, a Pátria e a Arte Dramática. Para todos êles teve grandes momentos poéticos, legando-nos uma coletânea de rimas que jamais perdem o seu valor, apesar de passadas algumas décadas das datas em que foram escritas. É que Segundo, confessou no soneto “Tumulo do verso”, não cria “na amarga profecia dos arautos fatais do pessimismo, que predizem num vã filosofismo, da loura Musa a próxima agonia. Porque “Do gênio o áureo sonho se requinta, enquanto houver uma mulher que sinta, enquanto houver um coração que ame!”

# Segundo Wanderley num rápido esquema de nossas letras

*ESMERALDO SIQUEIRA*

Sr. Presidente,  
Srs. Acadêmicos,  
Minhas senhoras,  
Meus senhores.

**A** CONTECEU uma cousa singular. Chegando a casa hoje, na hora do almoço, depois do meu primeiro expediente matinal de professor, minha mulher me entregou vistoso cartão da Academia Norteriograndense de Letras, no qual se anunciavam as solenidades e respectivas datas em comemoração ao centenário de nascimento de Manuel Segundo Wanderley. A singularidade do caso residia na surpresa de vêr-me incumbido no flamante cartão de pronunciar justamente nesta data de 1.º de abril uma Conferência sôbre o nosso celebrado poeta. Sem nada haver escrito, até aquele momento, a respeito de Segundo Wanderley, como poderia eu, ainda obrigado a dar três aulas antes da conferência, improvisar a jato uma palestra capaz de salvar os meus escrúpulos de homem que se preza, do mesmo passo que não costumo menoscar de ninguém? Como conseguir safar-me de tamanha cilada?

Devo logo ir declarando que não houve um malentendido. O ilustre presidente desta Academia não quis nenhuma vez escutar-me as excusas de professor de quarenta aulas semanais em três estabelecimentos de ensino. Por certo, dadas as suas generosas intenções, pensou em lisonjear-me com o distinguir-me na quase estréia desta hebdômada glorificado-

ra do autor de *Estrélas Cadentes*, superestimando-me também extraordinariamente os recursos de cultura e inteligência.

Confesso que a impossibilidade do milagre me levou a planejar uma fuga, amparado na data tradicional da mentira, precisamente a de hoje, este 1.º de abril. Ocorreu-me a idéia, então, de não comparecer aqui, de deixar o desapontamento da Academia e da assistência por conta do dia dos mentirosos, como se tudo não passasse de simples brincadeira. Mas, as circunstâncias tinham infelizmente o exclusivo cunho da seriedade, e um homem escrupuloso, mesmo podendo escapar da sentença de morte, prefere, como Sócrates, a taça de cicuta...

Aqui me acho, portanto, meus senhores, aspirando antes a ser condenado pelo que dissér, do que ridiculizado por haver fugido. E que me reconheçam, além disso, o intento heróico de vencer o próprio tédio que nos incute o ambiente de falsas letras em Natal, onde, com raríssimas exceções, tudo tende a asfixiar quaisquer manifestações de legítimo valor. Tal se nos antolha a penúria intelectual de nosso meio, que, apesar da celêuma produzida nesses derradeiros tempos em relação a movimento literário, ignoramos, rigorosamente falando, quem de fato possua, entre nós, nas duas últimas gerações, credenciais para sobreviver.

Procure-se, por exemplo, nessas mais recentes gerações, o homem verdadeiramente culto, no sentido exato da palavra. Muitos, é verdade, se arrojam a pontificar, em estilo capenga e sem gramática, sobre assunto de que nada sabem: teatro, poesia, romance, contos, crônica, história, crítica, sociologia...

De tanto palanfrório ôco, de tantas vacuidades torrenciais, algo poderá ficar em benefício de nossas letras e de nossa cultura?

Espantosas encenações só enganam a gente insignificante. Queremos e exigimos, para nos merecerem considerações, que nos apresentem pelo menos uma obra-prima, qualquer trabalho digno de encômios sem favor, em vez de mistificadores alaridos.

Somente os apedeutas irritados poderão inquinar-nos de injustos.

Não pretendemos, por outro lado, nem podemos negar o esforço de produtividade de um Câmara Cascudo no campo do folquilor, embora tenhamos de lastimar que um espírito tão brilhante e operoso se descuide dessa cousa essencial que é o estilo e se não preocupe mesmo, muitas vèzes, com o trivial da gramática. O incansável escritor, glória de nosso Estado, poderia apurar mais a qualidade de suas obras, no tocante principalmente à beleza da composição.

Ainda no terreno folquilorico, aludiremos a Veríssimo de Melo, vinte anos mais moço que Cascudo, mas culturalmente já digno do mestre, além de constituir em nosso meio uma exceção moral confortadora.

Os jòvens da geração mais nova estudam pouco e não trazem, de conseguinte, nenhum lastro de sólidos conhecimentos. Quase todos, entretanto, se julgam umas espécies de sábios e gênios infalíveis. Alguns têm possibilidade de aprender, como Sanderson Negreiros, Dorian Grey, Nei de Castro, Márcio Marinho, Walflan de Queiroz, Ivan Andrade, Danúbio Rodrigues Alves. As chamadas poetizas dessa moderna geração distinguem-se pela compenetração, a ingênua suficiência. Zombam de Palmira e Carolina Wanderley, de Clarice Palma e Didi Câmara, nunca se lembram de Auta de Souza.

Ai da poesia, se tais petulantes fòssem mesmo o que se supõem.

No teatro, — gênero em que fracassaram tantos escritores mundiais, — cêrca de uns dòze se capitulam entre si de “teatrólogos”. Não discutiremos a conservação do ex-Teatro Carlos Gomes, graças a chorudas verbas, mas o que esperamos, para aplaudir, é a criação da primeira obra teatral de genuino merecimento. Êsses que se intitulam a cada instante de “teatrólogos” nada produziram, todavia, que valha absolutamente nada no gênero. Continuam, por cúmulo, gibosos e pepolins, como diria o saudoso Emílio de Menezes, orgulhosos de se assemelharem a Shakespeare e Molière...

Faltam-nos igualmente contistas e romancistas, porque não basta escrever na capa dos livros o nome do gênero literário. As legítimas obras dêsses gêneros diferem muito das editadas por certos besuntadores de páginas que nos vêm repon-

tando de quando em vez. Ruidosos lançamentos de livros nas melhores livrarias da cidade não significam o aparecimento de bons escritores. Nossa expectativa, neste particular, continúa ainda por satisfazer.

Pinto Júnior morreu deixando-nos alguns contos regulares. Não era um estudioso e produzia ao Deus dará. Antônio de Souza e Bezerra Gomes compuseram algo aproveitável no gênero difícil do romance. O primeiro tinha alguma cultura, o segundo nenhuma. Não falamos em Peregrino Júnior, que é um caso à parte, como o são outros beletristas nossos que vivem ou viveram longe do Estado: Rodolfo Garcia, Angione Costa, Tobias Monteiro, por exemplo.

Críticos judiciosos também nos escasseiam. No passado tivemos apenas dois mencionáveis — Antônio Marinho e Armando Seabra, extintos em plena mocidade, antes de haverem podido empreender qualquer obra lapidar. Sobram-nos, pelo contrário, incompetentes atrevidos.

O domínio da crônica está na hora presente entregue a indivíduos semi-analfabetos profundamente desfrutáveis. Um Aderbal França, que constitue simpática exceção, não faz parte dos grupos novos: pertence à velha guarda, oriunda daquela fase anterior a 1930, quando ilustraram nossa imprensa as colaborações de Edgar Barbosa, Luís Tôres, João Maria Furtado, Otacílio Alecrim, entre vários outros de reconhecido mérito.

Teríamos ensaístas?

Como se sabe, o ensaio é gênero dos mais árduos e exigentes. Um Floriano Cavalcanti, em temas filosóficos e jurídicos, pode merecer o título de ensaísta, como um Hélio Galvão em assuntos de pesquisa histórica ou social, um Manuel Rodrigues de Melo em estudos de certa feição sociológica e folclórica. Luís da Câmara Cascudo, entre os nossos ensaístas, deve ocupar ainda um dos postos mais salientes.

Poderíamos alongar estas considerações rabiscadas a jato, se não fôsse a consciência de estar martirizando o auditório naturalmente perplexo de se vêr escutando uma palestra tão desconexa e tão distanciada do inolvidável poeta que o atraiu até este recinto.

Os senhores que nos perdoem a incapacidade tauma-

túrgica. Não tencionávamos desrespeitar a memória de Segundo Wanderley, tratando de sua vida e de sua obra ao correr vertiginoso da pena. Sabemos que êle foi um marco apreciável na história das letras estaduais, um cidadão impoluto, ilibado de caráter no seio da família e da sociedade. Nossa veneração ao seu nome como escritor procede especialmente dos seus dotes de poeta. Segundo Wanderley faz jus em realidade a essa divina láurea tão desgraçadamente conferida a notórias nulidades. Êle contraditou a opinião dos que inculpam os bons estudos de esterilizar a alma do poeta, cortando-lhe as asas da inspiração. Pôde, como se sabe, formar-se em medicina, sem que os anfiteatros e os hospitais o fizessem perder o dom sagrado. Antes, parece que o sacerdócio hipocrático lhe dulcificou ainda mais o coração já de si maravilhosamente lírico.

Houve um poeta de gênio — Keats — que defendeu a ignorância como preservadora da capacidade poética. O miraculoso exemplo dêle não serveria de regra nem de doutrina. Seu gênio excepcional se manifestaria de qualquer modo, melhor ainda se o poeta possuísse maiores conhecimentos. Goethe, sábio e filósofo, teria sido tão grande na poesia, se não o fôsse também na cultura? Seu amigo Schiller, largamente ilustrado, não foi um delicioso lírico? Dante possuía todos os conhecimentos do medievo, que êle incarnou e resumiu admiravelmente. Camões fizera bons estudos clássicos.

Percebe-se logo enorme a lista dos poetas de tôdas as nações capacitados pela cultura. Segundo Wanderley teria ainda o amparo de magníficos exemplos de vates brasileiros que se revelaram profundamente sabedores. São vultos conhecidíssimos de homens instruídos e poetas excelentes Gonçalves Dias, Álvares de Azevedo, Castro Alves, Tobias Barreto, Augusto dos Anjos, Olavo Bilac, Alberto de Oliveira, Raimundo Correia, Luís Delfino. Outros bardos, de tão numerosos, dispensam citação.

Na poesia modernista, os melhores são cultos como Vinicius de Moraes, Ascenço Ferreira, Manuel Bandeira. Êste último — convém declarar — precisa, inobstante, que lhe cateamos cautelosamente os poucos poemas suportáveis. Já lhe consagramos, aliás, um ensaio de crítica literária, no segundo

número de nossa revista, no qual o reduzimos ao seu justo valor.

Em Natal, a história da poesia não nos infirma a tése, embora se nos possa apontar, como exemplo de gênio espontâneo e analfabeto, Manuel Virgílio Ferreira Itajubá. Este, efetivamente, apenas fizera algumas leituras superficiais da Bíblia e dos poetas brasileiros e portugueses famosos no seu tempo. Mas, afinal, quem não sente a extraordinária falta que fêz a instrução à musa singelíssima do autor de Branca? Quanto não nos teria êle produzido de mais e de melhor, se não fôra menos atrasado!

Gotardo Neto, seu colega e amigo, pouco mais sabia que êle. Seus versos, porisso, são geralmente pobres e fracos.

Auta de Souza estudou mais. Escrevia francês corretamente. A ignorância jamais a teria ajudado.

Juvenal Antunes, bacharel em direito, boêmio, mas entusiasta dos bons autores, fortificou seu talento poético na leitura de escritores como Antero de Quental, Guerra Junqueiro, Eça de Queiroz, Ramalho Ortigão e dezenas de outros mais.

Porque pouquíssimo estudou, o poeta Jorge Fernandes, espírito de escól, quase nada escreveu.

Não temos, em suma, entre os mortos, um poeta que se haja beneficiado da carência de letras. Se nos reportamos aos vivos, a mesma observação deve repetir-se. Otoniel Menezes, dos mais velhos e eminentes, ainda hoje vive de livro na mão, cansado mas nunca saciado de perlustrar as páginas dos mestres.

Na classe dos novos e dos novíssimos, as mais belas es-presenças veem do que aliam as virtudes inatas ao gôsto dos livros: Sanderson Negreiros, Severo Neto, Danúbio Rodrigues, Nei de Castro. Márcio Marinho, boa promessa, transviou-se na política.

Outros, que vivem com os novos mas já estão amadurecendo, ainda não deram cousa que possa recomendá-los: Berilo Wanderley, Newton Navarro, Myriam Coeli, Zila Mamede, Luís Rabelo. Sabemos, apesar de tudo, que êles discordam de nós. Consideram-se vitoriosos e mofam dos obscuros que ousamos classificá-los nos devidos lugares.

Que fazer?

Seja como fôr, assim como aos menos idosos, daqui também lhes aconselhamos o estudo acurado dos bons autores. Antes de contestar-nos, que vão aprender a lição de tantos livros substanciosos, conversar sèriamente com êles tal e qual vimos fazendo sem descanso através de longos anos.

Mas, indubitavelmente, estamos agravando a perplexidade dos ouvintes.

— Por onde anda o poeta cujo nascimento se comemora hoje no seu primeiro centenário?

Inútil repisar as excusas do início.

Não olvidamos o preito que devemos a Manuel Segundo Wanderley. Tivéssemos tido o lazer necessário à elaboração de trabalho condigno, discorreríamos sôbre cada aspeto da sua atraente figura. Muitos desta terra, por nossa ventura, não precisam de que lhes estejamos a relembrar as prendas de espírito e de alma do consagrado poeta. Seu prestígio e popularidade já se gravaram definitivamente nos anais de nossa vida literária. Críticos rigorosos poderão encontrar falhas e deficiências nos seus versos. Pouco importa essa falibilidade de que, aliás, sofreram tantos grandes poetas de tôda parte do mundo. Na constelação das mais altas expressões de nossa poesia, há-de brilhar sempre a estrêla de Segundo Wanderley. Ele mesmo o presentiu, quando num eloqüente soneto retrucou aos vaticinadores da morte da poesia:

Não! não creio na amarga profecia  
Dos arautos fatais do pessimismo,  
Que predizem, num vão filosofismo,  
Da loura Musa a próxima agonia.

Não sucumbe de vez a fantasia  
Que se nutre da seiva do lirismo,  
Nem da carne fremente o despotismo  
Esmaga a flôr que gera uma utopia.

Serpe dourada, fascinando a prêsa,  
E' de balde que açula a natureza  
Dos gózos quentes o lascivo enxame.

Do gênio o largo sonho se requinta  
— Enquanto houver u'a mulher que sinta  
— Enquanto pulse um coração que ame!

# Segundo Wanderley, o poeta das multidões

PALMIRA WANDERLEY

**J**A está morta aquela que me amava. Está morto, também, o mundo da minha infância. Este meu peito, que se embebia do azul do céu, está também morto como um campo de restolho. Stefan Zweig, nos diz nos "Construtores do mundo" que esta canção triste é de Hoelderlim, o gênio da poesia alemã, numa encarnação de beleza apolínea.

Manuel Segundo Wanderley, o segundo Manuel da família, em homenagem a seu avô paterno, foi o médico dos pobres e o poeta do povo. Nasceu a 6 de abril de 1860. Mais tarde no mesmo dia, perdeu sua mãe. A aurora de sua vida murchara. Sumira-se o arco-iris de sua infância. A tristeza lhe chegara antes do tempo, desgarrando-o das alegrias. E plantando no chão duro de sua vida de menino órfão, a Saudade, descrita, mais tarde, num soneto:

Parabens! Parabens! doce ironia.  
Passe de largo o estrídulo cortêjo.  
Parabens! Parabens! nada desejo  
Que me provoque um riso de alegria

Dobra em min'alma o bronze da agonia  
Me envenena o licor desse festêjo.  
Além, aberto, um cemitério, eu vejo,  
Paraí que eu sigo, em santa romaria.

Um fantasma não tem aniversário...  
Deixem que eu vague triste, solitário,  
Da lua branca à dúbia claridade.

Passai, passai, vassalos da quiméra,  
Naquela campá, um coração me espera,  
Vou celebrar a Páscoa da Saudade.

O vale verde e ameno da juventude molhara-se de lágrimas. O sofrimento fê-lo manso e resignado. Era compassivo e caritativo. “Ninguém podia supor uma palavra rude naquela boca suave, nenhum desejo impuro nos seus olhos lípidos, nenhum pensamento mesquinho, na sua fronte nobre.” Nem ostentações, nem vaidades, que dificultam a liberdade do pensamento. Sentia-se rico na pobreza, que voluntariamente, adotara. O maior título lhe havia sido entregue pelo povo, numa consagração definitiva: — Poeta! Indulgente, compreensivo, generoso, era a bondade. O seu olhar miudo denunciava o pensador pelos vidros do pincenez. O valor do homem estava, realmente, no seu preço. E o algodãozinho listrado, que comumente vestia, presente anual da fábrica de tecidos Juvino Barreto, — não desvalorizava o seu principado. Um filósofo de filosofia própria... Um guarda-sol preto, fechado sobre o ombro era o companheiro das caminhadas. Sobre ele, às vezes, estirava a cabeça, num descanço. Distraído, ensimesmado; sem o orgulho da raça e sem o amor de si mesmo; o conforto lhe teria sido fácil. E até a riqueza lhe parecera a mão, nas oportunidades, que lhe davam o prestígio da inteligência, as vantagens da profissão, o poder da simpatia, o nome da família e a força dominadora da bondade.

Bom como um justo, simples como o Pelo Sinal, na expressão singular e exata de Câmara Cascudo. Não temia doença que lhe pegasse. Era o médico e o sacerdote, sem hora para atender e sem receber pagamento. Receitava os amigos, na rua, os pobres, em casa, na sala comum. Montado no seu burrico lento, visitava constantemente, o Lazareto de variolosos, cuja direção lhe fôra confiada, numa grande epidemia que assolára a cidade. Era o inspetor de higiene cumprindo o perigoso dever de fiscalizar os serviços sob a sua responsabilidade, levando ao mesmo tempo, o conforto de sua visita. De volta do Lazareto, o dia inteiro permanecia com a mesma roupa, se os cuidados e as insistências da família, não o fizessem mudar.

Abusava, assim, das presumíveis imunidades, atribuídas às marcas de varíola, que lhe afejavam o rosto, doença de que fora acometido, nos primeiros dias de nascido.

A poesia, muito cedo, se entregara o poeta, numa oferenda de dor e glorificação. Comunicativa e ardorosa, de fácil associação, identificaram-se os dois como o pássaro no ninho, acasalado...

Mal chegava na Bahia, o calouro de medicina, e já circulavam, na faculdade, rumores do seu pendor poético. Vencida a resistência do novato, dominou, em breve tempo, sem trabalho e sem pretensões. A sua inteligência se dava a todos, sem reserva, conquistando, de início, colegas e professores. E sendo considerado como o poeta das manifestações acadêmicas. De assalto tomou a admiração da cidade. E a sua poesia começou a figurar nas reuniões da família baiana, motivo de um romance malogrado, contado em Natal, por dois conter-

râneos, também desaparecidos e que foram seus companheiros de jornada acadêmica. A filha do diretor da Academia, moça rica, formosa e prendada, impressionara-se com a fama do poeta natalense. Um poema escrito no seu album, a seu pedido, de improviso, sobre o seu piano, na festa do seu aniversário, fora o bastante para que o amor tomasse conta, pela primeira vez, do seu coração de mulher romântica. De nada valeram os dotes e as prendas, da formosa apaixonada; nem tão pouco o prestígio social e político, do diretor da escola, seu amigo e admirador. Muito menos, as grandes vantagens apresentadas pelos colegas mais chegados, que viam naquele casamento todas as aparências da felicidade, todas as probabilidades da vitória. Infeliz, no seu primeiro amor, a jovem e formosa candidata, seguiu a procura do esquecimento com quem devia se encontrar na Europa.

Filho de Luís Carlos Lins Wanderley, deputado provincial várias vezes, vice presidente governou a Província por um mês, o primeiro português a se formar em medicina pela faculdade da Bahia, o primeiro a escrever romance e teatro, jornalista, polemista, poeta e orador, herdou a intelectualidade de seu pai e a bondade de sua mãe, Francisca Carolina Lins Wanderley, cuja piedade fê-la empenhar as joias da família, no Açú, onde morava, para minorar o sofrimento dos flagelados, na seca de 77. Segundo, como era conhecido na intimidade, deputado estadual, duas vezes, professor do Ateneu, médico do serviço de saúde dos Portos e da Polícia, nasceu poeta como se herda um título nobiliário.

Trouxe do berço a longínqua nobreza flamenga de que nunca se orgulhara. E a herança intelectual e artística, da aristocracia holandesa, de onde viera aquele fidalgo estrangeiro, Gaspar Wanderley, que se desgarrara da família e da Pátria, — onde as tulipas cobrem de cor os campos verdes e ensinam a poesia dos canais, — para acompanhar seu grande amigo Maurício de Nassau, governador de Pernambuco. E ajudá-lo no principado das letras e das artes, na Mauricéa, que lhe tomara o nome. Apaixonado pela paisagem de Olinda não retornou á sua pátria. E em Pernambuco plantou a primeira vergôntea da família Wanderley, em chão do Brasil. . .

Muito tempo depois a adivinha do tempo falou: — Tu serás rei, porque serás poeta, aclamado pelo delírio das multidões, que te sacudirão flores e te carregarão nos braços. Na água clara do arroio, onde mergulham estrélas, lavarás a capa magna de eleito. E quando o amor se anunciar no teu coração, um lírio nascerá nas tuas mãos. Permanecerás muito tempo, entre os homens, como divindade. Serás magificante e perdulário, ó grande rei mendigo! Acompanharás as vozes que se elevarão para o alto. E logo baixarás arrastado para a terra, a rastejar o pó como a raiz da mais poderosa racha, gemendo o chão, em flor. As tuas alfaias esconderão os teus andrajos. Na tua nudez de pastor, dormindo ao relento sobre as flores

do campo, terás por cobertura, o pano azul do céu. E ao toque da alvorada de tua avena, as rosas nascerão, sem gemido. Elevar-te-ás do chão, às alturas do eco, em busca da purificação.

Basta mulher, eu fujo dos teus braços.  
É preciso romper os torpes laços.  
Que me tentam prender o coração...  
É debalde ensaiar meigo sorriso,  
Tu és o inferno, e eu quero o Paraíso,  
Tu és o crime, e eu quero a redenção.

Considerado pelo julgamento do seu tempo o maior poeta, foi êle o mais popular de todos os nossos poetas, o mais recitado; como Auta de Sousa, o mais amado e o mais cantado. O mais patriota e o mais democrata, contagiando com a eloquência dos seus poemas cívicos, a alma frenética das multidões. Poeta condoreiro, de função social. Não foi apenas isto; também um romântico, um lírico, um humorista, um místico. E acima de tudo, um abolicionista e um republicano. Amando o povo, vivendo com o povo, sentindo com o povo, escreveu para o povo poemas inflamados, explosivos, trovejantes, num contraste sensível com a sua personalidade humana, tranquila e serena. Era um facho aceso atizando a consciência nacional, nas balaustres das ruas, nas sacadas dos edificios, nas tribunas, nas ribanceiras, nos comícios, nos teatros, na faculdade, na Bahia, em Natal, onde quer que fagullhasse um motivo de brasilidade, combatendo a escravidão, defendendo a liberdade.

Nesta sublime conquista,  
É tanto o pincel do artista,  
Como da tropa o fuzil...  
Aqui nesta turba imensa,  
Existe só uma crença  
Ressuscitar o Brasil.

O céu em sonho divino,  
Olha a terra, beija e ri...  
Ouvem-se hinos ardentes,  
Como os salmos de Davi...  
É a liberdade que canta,  
O mundo que se levanta,  
Saudando os nossos avós...  
E' o bater de mil asas,  
De mil condores de brasas  
Levando ao colo, os herois.

Virtualmente democrata, de costumes, de ideologia, foi um evangelizador da igualdade, da fraternidade.

E assim se expressava calorosamente:

Que tanto amo esta palavra povo,  
Que tanto odeio esta palavra rei.

Gritava na praça pública entusiasticamente:

porque pior do que escravo,  
É este nome ignavo,  
Que o mundo chama Senhor,

E mais adiante escrevia:

Não é com braços de escravo,  
Que se levanta um país.

Poeta das multidões, pregava na praça pública, num **meeting** republicano de 5 de março de 93:

— Republicanos é tempo,  
De confessar nossa fé.  
Quem for covarde que fuja,  
Os bravos fiquem de pé.

Discipulo fiel de Castro Alves, se não foi o único, foi dos raros que lhe seguiram a escola e lhe alcançaram o vôo. O seu nome surgiu da Bahia, como uma planta nova, que aflora enraizada em terra estranha e se aclimata como se fosse sua. A Bahia encarregou-se de divulgá-la no Brasil... E ainda hoje dele se lembra. E deu-lhe o nome a uma rua.

Contou-me um amigo nosso, que certa vez, em casa de Bento Farias, jurisconsulto em evidência, naquele tempo, perguntou-lhe na despedida: — Que deseja que lhe mande do Rio Grande do Norte, mestre?... Rapadura e um livro de versos de Segundo Wanderley.

Poeta de frases feitas, improvisadas sem encomendas, elas afluíam sem esforço e sem adubo. E diziam tudo de uma vez, revelando o poder de síntese do poeta. Citarei algumas:

**“Quem abre a cena sorrindo,  
O ato encerra a chorar”**

**“Um homem só salvando o mundo inteiro”**

**“Não há poentes para o sol da glória!”**

“Silvas de luz jardim de liberdade.”

Um cadafalso transformado em astro,  
Um reu de morte, libertando um povo.

Enquanto houver uma mulher que sinta,  
Enquanto houver um coração que ame.

Tombar assim, é ser grande,  
Cair assim, é vencer.

Que o mar devia ser a campa dos heróis.

Só brilha quem tem virtude,  
Só vence quem fita a lua.

Uma tábua qualquer valia mais que um trono,  
Um resquício de luz, valia mais que um sol.

Descrevendo, num soneto, a dor profunda da filha do seu grande mestre Dr. Manuel Vitorino, no dia de sua morte, que lhe embranquecera numa noite os cabelos louros, assim se expressa:

“Um anjo louro de cabelos brancos.”

Estas e outras frases que andaram de boca em boca, ainda hoje vez por outra são repetidas. Recebeu todas as homenagens que um poeta naquela época podia receber, não lhe faltando o elogio de Rui Barbosa, o gênio da eloquência, transcrito nos jornais de seu tempo.

Duas de suas poesias deram maior longevidade ao poeta, pela identificação entre êle e o tempo. Refiro-me aos poemas: — “O Poeta e a Fidalga”, modinha que se popularizou entre norte e nordeste; e “O Naufrágio do Vapor Bahia”. Conta-nos o acadêmico Nilo Pereira, o cronista da cor, — Poti-pernambucano, nascido e enraizado no vale verde de Ceará-Mirim, que viajando sôbre os nossos mares, mal começava a recitar “O Naufrágio do Bahia”, no local em que ocorreria a tragédia e imediatamente, todos os companheiros de bordo, que se achavam na amurada do navio recitaram com êle. Eram passageiros de toda parte do Brasil, nacionalizando o nome do poeta.

“Corria a noite, a meio, em plácida derrota,  
Ia um barco, a vogar, qual célere gaivota,  
Por sôbre o dorso azul da vaga boreal...  
Vênus bela, ostentava a sideral grinalda,  
Sorria em baixo o mar, abismo de esmeralda,  
Sorria em cima o céu, espelho de cristal.

Inda vinha bem longe, a loura madrugada,  
Quebrava manso a vaga, ao longo da amurada,  
Cuspindo no convés, as pérolas do azul...  
Fugia a terra além, nas curvas do horizonte,  
E o marinheiro audaz, erguia a brônzea fronte,  
Examinando o norte, interrogando o sul.

Desengano cruel. Na esmeraldina alfombra,  
Resvala uma outra nau, perpassa uma outra sombra  
De oposta direção, mas de destino igual  
E ao longo da coberta, um eco, então ressôa,  
Do vigia a bradar: — Alerta! Vela a prôa!  
Era tarde demais pra conjurar o mal.

Em 16 estrofes emotivas e teatrais, o poeta chora a desgraça do vapor Bahia. E' ainda Câmara Cascudo, o citado-mágico da pena, que sem pintar os cabelos brancos do seu tempo literário, conserva-se, mestre, entre os mais novos. Sem mudar de estilo, sem usar palavras novas, milagrosamente, modernizou-se. E' êle quem nos diz: — Quando Dr. Antônio Siqueira Carneiro da Cunha voltava da Europa, a família reuniu-se, festivamente, num almoço, para homenageá-lo. Depois de agradecer a alegria dos parentes pela sua volta, de copo na mão, de pé, na cabeceira da mesa de engenho, faz o elogio da modinha romântica, tão ao sabor da época. E pede aos presentes que cantem com êle, no que foi atendido. Certa vez, na Bahia, Segundo, **tra-duzindo os acadêmicos**, saudava de um camarote de teatro, uma atriz-cantora, Alice Rebbotaro cuja voz impressionava a mocidade, como se um canto de pássaro pousasse na madrugada de sonhos juvenis. A atriz, comovida agradece num beijo e num sorriso, entre palmas e flores. Volta imediatamente aos bastidores e de lá surge, novamente, para cantar em cena aberta, numa homenagem ao poeta Poti-Baiano, a modinha da época, acompanhando-se, ao violão. E os últimos versos do Poeta e a Fidalga, foram abafados pela estrondosa salva de palmas que abalou a velha casa do teatro São João, estremecido de emoção, entre vivas e aclamações.

Bem sei que tu me desprezas,  
Bem sei que tu me aborreces,  
Que zombas das minhas preces,  
Com ostensivo desdem.  
Mas, não suponhas, não creias,  
Que êste rigor me consome.  
Pois, mesmo pobre e sem nome,  
Sei desprezar-te também.

Humorista, às vezes, também fazia sátira, e era místico. Seus hinos ainda hoje são cantados nas igrejas. E um deles que começa assim:

**Transbordam as selvas de flores  
Os céus se vestem de luz,  
Para entoarem louvores  
Ao coração de Jesus.**

Era o preferido pelas cantoras, nas madrugadas das missas das primeiras Sextas Feiras. No lirismo lembrava a simplicidade de João de Deus, a ternura, a delicadeza, e o romantismo de Fagundes Varela e Cassimiro de Abreu.

Deixa beijar-te as mãos alvas, pequenas,  
Macias como as asas das falenas  
Diáfanas, gentis;  
Ah! não fujas de mim,  
Não tenhas medo!  
Eu não digo a ninguém,  
Fica em segredo  
Este beijo feliz.

Supersticioso, tímido, acreditava em pragas e malefícios. E algumas vezes, se referia, em família, a um fato, que se dera com êle, quando estudante, do qual nunca mais podera esquecer. Na saída da Faculdade, numa tarde, uma preta baiana, que levava numa bandeja enfeitada de flores e velas, de rendas e fitas, uma cabeça de cêra para o Senhor do Bonfim. Em certo momento, numa brincadeira de mau gosto, um ponta pé atinge a bandeja da promessa. E a cabeça de cêra rola, na calçada em pedaços. Nunca mais pode esquecer a voz de maldição, que caiu sobre êles, rugindo numa praga terrível:— O barulho do mar perseguirá tôda a vida, a cabeça dos estudantes sacrílegos. E Segundo se dizendo também culpado, num arrependimento, que nunca mais o largou, se sentia castigado, pelo ruído irritante, que lhe atormentava a cabeça, de vez em quando. Era a consciência de cêra mole em que qualquer decalque poderia deixar a marca.

Homem da casa e da família, o amor profundo pela espôsa, transbordou nos sete filhos, defendendo-o de todos os desvios do coração. O único filho homem toma-lhe o nome e herda-lhe as virtudes. A filha mais moça, Maria José, a paixão pelo teatro, vencendo um concurso de amadores. Classificada pelos mais entendidos como uma grande caricata, em qualquer parte. Coube a Stela, hoje viuva do poeta Paulo Benevides, a herança do teatro e da poesia. De inteligência superior, foi na juventude-menina, a secretária particular de

seu pai. Possui dois livros de versos aguardando publicação. E várias peças de teatro levadas à cena, nesta capital. A adaptação, que fez de Marcelino Pão e Vinho, representada nove vezes em Natal e no interior, vale como uma consagração...

De índole branda e passos moderados, o poeta trovejava na poesia e na oratória, agressivo e arrogante, quando lhe serviam de inspiração, os temas de sua preferência.

Orientador da nossa poesia, disse Cascudinho, incansável em bendizer e lembrar tio Segundo. O mestre da literatura potiguar, como lhe chamava o *Oasis*, jornal em que colaborou e que redigiu; presente em todos os movimentos culturais e artísticos da cidade, era a figura de comando das nossas letras e das mais ilustradas, ao nível da cultura do seu tempo. Autor de várias peças teatrais, animador de teatro, apaixonado pelo teatro, era um fanático. A sua influência junto ao governo do seu tempo, deve a cidade em parte, o conhecimento das melhores companhias dramáticas do País. Era ele quem se encarregava de recebê-las, de acomodá-las, procurando resolver os seus problemas. Era o médico e o amigo, o intérprete e o defensor, das companhias, com as quais convivia diáriamente. Era o patrono. E' lamentável, ingrato e injusto, que nenhum conjunto teatral, no Rio Grande do Norte, tomasse o seu nome. Professor, médico, poeta, improvisador, teatrólogo, jornalista e orador, polemista, estimulava os moços e apoiava os velhos. Ferreira Itajubá, para quem predisse um grande destino de poeta, nunca publicava um poema sem o seu visto. Era ele mesmo quem se encarregava de divulgá-los nos jornais.

A sua poesia aderiu à alma do povo pela associação de idéias e de sentimentos, e viveu muito tempo e vive ainda, pelo dom de comunicabilidade, que Tristão de Ataíde chama em poesia, poder de comunicação. E mestre Esmeraldo Siqueira, uma cultura complexa no Estado e podendo ser no País, traduz com simpatia, uma espécie de namoro correspondido. Não era possível esquecer o seu nome nas comemorações populares, nas festas de família, nas referências literárias, nos pic-nics, nas serenatas, nos regozijos e nas tristezas da cidade. Durante muito tempo a sua poesia viveu sem envelhecer, andando nos jornais, nos leques, nas modinhas, nos postais, nos recitativos e nos albuns. E ainda hoje é lembrada. Há ainda quem a cante e a recite. Não somente *O Naufrágio do Vapor Bahia* e *O Poeta e a Fidalga*. Vez por outra escuto lembrar *Vozes de um Anjo*, poesia simples e ingênua, com que procurou consolar a esposa do cap. do Porto, que perdera um filho pequenino em Natal, da qual recitarei algumas quadras:

Mamãe enxuga teu pranto,  
Não chores porque eu morri  
Que eu vou escrever-te um canto,  
Nas asas de um colibri.

A morte apenas se encerra,  
De um sonho no fino veu...  
A gente dorme na terra  
E acorda, mamãe, no céu.

Ele é tão claro e tão lindo,  
Tantos prazeres produz  
Que eu vivo sempre sorrindo,  
Mais o Menino Jesus.

Meu berço é feito da aurora,  
De estrelas meu cobertor,  
Me embala Nossa Senhora,  
Me beija Nosso Senhor.

Se queres porém as dores  
Do seio teu apagar  
Eu faço um carro de flores  
E vou mamãe te buscar.

Segundo Wanderley, como se assinava, em poesia, versejou até o fim de sua vida. Versejou até na hora da morte, que chegou mais cedo do que podia ser num erro de diagnóstico. Deus trabalhou na sua alma. E esteve presente na hora final. Sacramentado, escutava contrito e resignado, as orações da sua filha mais velha, Francisca, Tidinha em família, Madre Wanderley, hoje no convento das Dorotéias, em que ingressou depois da morte de seu pai. Deus serviu-se da saudade paterna, para chamá-la a seu serviço. Depois da morte do seu poeta a terra lhe parecera erma, deserta. E' lamentável que a família não guardasse, mesmo de memória, o que êle falou, nos últimos momentos, de sobrenatural e de belo! No delírio da febre alta, febre perniciososa de que morreu. E por coincidência fora a sua tese médica. Espiritualizou-se. E na eloquência que lhe era própria, deu a sua última aula. Era o professor definindo a alma, era o poeta sacudindo as asas para o alto, no vôo certo e definitivo. Falou, ainda, pela última vez, em decassílabo e expirou:

— Meu Deus abri para mim,  
As portas de Vosso céu.

# Segundo Wanderley, Professor

ADALBERTO AMORIM

**N**ÃO venho fazer conferência, mas tão só, desobrigando-me da alta e honrosa incumbência que me foi conferida pelo Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, de representá-lo nestas magnificas festas, com que a Academia Norte Riograndense de Letras, houve por bem homenagear a passagem centenária do nascimento de Segundo Wanderley, dirigir-vos algumas palavras concernentes ao magno assunto que nos congrega neste momento.

Minhas senhoras, meus senhores:

Confesso, que quando aceitei o encargo, não me havia apercebido, de pronto, da enorme responsabilidade que tomava sobre os ombros, muito acima das minhas deficiências. E agora só me resta esperar a bondade da vossa complascência.

Do insigne poeta e dramaturgo muito já foi dito nestas memoráveis noites de evocação. E ainda ressoa, maviosamente, neste recinto a belíssima palestra que ontem ouvimos, de Palmira, a fulgurante poetisa do “Roseira Brava”, exalçando com a elegância de sua palavra encantadora e fácil as qualidades mais palpitantes do poeta do “Naufrágio do Vapor Bahia”.

Como sabemos, o Dr. Manuel Segundo Wanderley, nasceu nesta cidade do Natal, no dia 6 de Abril de 1860 e aqui passou os seus 49 anos, incompletos, quando a morte, implacável e cruel, arrebatou-o do nosso convívio.

Formado pela Escola de Medicina da Bahia, em 1885, clinicou por algum tempo em Salvador, quando, então, o seu espírito de moço entusiasta e ardente, ensaiou os primeiros vôos nos páramos cerúleos da poesia, sob a influência condoreira de

Castro Alves, o inspirado vate do “Espumas Flutuantes”, cujos arroubos repercutiam ainda no seio da intelectualidade baiana, resolvendo, entretanto, desenvolver as suas atividades profissionais em sua terra natal, dedicando-se, preferentemente, ás letras, para as quais sempre sentira irresistível e natural pendor.

Poeta e dramaturgo de elevada inspiração impôs-se desde logo, á admiração e respeito da mocidade, que nêle tinha um mestre e um amigo dedicado, leal e desinteressado.

Abraçando a Escola que immortalizou o poeta dos “Escravos”, em remigios ardentes de fantasia, tornou-se um modelo seguido por quantos estimam a poesia no que nela de mais acrisolado se contém.

E’ a Escola predestinada a jamais desaparecer —

*“Enquanto houver uma mulher que sinta,*

*Enquanto houver um coração que ame”.*

Paladino das bôas idéias, patrocinou sempre os que defendiam o patrimônio das letras e os que se batiam por princípios nobilitantes.

E’ assim, que vemo-lo, impertérito e dadivoso, tomar a si a defesa de quem era injustamente acusado, sem outro intuito ou interesse além do de ver triunfar, em tôda sua magnitude e pureza a causa da Justiça.

Segundo Wanderley, foi um homem que, esquecido de si mesmo, viveu para os outros, com a abnegação de um santo.

Incompreendido, tanta vez, nas suas atitudes, caminhou sempre, sereno e altivo, na trilha que lhe traçara o seu grande e magnânimo coração.

Como médico, humanitário que o foi, desempenhou as funções de Inspetor de Saúde Pública, Diretor do Hospital de Caridade e Professor de Ciências Físicas e Naturais do velho e inesquecível Ateneu Norte-Riograndense.

Dramaturgo, produziu peças verdadeiramente admiráveis e que eram encenadas por amadores da terra, por êle, proficientemente instruídos. “Alberto ou a Glória do Artista”, foi um dos primeiros dramas saídos de sua pena, cujas cenas empolgavam a seleta plateia que o aplaudia delirantemente. “A Louca da Montanha”, que ainda assisti no velho teatro “San-

ta Cruz”, situado no ponto em que hoje se ergue o “Cinema Nordeste”, era um drama emocionante, cujas cenas fortes e arrebatadoras eletrizavam os espíritos de quantos o assistiram. “Brasileiros e Portugueses ou o Último Grito de Liberdade”, “Amor e Ciúme” e tantos outros foram peças de sua lavra, de muita e elevada imaginação. E’ pena que muitas dessas produções estejam desaparecidas, por falta de publicação; trabalhos que lhe valeram acuradas lucubrações e por onde melhormente, poder-se-ia aquilatar do seu acendrado valor literário.

A Academia Norte Riograndense de Letras presta com êste elevado gesto, um merecido preito de Justiça, exaltando a memória de quem viveu de um incomparável e sublime ideal, no seio de seu povo, espargindo à mancheias, o bem por toda a parte.

De sua obra poética, também, muitas produções esparsas estão desaparecidas, não figurando na obra recentemente editada por iniciativa do Governo do Estado, na gestão Sílvio Pedrosa, como bem fez ver em suas NOTAS, o inteligente e infatigável presidente da Academia, Professor Manuel Rodrigues de Melo.

Quem não se recorda, com carinhosa saudade, das serenatas e saraus de família, onde preponderavam as modinhas e recitativos e muita vez surgia na voz maviosa de Luis Avila — O poeta e a Fidalga?

Segundo Wanderley foi um homem profundamente religioso e simples. Casado com a Exma. Senhora Dona Raimunda da Mota Bitencourt Wanderley, da sociedade baiana, de cuja união nasceram-lhe sete filhos — Francisca Amália, religiosa da Ordem das Doroteias, Semiramis, Stela, Maria dos Anjos, Consuelo, Manuel e Maria José — vivia no santuário do seu lar, embalado pela carícia de uma esposa amantíssima e pelo desvelado carinho das filhas, dentre as quais escolhera a Stela como secretária de seus afazeres de médico e de beletrista e em cuja alma cândida bebera tanta vez a magia de sua inspiração; Stela, que herdara o pendor poético e com êle também a modestia e o retraimento, descurando o seu valor de poetisa meiga e espontânea.

Nas proximidades de sua morte, cercado da esposa, fi-

lhos e amigos dedicados, fez com tôda lucidez de espírito, uma bellissima invocação a Nossa Senhora da Conceição, por quem tinha sincera devoção, que comoveu até às lágrimas a todos quantos a escutaram.

Minhas senhoras e meus senhores:

Há um aspecto, entretanto, na figura incomparável de Segundo Wanderley, que poucos conhecem e que constitui a meu ver uma bela faceta de seu temperamento de escól. E' a de Professor emérito e eficiente. E é dessa face de sua vida que me vou ocupar nesta ligeira digressão, aluno que fui, quando cursava a aula de Física e Química e História Natural, por êle, sabiamente ministrada.

A personalidade marcante de Segundo Wanderley, so fazia sentir em todas as suas atitudes: quer na cátedra onde se impunha com a respeitabilidade de seu saber, quer na sociedade em cujo meio resplandecia a vivacidade de uma inteligência invulgar prendendo as atenções dos mais cultos através de uma prosa escorreita e atraente. Só quem conviveu intimamente com êle, poderá medir o valor de sua intelectualidade e os altos conhecimentos de que era possuidor e que a sua irrefreável modéstia e retraimento pareciam obscurecer.

Era um Mestre que se interessava verdadeiramente pelo aluno, ajudando-o e incentivando-o com palavras carinhosas e persuasivas.

Lembro a sua figura tal como a descreveu o talentoso e erudito Câmara Cascudo: "Era um homem magrinho, baixo, cabelo de prata, pincenez, quasi sempre de preto, muito tímido e muito desconfiado".

Desinteressado de bens materiais, passou os dias enlevado no pensamento que lhe acariciava os sonhos. Tanto assim que deixou a família paupérrima, porque o seu feitio não lhe permitia angariar coisa outra que não fosse a conquista e a satisfação da felicidade alheia; e em sonho, constrói a sua, quando diz:

#### O MEU CHALET

Há muito tempo que eu desejava  
Ter uma casa para habitar,

Mas a penúria me asfixiava  
Não pude o sonho realizar.

Queria um nicho, todo de branco,  
Portas pintadas de belo azul;  
Um jardinsinho ligado ao flanco,  
Frente à chinesa mirando o Sul.

Uma saleta para visitas,  
Banhada em cheio de farta luz;  
Sôbre as janelas, cortinas, fitas,  
Pelos consolos lindos bijoux.

Cheia de encantos, de maravilhas,  
Singela alcova de rósea côr,  
Ninho formoso de minhas filhas,  
Dos brancos lírios do meu amor.

Um gabinete bem arejado  
Onde pudesse, grata ironia!  
Calando as mágoas do meu passado,  
Voar nas asas da fantasia.

Junto, o meu quarto, cômodas, redes,  
Sacrário augusto do nosso lar;  
Quadros de Santos, pelas paredes,  
E a cama armada como um altar.

Fora, um alpendre sôbre pilares  
Todo enlaçado de trepadeiras;  
Louras falenas cindindo os ares  
E ao longe, o hino das cachoeiras.

Duas palmeiras, como atalaias  
Guardando a frente do meu jardim;  
Conchas de nacar, de fulvas praias  
Formando grutas cor de rubim.

Por tôda a parte meigos afagos,  
Noites de Maio, manhãs de Abril  
Bailes de cisnes, nos verdes lagos,  
Festas de estrelas, nos céus de anil.

Nada de pompas, nem azulejos  
Conforto, apenas, somente paz.  
Plácidos sonhos, calmos desejos,  
Risos e flores, para que mais?

Bem cedo, iria, quanta beleza,  
Na hora excelsa dos arrebois  
Ouvir nos templos da Natureza  
A Missa agreste dos rouxinóis.

À tarde, à sombra dos arvoredos  
Haurindo a seiva de mil carinhos,  
Que de mistérios, que de segredos  
Na concha implume dos alvos ninhos.

Então minha alma, rica de espranças,  
Serenamente, repousarias,  
Ao doce eflúvio das coisas mansas,  
Das barcarolas das cotovias.

Porém sentindo ser impossível,  
Ver satisfeita minha ilusão  
Em duas horas, parece incrível!  
Fiz um palácio — de papelão.

E era assim o poeta, alcandorado sempre nas azas da fantasia.

Quando me dirigia à residência das filhas de Segundo Wanderley, no intuito de colher algumas notas para êste despretencioso trabalho deparei-me com uma pitoresca casinha, muito alegre, cujo jardim era guardado por duas palmeiras como atalaias. Fôra Stela que alí as pusera, objetivando, em parte, o sonho do poeta.

As suas aulas eram sempre entremeadas de alegres passagens. E em tudo, transpiravam os laivos da poesia fagueira e amena, quebrando a monotonia da ciência que professava. Na época dos exames, êle se preocupava mais da sorte dos alunos do que mesmo êles próprios. Chamava-os à sua casa para uma sabatina da matéria estudada e jamais reprovou um só dêles, mesmo os mais rebeldes às suas lições. Era um revoltado contra o sistema ainda hoje em voga de sorteio de pontos para mostrar o gráu de aproveitamento do sorteado. E dizia que isto não constituia prova de competência, vez que dependia da sorte do favorecido, caindo-lhe, talvez, o único ponto que estudara. E isto era uma verdade, experimentada tanta vez no decorrer dos exames.

Em sua cadeira não permitia mais do que cinco ou seis pontos na urna, para sorteio, e dava a cada um o que era merecido, pois conhecia a todos, sabendo o seu aproveitamento no decorrer do ano letivo.

Eis, minhas senhoras e meus senhores, a figura primordial do homem, ora homenageado na passagem do centenário do seu nascimento, um destacado vulto das boas letras norte-riograndenses, homem totalmente íntegro em qualquer aspecto de sua vida. E que fechando os olhos ao mundo, naquela piedosa e sombria noite de 14 de Janeiro de 1909, legou à sua terra um valioso patrimônio de inestimável valor que a posteridade acolhe com a solicitude de uma grande e preciosa dádiva.

Andou portanto muito acertadamente a Academia Norte-Riograndense de Letras promovendo-lhe esta homenagem de gratidão e carinho, como recompensa do muito que êle fez pelo alevantamento cultural do meio em que viveu.

# Segundo Wanderley - Teatrólogo

IVO FILHO

Fui eu o escolhido para, hoje, ocupar-me da personalidade de Segundo Wanderley, na qualidade de dramaturgo que também o fôra.

E, em mim, recaíu a escolha, porque, em tempos idos, depois de haver estado na ribalta, quando da minha infância e da minha mocidade, também entendi trazer ao público de minha terra as minhas emoções sentimentais, escrevendo dramas e escrevendo comédias e, em colaboração com Jorge Fernandes e Virgílio Trindade, trabalhei nas revistas de costumes locais: — “O ANTI-CRISTO” e “CÉU ABERTO”, que foram encenadas pelo “Ginásio Dramático”, sociedade mantida por mim, por mais de seis anos, gastando algum dinheiro do pouco que possuía; perdendo tempo, pois, diariamente, assistia a todos os ensaios, mesmo das peças que não eram de minha autoria, isso porque, quando faltava qualquer dos amadores eu o substitua, chegando mesmo a ensaiar o papel de alguma das damas que faltasse.

No “Ginásio Dramático” tornei-me seu Presidente perpétuo, espécie de ditador, pois, dado o esforço por mim desenvolvido e por todos os seus associados reconhecido, minha vontade imperava sôbre a de outro qualquer.

Mantinha o “Ginásio Dramático” um casal de artistas que, aqui, ficara, quando da dissolução da companhia Romualdo de Figueirêdo: Álvaro Costa e sua mulher— Cora Costa — por mim hospedados no “Hotel Avenida”, juntamente com dois filhos menores e Ligia Madgioli, mãe de Cora, e, para salvar a situação de aperturas em que nos achávamos, passámos a ensaiar o “Mártir do Calvário”, de Eduardo Garrido peça em versos, que deveria ser encenada, num sábado da aleluia,

com os resultados da bilheteria perfeitamente assegurados.

Era Governador deste Estado o Dr. Joaquim Ferreira Chaves, meu particular amigo e meu chefe político, que me havia cedido o teatro, então, “Carlos Gomes”, para, nêle, funcionar o “Ginásio Dramático”, a partir de seus ensaios, até o dia da representação da peça ensaiada, cabendo-nos, apenas, a obrigação de fazer o pagamento da luz, que não devia caber aos cofres do Tesouro, sempre em dificuldades, para fazer o pagamento do funcionalismo público e dos fornecimentos feitos pelo comércio de mercadorias destinadas ao Hospital “Juvino Barrêto”.

Estavamos com o atrazo de dois mezes, de nossas obrigações com o proprietário do “Hotel Avenida”, da hospedagem dos dois referidos artistas e sua família, adicionados de duas garrafas de vinho, que Álvaro Costa tomava, nas suas refeições e dos charutos que êle, normalmente, fumava, de forma que, certamente, a encenação do “Mártir do Calvário” vinha salvar-nos das dificuldades em que nos encontrávamos.

A êsse tempo, chega, aqui em Natal, o secretário de D.<sup>a</sup> Fátima Miris, a mulher que, sòzinha, representava uma opereta qualquer, como a “Princêsa dos Dólares”, a “Viuva Alegre” e tantas outras, de grande responsabilidade cênica. Era uma mulher extraordinária. Sòzinha, desempenhava ela todos os papéis da peça. Estando em cena, num papel de dama, elegantemente vestida, depois de falar e cantar, entrava por um dos bastidores e, em menos de um minuto, aparecia pela porta de fundo, envergando uma casaca de cartola, luvas e bengala, que, ao público dava tratos á inteligência como era que, em tão curto período de tempo, fazia ela a mudança daquela *toilette*.

Pois bem: o secretário de D.<sup>a</sup> Fátima Miris procurou o Governador do Estado, com a finalidade de alugar o teatro referido, durante os dias da Semana Santa, destinado ás representações de sua secretariada, porém, o Dr. Ferreira Chaves lhe respondêu ser impossível satisfazer as suas pretensões porque o teatro estava a disposição do “Ginásio Dramático”.

O homem, porém, não desanimou, e, na tarde de quinta-feira de Passos sou convidado pelo sr. Alberto da Silva Leal,

para comparecer ao Politeama, cinema que era por êle gerenciado. Atendi. Lá, encontrei-me com o referido secretário, o dr. Odilon de Amorim Garcia Filho, Delegado da Ordem Social e Política e mais outras pessoas, que me falaram sobre a possibilidade de ser cedido o teatro, durante os dias da Semana Santa, pois, a Da. Fátima Miris já se encontrava na capital paraibana, de viagem para esta cidade e, caso não conseguisse o teatro, como era de seus desejos, passaria para São Luís do Maranhão, abandonando a praça de Natal.

Mostrei-lhes a impossibilidade em que me encontrava, para atender-lhes o pedido que me era feito, pois, a encenação do “Mártir do Calvário”, no sábado da Aleluia, seria a salvação do “Ginásio Dramático”, pagando as dívidas que tinha.

O secretário calou-se, porém os circunstantes começaram a lastimar a impossibilidade do público de Natal de assistir o trabalho de uma grande artista, que era elogiada por todas as platéias que tinham tido a felicidade de assistí-la, de maneira que os meus argumentos eram sempre combatidos e nessa mesma tecla. E vi-me tão imprensado pela argumentação, que, acabei cedendo.

Na noite daquele dia fui ao teatro assistir o ensaio do “Mártir do Calvário”.

O segundo ato terminava com o enforcamento de Judas, parte que era desempenhada por Álvaro Costa e êle desenvolveu tão bem o seu papel, que a assistência, mesmo constituída por sócios daquela agremiação, aplaudiu-o entusiasticamente.

Era o momento do “golpe” que eu teria de dar. Levantei-me; abracei o Álvaro, e disse: imaginemos como isso não sairá tão melhor, se em vez do espetáculo ser no sábado da Aleluia, tiver êle de ser, no sábado seguinte. Foi um escândalo. Então, reuni o pessoal, e narrei-lhes o ocorrido. Todos ouviram-me calados, menos o Álvaro, que censurou a minha atitude. Mas, Deolindo Lima, ouvindo a censura que me era feita, virou-se para o artista contratado e perguntou-lhe: “Álvaro, o dono do “Hotel Avenida” já lhe apresentou qualquer conta”? E, obtendo resposta negativa, terminou: “então a palavra do professor Ivo terá de ser cumprida. E, assim, aconteceu.

Naturalmente, Manuel Rodrigues de Melo, o nosso dinâmico Presidente, sabendo de meus pendores pelo teatro, embora sem todas essas particularidades, mas, a partir do “Grêmio Dramático de Natal” que, comigo, Rui Paiva, o idealista que anda a braços com o “Teatro de Cultura do Natal”, Amaro Andrade, José Herôncio, José Aguinaldo de Barros, Carlos Siqueira, Luís Siqueira, Zete Wanderley e tantos outros, entendeu escolher-me, para, na noite de hoje, dizer alguma coisa sobre o grande Segundo Wanderley, não o poeta, porém, o dramaturgo. E, aqui, me encontro, no cumprimento do mandato que me foi outorgado, lastimando, entretanto, não me ter sido possível manusear tôda a obra teatral de Segundo, não para ter a pretensão de lhe fazer um estudo completo, porém, para, sobre todas elas, dar a minha opinião despreziosa, a respeito de seu poder imaginativo, ao tempo em que as mesmas foram escritas e representadas.

Segundo Wanderley adquiriu de seu pai, Luís Carlos Lins Wanderley, a herança de fazer poesia e escrever para o teatro.

Fazer peças teatrais, a meu ver, é um dos ramos mais difíceis da literatura, porque o teatrólogo, além de autor, precisa ser ator e público, ao mesmo tempo.

Escrevendo, necessita êle concentrar-se, de maneira a fazer na imaginação os lances cênicos, que lhe saem da pena e, na qualidade de público, assistí-los, para repudiá-los, ou aplaudí-los.

E' um gênero de literatura, profundamente cansativo e exgotante, daí, Emile Zola haver tentado um trabalho de teatro e ter abandonado, e Honoré de Balzac, tendo escrito uma espécie de tragédia sobre a vida de Cromwel, depois de o haver lido, entre os seus familiares, êle próprio o tendo achado medíocre, reputou um trabalho inútil, e abandonou-o.

Na França, poeta, romancista e dramaturgo, houve apenas Victor Hugo, que escreveu dramas tais como Hernani, Ruy-Blas, Cromwel e Burgraves, segundo nos informa Esmeraldo Siqueira, no seu livro denominado “LETRAS DE FRANÇA”. Na Inglaterra houve o gênio de Oscar Wilde, que escrevendo romances de uma concepção humana admirável, escreveu dra-

mas, entre os quais podemos destacar — “UMA MULHER SEM IMPORTANCIA”, aqui representado pelo Teatro de Amadores, de Recife.

Segundo Wanderley, porém, não tentou o romance, no que se afastou de seu pai, mas, além de versos, escreveu dramas, que foram representados no antigo teatro “SANTA CRUZ”, hoje, cinema e Rádio-Nordeste, nos quais trabalharam amadores, daquêle tempo, tais como: Joaquim Damasceno, Emídio Getúlio, Bonifácio Câmara, João Pó, Virgílio Benevides, Ezequiel Wanderley e outros que não eram de meu tempo, tendo como damas Honoria Reis e Maria Epifânia.

Escreveu êle “BRASILEIROS E PORTUGUESES”, de feição patriótica; “ALBERTO OU a GLÓRIA DO ARTISTA”, “A LOUCA DA MONTANHA”, “AMOR E CIUME”, e a comédia, em um ato, denominada “A PULGA”, além de outras peças de fôlego menor.

Calculo a luta íntima de Segundo Wanderley, ao fazer o seu teatro, pois, poderia êle ser autor e, intimamente, público, porém, não poderia ser ator, dêsde que a ribalta lhe era, praticamente desconhecida.

Quantas e quantas vezes, eu, no “Ginásio”, ensaiando uma peça de minha autoria, tive necessidade de mostrar ao amador que iria representar determinado papel, qual teria sido a minha intenção cênica, ao escrevê-lo. E isso fazia eu, porque? Porque a ribalta era de meu conhecimento.

Hoje, a coisa é mais complicada ainda.

O “TEATRO DE CULTURA DO NATAL”, que vem fazendo seleção nas peças teatrais que representa, contrata ensaiadores especiais, como Valter de Oliveira e Graça Melo, cujos serviços lhe custam elevada importância, os quais começam dô ensaio de marcação, até o ensaio geral, como ocorreu com “CÂNDIDA”, de Bernard Shaw, “A MORTE DO CAIXEIRO VIAJANTE”, de Miller e o “FANTASMA”, de Guilherme Figueirêdo, peça encenada nessa última temporada, e, tanta confiança tinha o “TEATRO DE CULTURA DO NATAL”, nos resultados da sua encenação, que fez questão da vinda do seu autor a esta cidade, para assisti-la e atestar que grupo de artistas nenhum teria encenado a sua peça com maior perfeição.

Esse é o teatro moderno, onde há quasi um cenário apenas e o restante é feito por meio de combinação de luzes; ou, então, existe o palco giratório, no qual a mudança é feita sem grandes demoras, para não enfadar o público. E tudo isso não é do tempo de Segundo Wanderley, motivo por que seus trabalhos devem ser encarados com muito maior carinho.

Manuel Rodrigues de Melo, pretendendo orientar os acadêmicos que se encarregassem de escrever, para a semana comemorativa ao primeiro centenário de nascimento de nosso referido conterrâneo, publicou, em roda-pé, na "TRIBUNA DO NORTE", "NOTAS PARA O ESTUDO DE SEGUNDO WANDERLEY" e, nas primeiras delas, com amparo em noticiário por êle encontrado, no "OASIS", do Grêmio Literário *Le Monde Marche* faz referências a algumas encenações de suas peças teatrais, feitas pela Sociedade Dramática "TREZE DE MAIO", mostrando o entusiasmo de nossa platéia áquêle tempo, pois, o aludido jornal, noticiando a encenação do drama — "A LOUCA DA MONTANHA" — feita na noite de 27 de Junho de 1895, classificou-o de arrebatador, e noticiava os aplausos que lhe foram dados.

"A LOUCA DA MONTANHA" é um drama constituído de um prólogo e cinco atos, havendo cenários diversos, da sala nobre, á sala humilde, á floresta, á caverna, ao Forum, onde é feito o julgamento de Antônio Fernandes, que é defendido por seu próprio filho Júlio, acadêmico de direito, e acusado por um crime que não praticara e pelo qual fôra condenado á morte, pena que se comutára em degrêdo perpétuo em Fernando de Noronha, e, no presídio, finalmente, chega ao conhecimento da justiça a inocência do réu condenado, alcançando êle a sua liberdade.

Nêsse trabalho, Segundo Wanderley fez o estudo de vários caracteres humanos, do homem máu, que era o Barão de Santa Helena, o desvirginador de Lúcia, por estupro, anestesiando-a aos homens de bem, tais como Antônio Fernandes, seu filho Júlio, seu compadre Manuel Pancada, chegando até ao chefe dos bandidos, Ricardo que, ao suicidar-se, para não ser preso pela polícia que o perseguia, chama a si a responsabilidade do assassinato do Barão de Santa Helena, que não fôra

por êle feito e sim por Carlos, o irmão de Lúcia, ambos filhos de Antônio Fernandes que, aliás, os não conhecia, como êles, igualmente, não conheciam seu pai, que não se casara com a mãe de ambos, na sua mocidade, dada a oposição que lhe fizera a família, ao tempo em que os filhos rendiam obediência cêga a seus pais.

Eis o enredo do drama — “A LOUCA DA MONTANHA” — que, ao seu tempo, tantos aplausos arrancára de nossa platéia.

Segundo Wanderley escreveu os 1.<sup>o</sup> e 2.<sup>o</sup> atos de “OS ANJOS DO CLAUSTRO”, cujo terceiro é de autoria de sua filha Stela Wanderley. A ação se desenvolve na França, ao tempo em que fôra decretada a expulsão das ordens religiosas, naquêle país. Certamente, êsse trabalho não chegou a ser encenado, pois, os dois primeiros atos foram escritos, no ano de 1906 e o último, em 1940.

Palmira Wanderley, no seu trabalho lido, aqui na Academia, disse-nos que a Segundo devia-se a vinda de várias companhias dramáticas á nossa terra, e, aqui, chegando, êle se encarregava de tudo, dêsdê a hospedagem dos artistas, até o aluguel do armazem, quase sempre, na Ribeira, onde seria armado o palco, e dados os espetáculos. Se artistas, a esta cidade, aportavam, sem ser a convite seu, já traziam a indicação de seu nome, como sendo a criatura capaz de os acomodar. E foi, assim, que, aqui chegou a Companhia Ferreira da Silva, que se instalou em um armazem que, hoje, é o estabelecimento comercial da firma Gurgel Amaral & Cia.

Feitas as necessárias acomodações, Segundo Wanderley sofreu uma crise de paludismo, de modo que, durante o período agudo da moléstia e sua convalescência, escreve seu drama “AMOR E CIUME”, com os papéis já distribuídos: Antônio Livramento, que faria o papel de médico; Lúcia Fernandes, que desempenharia o papel da esposa ciumenta; Antônio Andrade e Felicidade de Andrade, o casal, amigo da família, e Ferreira da Silva, que faria o papel de baixo comico.

“AMOR E CIUME” é um drama, profundamente, humano, de maneira que todos os seus tipos constituíam um estudo perfeito, dentro da realidade da vida.

Seu primeiro ato é uma festa, na casa do médico, em comemoração ao aniversário de sua esposa, e quando, no meio dela, recebe êle um chamado, para atender a um doente que se encontrava em perigo de vida, a esposa se opõe á sua saída, porém, êle a repele, mostrando que tinha feito um juramento, no ato de receber seu gráu de doutor, e êsse juramento êle o cumpriria a qualquer preço. E sái. Sái, e quando retorna, já a altas horas da noite, a festa teria terminado, porém, a esposa o espera, com a filhinha a dormir, numa espécie de divan, descarregando tôda sua cólera de mulher ciumenta. Por maiores que fossem suas desculpas, ela as não aceita, chegando a lastimar tivesse êle escolhido aquêle dia e na noite dos festejos de seu aniversário natalício, para a prática de um ato de infidelidade. A discussão acirrada se desenvolve e o ato termina, êle abandonando o lar, despedindo-se da filha, por entre seus beijos, a qual desperta ao calor daqueles mesmos beijos, umedecidos pelas lágrimas queimantes que de seus olhos caíam.

No segundo ato, o cenário é o mesmo, porém, do casal amigo, o homem faz-se apaixonado da esposa do médico, e é por ela repellido, em lances de cenas pesados, nos quais as virtudes da esposa, sobrepujam os sentimentos lascivios do indivíduo que se fingia um dos amigos de uma família honesta.

O terceiro ato tem o mesmo cenário. A filha do casal, que não cançava de chorar a ausência do pai, cega. Cegando, mister se faz a presença de um médico, que teria de ser seu próprio pai. E êle vem. Vem e começa a tratar da filha, de forma que, nêsse ato, a operação já está feita e é o dia em que deverão ser tiradas as vendas dos olhos da criança. E ao serem retiradas tais vendas e alcançando ela diante de si a pessoa do pai, que tanto estimava, forma-se uma cena arrebatadora, entre os três, mulher, marido e filha, e o drama termina com a união dêsses dois entes que o ciúme os teria separado, e a paz e a felicidade retorna áquêle lar, por onde as sombras de uma desventura mal compreendida teriam passado, durante mêses e mêses a fio.

A interpretação do "AMOR E CIUME" foi perfeita e Se-

gundo Wanderley recebeu da assistência que não era pequena uma homenagem apoteótica.

A companhia Ferreira da Silva era constituída por cinco grandes artistas, mas, dentre êles, um necessita de menção especial: Antônio Livramento, que, além de ator, e bom ator, era o cenógrafo da companhia. Não era êle, propriamente, prêto, porém, era bem “puxado” na côr. Entretanto, quem visse aquêle homem, na ribalta, desempenhando sempre o papel de *galant*, não o reconhecia, tal a sua *maquillage*, que o fazia aparecer branco, e bem branco, e se envergava uma casaca, dificilmente, sua elegância podia ser imitada. Em cena, reconhecia-se Antônio Livramento porque somente trabalhava de luvas. . .

“A PULGA” foi um gênero de teatro novo a que se lançou o espírito literário de Segundo Wanderley, — a comédia. Não a comédia de chanchada e de frases pornográficas, mas, a comédia limpa, de enredo leve, e suave.

Trata-se de dois primos: êle que teria voltado á terra de seu nascimento, depois de formado em Estado estranho, e ela, bonita, inteligente e culta, que fôra, por êle, encontrada em estado de solteira. O Juca, nome do personagem, vinha tomar a benção ao tio.

Nos primeiros instantes do encontro de ambos, começa a simpatia, e ela passa a indagar a vida que êle levava em lugar distante, onde passara cerca de seis anos, e, no entusiasmo da conversa, a prima pede ao primo que lhe dê as costas, porque uma pulga a estava mordendo uma das pernas e ela precisava matá-la. E êle atende o pedido que lhe era feito, inocentemente.

Aquele tempo, as mulheres usavam as sáias a lhe cobrirem os pés. Não havia estação balneária e, portanto, o *maillot*, era coisa desconhecida e imoral.

Ela ergue a sáia, até os joelhos, a procurar a pulga, e, em aparte, comenta a inocência do primo, que, de costas, não lhe compreendera a intenção. Depois de fingir procurar o maldito animal, declara que o mesmo teria escapado, e volta á palestra que teria sido suspensa, por alguns instantes, ela a indagar sôbre a sua vida de estudante; se teria tido saudades

da família ausente; das festas que frequentava; se as moças do lugar eram bonitas e vestiam bem, e, quando a interpelação já ia animada, a prima roga ao primo que lhe volte as costas, porque a pulga continuava a supliciá-la, e precisava morrer.

Ele atende, porém, como já tivesse compreendido os ardis da prima, dá-lhe as costas, arrisca um olho, enquanto ela erguia a sáia acima do joelhos, havendo apartes, de um e outro lado, êle enaltecendo as pernas roliças e bem feitas que estava vendo e ela satisfeita, porque seu ardil, que parecia dar os resultados previstos, até o momento em que ela declara que o animalsinho lhe havia, novamente, fugido das mãos.

Novos assuntos aparecem: ora sôbre a estadia do primo, na Faculdade de Medicina, ou sôbre a vida da prima, no meio social em que vivia, admirando-se êle d'ela não haver casado, pois, além de bonita, era rica. Porém, no meio dessa conversa, a Rosinha grita: “primo Juca, vire-se, vire-se depressa, para ver se, dessa vez, pego essa maldita pulga. E êle vira-se. Vira-se, porém, agora, arrisca ôlho e meio, e quando ela suspende a sáia muito acima dos joelhos, alcançando uma grande parte das coxas, o primo, inopinadamente, toma-lhe a frente, abraçam-se, beijam-se, e saem á procura do tio, perante quem êle o primo Juca vai pedir a prima Rosinha em casamento.

Essa comédia que, em *première* foi encenada pela Sociedade Dramática “12 de Outubro”, cuja séde era na rua Nova, hoje, Avenida Rio Branco, no prédio que, presentemente, é ocupado pela firma Manuel Jacob & Cia. teve como intérpretes Aristóteles Costa, no papel de Rosinha, que nos deu um tipo verdadeiramente feminino e puxando para a beleza, e o do Juca, por Luís Petit, neto do juiz aposentado, Dr. Lodolfo, tendo merecido os mais rasgados aplausos de nossa platéia.

Continuemos, porém, com “A PULGA”.

Ezequiel Wanderley era o proprietário do bilhar — “A POTIGURÂNIA” — no prédio onde, hoje, funciona o café “MAGESTIQUE”, e era o centro principal do mundo intelectual daquela época.

“A POTIGUARÂNIA”, do lado do Norte, era um descampado, e Ezequiel, como bom Wanderley, que o era, apaixonado,

nadíssimo por teatro, aproveitou êsse espaço baldio e fez, nêle, aos fundos, um palco, onde pequenas companhias que aqui chegavam, encenavam suas peças, ficando o público assistente, na parte livre, sendo, assim, campais os respectivos espetáculos, quando, a Natal, chega Cândida Palácio com seu marido, dando algumas representações de peças comportantes apenas de dois personagens.

E como “A PULGA” constituísse a peça de que necessitavam, não somente porque duas eram as suas figuras, como também porque seu autor era Segundo Wanderley, passaram a ensaiá-la, anunciando sua representação.

O teatrinho encheu-se pelo nosso público, sendo até difícil fazer a acomodação das cadeiras que, para o local, eram levadas, pois, àquêle tempo, quem quizesse assistir um espetáculo, mesmo que fôsse êle em um dos armazéns da Ribeira, teria de mandar as suas cadeiras.

E iniciou-se a encenação d’ “A PULGA”.

Cândida Palácio, conquanto já balsaquiana, era, entretanto, uma mulher bem feita e até se aproximando de bonita.

Quando o primo Juca lhe dava as costas, para que ela perseguisse a pulga que a mordida, e ela levantava as sáias, os olhos dos marmanjos, especialmente, os velhos, como se fossem dois olofotes, focalisavam aquelas pernas bem contornadas.

Feito o primeiro pedido de Rosinha, foi êle atendido pelo primo Juca; feito o segundo, êsse, igualmente, foi atendido, porém, ao ser feito o terceiro, Joaquim Marinho, um estudante que se encontrava, na platéia, gritou com todas as forças de seus pulmões: “Rosinha, mela o dêdo”, pois, era do conhecimento de todos que, quando uma mulher queria pegar uma pulga, primeiramente, molhava o dêdo de cuspo. Foi uma hilaridade, e Joaquim Marinho foi tido e havido como o maior ator daquela noite.

\* \* \*

O espírito de Segundo Wanderley era polimorfo. Na poesia foi condoreiro e foi parnasiano. Escrevendo para o teatro de melodrama, foi à comédia sadia, aos atos patrióticos como as “TRÊS DATAS”, representadas em “7 de Setembro”,

enaltecendo a nossa emancipação política; “13 de Maio”, onde êle, dera um grito de louvor à emancipação dos escravos, de que fôra um grande batalhador; e “15 de Novembro”, tecendo um hino de glórias á proclamação da República, de que fôra um imenso entusiasta, havendo em cena um índio a representar o Brasil, quebrando os grilhões que lhe jungiam os braços, terminando êsse sainête com uma apoteose, na qual uma mulher feericamente, iluminada, representava a Pátria agrada-decida.

Outra peça para teatro escreveu êle, a qual se perdera com o perpassar dos tempos, porque ficara apenas em manuscrito; não fora publicada, dada a sua despreocupação; tendo escrito uma revista de costumes locais “NATAL EM CAMISA”, na qual, além dos versos, que foram musicados pelo Maestro Luiz Smido, fez êle o poema, estudando os tipos interessantes de Natal, àqueles tempos.

Foi nessa situação de glórias imarcessíveis que Antônio Marinho encontrou Segundo Wanderley, dentro do coração de seu povo, porque dêsse afeto era êle merecedor, pela sua inteligência, sua cultura, sua abnegação literária, quando escreveu os artigos de crítica epigrafados: — “SEGUNDO WANDERLEY, COMO POETA E COMO DRAMATURGO”.

Antônio Marinho, muito moço ainda, teve a infelicidade de perder seu pai, e como não pequena fosse a família que ficara sob sua responsabilidade constituída pela mãe e quatro irmãos — três moças e um rapazola, ao tempo em que as moças não conseguiam emprêgo, entendeu ir fazer fortuna, na região amazônica, tão sorridente aos que a procuravam, não para fazer burocracia, mas, para trabalhar nos seringais.

E, para Belém do Pará, seguiu Antônio Marinho, passando a trabalhar, na imprensa, como revisor de jornais, ao mesmo tempo que estudava em autores franceses, sem bem conhecer-lhes a lingua, tendo necessidade de viver a manusear dicionários, a procura da significação de palavras que nem sempre traduzem o pensamento exato daquêles que as escreveram.

E foi tal o esforço por êle feito, num clima, verdadeiramente rebelde, sem qualquer fração de conforto, alimentan-

do-se mal e dormindo pior, que adoeceu, e viu-se na necessidade de regressar à terra que deixara, tendo, aqui, chegado, já com os pulmões bastante comprometidos.

Entregara-se, aqui em Natal, aos cuidados médicos do Dr. José Paula Antunes, baiano inteligente e culto, grande amigo da família, que começou a tratá-lo, tentando mudar-lhe o regimen de vida, no que êle não atendia.

Moço, elegante, valsista, como quem melhor o fosse, fingindo não compreender o mal que lhe minava a existência, Antônio Marinho desobedecia os conselhos médicos, e tomava parte em todas as reuniões dançantes familiares, daquela época, em cujas casas residenciais o piso era de tijolo o qual, mesmo forrado de estopa, soltava uma poeira finíssima, que invadia os brônquios, quando debaixo dos pés dos que dançavam valsas, polcas, chotis e quadrilhas, e, assim, Antônio Marinho ia agravando, cada vez mais, o seu estado de saúde, até que, nomeado administrador da repartição de nossos Correios, por ordem de seu médico assistente, alugou um prédio em Refo-les, indo, ali, residir, afastado de tudo e de todos.

Esse isolamento o acabrunhou profundamente, e tendo quase certeza de que a morte já distendia suas azas, sôbre sua pessoa, procurou êle uma vítima, em que descarregasse as agônias de sua vida angustiada. E essa vítima foi — Segundo Wanderley — o homem bom, incapaz de ofender a quem quer que fosse, que vivia apenas preocupado com os seus sentimentos e pendores artísticos, pois, seu mundo não era o mundo material, porém, o de seus sonhos espirituais.

Para Antônio Marinho, porém, êsse seria o homem que lhe devia servir de cobaia, pois, êle precisava de provocar um escândalo literário e, então, pela revista, "A TRIBUNA", órgão do Congresso Literário, publicou o seu referido trabalho.

Não encontrou êle o apoio que esperava encontrar, mesmo no seio de seus colegas do aludido grêmio literário, do qual Segundo Wanderley também fazia parte. E isso o desapontou, especialmente, depois da resposta que lhe dera o poeta, somente em alguns períodos, resposta que encheu de jubilo o povo desta cidade, mesmo aos que faziam literatura, figurando, entre êsses, Aurélio Pinheiro que, porisso, foi, posteriormente,

por êle. Antônio Marinho criticado, acerbamente, fazendo-lhe ataques de tal maneira agressiva que ocasionaram irem ambos a vias de fato, no “cantão” da Potiguarânia, onde ás tardes se reuniam os intelectuais de nossa *urbs*, no lugar que hoje, é ocupado pelo prédio das lojas das máquinas Singer.

Antônio Marinho sentiu a repulsa do povo de Natal ao seu trabalho, enquanto Segundo Wanderley era reverenciado por todos os seus conterrâneos.

A sua crítica não alcançou os efeitos por êle almejados, não tendo ido além do escândalo literário que provocou.

Antônio Marinho errou o alvo que pretendeu alcançar. E errou por sua incoerência, pois, se na esfera poética criticou apenas o condorismo, êsse condorismo que Castro Alves exercitou com mestria, mesmo na pugna travada com Tobias Barreto, no teatro Santa Izabel, de Recife, quando ambos procuravam, apaixonados, endeusar a atriz Eugênia da Câmara, deixou de mãos a escola parnasiana, na qual Segundo fez versos impecáveis, merecedores dos maiores encômios.

Estudando o teatrólogo, esqueceu-se dos tipos humanos que êle criara, para somente comentar os diálogos, sem remontar ao tempo em que os mesmos foram escritos, dentro da escola romântica, não se preocupando Segundo com o futuro que esperavam suas peças, mas, apenas com a satisfação que elas deviam proporcionar á platéia que as iria assistir e aplaudir, sendo para não ser desprezado o fato de não haver êle estabelecido um termo de comparação, entre qualquer das peças dramáticas que criticara, com o drama — “O ENGEITADO” — de Henrique Castriciano, inspirado na escola realista de Zola, Anatole France e tantos outros, e que o público de Natal não poudesuportar, tanto assim que, ao terminar a sua encenação, uma grande parte já se havia retirado.

As glorificações literárias que aureolaram a pessoa de Manuel Segundo Wanderley, o poeta, o dramaturgo e comediógrafo, Antônio Marinho não as poudes empanar. E elas continuam, cada vez mais intensas, chegando aos nossos dias. A prova desta afirmativa, temo-la nós, vendo as homenagens que lhe são prestadas pela Academia Norte-Riograndense de Letras, comemorando com uma semana de estudos, a seu respeito, a passagem do primeiro centenário de seu nascimento,

elevando o pedestal feito de aço retemperado, pelo povo de nosso Estado, onde foi colocado seu corpo, quando em vida, a procura das nuvens, com a finalidade de receber, embora por poucos instantes, o seu espírito de escol que, de ha muito, se encontra no gozo dos deslumbramentos invejáveis existentes na mansão celestial, onde somente penetram os bons e os justos, formando o *corum*, que vive a entoar o hino sublime e eterno de “Glória a Deus nas Alturas, e paz sôbre a terra, entre os homens de Bôa Vontade”.

# Notas para o estudo de Segundo Wanderley

M. RODRIGUES DE MELO

## I

A PALAVRA *wan-der-ley* aparece, pela primeira vez, na história do Rio Grande do Norte, com o nome de Gonçalo Lins Wanderley, casado com Francisca Xavier de Macêdo, filha de Francisco Xavier de Macêdo e Terêza de Jesus. Gonçalo Lins Wanderley era filho legítimo de João de Sousa Pimentel e Josefa Lins de Mendonça. Deste casal, como se vê, procede a família Wanderley do Rio Grande do Norte. Moravam todos na Vila Nova da Princesa, Açú. Dalí, parece, desgalhou-se a família para outros pontos da Capitania depois Província e finalmente Estado. Uma boa percentagem radicou-se em Natal, ficando a outra na Vila Nova da Princesa. Dalí e daqui foram os *wan-der-ley* emigrando para outros municípios, destacando-se Moçoró e Macau. O crescimento da família determinou, com o tempo, novas migrações, de modo que atualmente estão os *wan-der-ley* distribuídos por todo o território nacional. Sentimentais e generosos, os *wanderley* do Rio Grande do Norte não abandonaram nunca a terra potiguar. Natal e Açú permanecem disputando as preferências da família. Uma tradição existe que dá os *wanderley* como descendentes de dois irmãos vindos de Portugal, no período colonial. Um radicou-se em Pernambuco. Outro veio para o Rio Grande do Norte. Eram ambos holandeses. Os seus nomes perderam-se na memória dos pósteros. Ficou apenas a tradição, relatada, através dos tempos, pelos antigos membros da família. Judeus ou protestantes, fugindo à alçada do Santo Ofício, trocaram os nomes, adaptando-se melhor às conveniências do novo meio. Esta hipótese não vem fóra de propósito. A crônica do Brasil está pontilhada de fatos dessa natureza. Lycurgo Santos Filho, estudioso honesto e consciencioso dêsse fenômeno, nos sertões da Bahia, nos conta a história de um judeu, Miguel Lourenço de Almeida, que se tornou familiar do Santo Ofício para escapar à ação

repressora da velha instituição monárquica. Curioso é notar que os pais de Gonçalo Lins Wanderley não usassem o nome da família. Por que? Conveniência, receio de perseguição? O nordeste foi teatro de grandes lutas entre holandeses e portugueses, católicos e protestantes, no século XVII. Expulsos os holandeses, deve ter perdurado por muito tempo a indisposição contra tudo que tivesse cheiro ou sabor holandês. Os sacrifícios de Cunhau e Uruaçu não poderiam ser esquecidos tão depressa. Os adeptos da colonização holandesa se apegam a motivos sentimentais, de ordem cultural e artística, para explicar as benemerências do holandês e deprimir a ação do colonizador português. Preferem ao brio, à personalidade, à honra da nacionalidade em formação, as telas, os quadros e as manifestações de fidalguia suspeita do Príncipe João Maurício de Nassau. Mas isto é outra conversa. Por que o pai de Gonçalo Lins Wanderley não usava o nome tradicional da família? E por que Gonçalo o restaurou? No Brasil só as famílias plebéias, sem eira nem beira, desprezam a linhagem genealógica, dando nome aos descendentes sem nenhuma consideração à linhagem tradicional. Ora, a família Wanderley, de Gonçalo Lins Wanderley até hoje tem mantido o nome tradicional, mostrando assim que coloca bem aito os problemas do espírito e da inteligência, sendo essa uma das mais altas virtudes da sua grei. Essa permanente vocação para as letras e para as artes tornou a palavra **wan-der-ley** quase sinônimo de **poesia, arte, boas letras, sensibilidade, bom gosto, virtuosidade** enfim. Essa permanente, porém, ligada ao nome de origem holandesa, faz desconfiar da ausência do mesmo nome no pai de Gonçalo Lins Wanderley. Por que essa ausência? Seria por um dos motivos acima propostos? Não sei. E' motivo de pesquisas mais demoradas. O fato de ser a família tradicionalmente católica, de Gonçalo Lins Wanderley para cá, não invalida a hipótese proposta. Miguel Lourenço de Almeida era judeu e tornou-se familiar do Santo Ofício. Além disso, a ação do meio, amolecendo as durezas temperamentais, adocicando o caráter, amoldando a personalidade às conveniências, é de grande importância na vida dos indivíduos. Isto, sem falar no sentimento, transmitido hereditariamente através de várias gerações. Carolina Wanderley, estudando a personalidade do seu avô, Dr. Luís Carlos Lins Wanderley, no discurso de posse, na Academia Norte Riograndense de Letras, tem uma frase que define, não só o traço principal do seu patrono, mas de toda a ilustre família dos Wanderley. Diz ela: "descendente de holandeses e portugueses, êle herdou das duas raças de origem as qualidades que as caracterizam: a pureza de princípios, o amor ao direito, o respeito à justiça e o sentimentalismo que foi o traço de sua vida particular e pública e se faz sentir em toda a sua obra literária".

De fato, o sentimento, sobretudo, é o traço dominante em toda

a família wan-der-ley. Ninguém foi mais sentimental que os Wanderley. A começar pelo Dr. Luis Carlos Lins Wanderley, poeta, dramaturgo, teatrólogo, jornalista, médico, cronista, crítico literário, fazendo madrigais á sua mulher e até morrendo no mesmo dia em que esta faleceu.

Esse estado dalma, amoroso, sentimental vem acompanhando a família sem solução de continuidade. Em regra geral, todos são afetuosos, delicados, corteses, verdadeiros fidalgos, em discordância com o século trepidante, barulhento, brutal, pebolístico em que vivemos. E' um milagre de bom gosto, educação, sobriedade, ver um casal como Alberto Wanderley e D. Francisquinha Wanderley, nesses tempos divorcistas, de infelicidades conjugais, cinquentões, passando pelas ruas da cidade como dois noivos dos velhos e bons tempos patriarcais. O mesmo se dá com Sandoval Wanderley e sua esposa, primos legítimos, estimando-se e amando-se durante tôda a existência. Cito apenas estes como modêlos que servirão de espelho num confronto que se tente fazer. Não diremos que os wan-der-ley sejam anjos nem que almejem a êsse estado só atribuível aos eleitos da côrte celestial. Seria desfigurá-los, desumanizá-los, introvertê-los. Longe de mim tal intento. Esse estado dalma, sentimental, não raro explode em cólera, dando lugar às mais contundentes manifestações de represália quando ofendidos nas suas personalidades. Bastaria lembrar como exemplo a interminável polêmica de João Carlos Wanderley com Elias Souto, no século passado. E neste século, a campanha de Sandoval Wanderley, pela **Folha do Povo**, contra o Prefeito de Natal, Engenheiro Omar O'Grady, por motivos políticos. Sentimentais e generosos, passada a luta, esquecem as cicatrizes, lavando com o bálsamo da caridade e da polidês, as chagas abertas pelo contendor. Não guardam ódio nem rancor. Isso mostra a grandeza de sentimento, a nobreza de caráter dos wan-der-ley. Dotados do mais alto grau de inteligência e sensibilidade, os wan-der-ley exercem no Rio Grande do Norte o principal da arte, nos mais diversos ângulos da sua atividade. Depois do pai, Dr. Luis Carlos Lins Wanderley, quem mais se destacou na família foi o dr. MANUEL SEGUNDO WANDERLEY. Médico, dramaturgo, teatrólogo, jornalista, político, professor, Segundo Wanderley foi sobretudo poeta, conhecido, estimado e louvado em todo o país. Depois deste vem o seu irmão Ezequiel Wanderley, poeta, crítico literário, cronista, dramaturgo, teatrólogo, autor de livros, dedicado, durante tôda a vida, aos assuntos artísticos e literários da provincia. Ninguém amou mais a terra, as letras, as artes, a vida social, as boas festas, os bons ambientes do que Ezequiel Wanderley. De Ezequiel descendem Oscar Wanderley, advogado, jornalista e professor; Dulce Wanderley, pianista, professora; Genar Wanderley, poeta, radialista e teatrólogo. Luis Carlos Lins Wanderley Filho foi outro expoente da família

wan-der-ley, entre nós. Filho do primeiro deste nome, irmão de Segundo e Ezequiel, Lucas Wanderley deixou fama como musicista, compositor, professor, poliglota, inveterado leitor de bons autores, sem contudo, escrever uma só página. Deste descendem Carolina Wanderley, professora, poetisa, ocupante da cadeira n. .... da Academia Norte Rio-grandense de Letras, de que é patrono o seu avô paterno Dr. Luís Carlos Lins Wanderley; Sandoval Wanderley, jornalista político, poeta, teatrólogo, dramaturgo; Alberto Wanderley, modelo de esposo, o homem bom da família, poeta bissesto, compositor para seu próprio deleite. Celestino, advogado, poeta, jurista, legou ao Rio Grande do Norte um nome limpo e uma coorte de filhos cada qual mais digno de pospor ao nome de batismo a divisa tradicional dos wan-der-ley. Palmira Wanderley, joalheira do verso parnasiano, uma das mais fecundas e brilhantes inteligências da terra potiguar; Jaime dos Guimarães Wanderley, excelente poeta, dramaturgo e teatrólogo; José Wanderley, teatrólogo de renome internacional; Luís Wanderley, cônego, orador sacro dos mais completos da sua geração; Lauro Wanderley, médico de renome e de conceito em João Pessoa, Paraíba.

Aqui ficam os principais. Não se trata de um tratado de genealogia. Trata-se de um roteiro da família. De um ensaio crítico, sentimental, introdutório para ensejar o estudo da mais alta cerebração da família wan-der-ley, no Rio Grande do Norte. Esse luminar, essa cerebração, esse homem excepcional foi, como veremos em seguida, o Dr. Manuel Segundo Wanderley. (1)

## II

**M**ANUEL Segundo Wanderley nasceu no dia 6 de abril de 1860, na rua da Conceição, em Natal. Em 1894 tinha, portanto, 34 anos de idade.

A revista "Oásis", fundada no dia 15 de novembro dêste ano, por Benvenuto de Oliveira, J. Próspero e Carlos L'Eraistre, publicava no seu número 3, terceira página, a seguinte notícia sobre o poeta: "No Alagôas", que tocou ontem em nosso pôrto, regressou do Recife, onde fôra procurar melhora a sua saúde seriamente comprometida, o nosso simpático amigo e distinto coestadano Dr. Segundo. O "Oásis", admirador sincero dos talentos do exímio poeta e dramaturgo potiguar, saúda-o cordialmente e faz votos ardentes pelo restabelecimento de sua saúde preciosa, tão útil às letras pátrias". Neste mesmo número, à página 4, inseria o soneto **A Noite**, de Segundo Wanderley, cuja transcrição se impõe aqui, de vez que não figura nas "Poesias":

"Doze horas depois de ter reinado  
Nos desertos do ar, tão refulgente,

Descamba o sol na tumba do ocidente,  
Bem como um rei vencido e destronado.

Do mar o claro espelho já se turva,  
Acende a loura lampa o vagalume,  
A flor exala um místico perfume  
Traja um manto de crepe a esfera curva.

Taça enorme de côres aniladas  
O firmamento entorna sôbre a terra  
Um turbilhão de estrêlas encantadas.

Modera o curso a correnteza humana  
E rompendo as cortinas do Oriente  
Desponta rindo a pálida Diana”.

Com uma curiosidade defronta-se desde logo o pesquisador da obra de Segundo Wanderley, ao folhear os jornais e revistas do seu tempo, onde foram publicadas as suas produções. Essa curiosidade é quanto à maneira como assinava os seus trabalhos. Modo, aliás, copiado do seu pai, Luís Carlos Lins Wanderley, também poeta e dramaturgo como êle. Segundo só assinava os seus trabalhos apondo ao nome o “Dr.”. E’ possível que nem mesmo os assinasse. Escritos, entregasse-os à redação do jornal ou da revista, sem a respectiva assinatura. O respeito em que todos o tinham talvez contribuisse para êsse tratamento respeitoso e austero com que aparece no noticiário da imprensa local. Todos o tratavam por “Dr. Segundo”, na rua, na imprensa, em toda parte. O soneto acima transcrito está publicado, tendo entre parêntesis: (Dr. Segundo Wanderley). Folheando a coleção de “Oasis”, encontra-se, vez por outra, uma referência ao seu nome. Aqui está uma, por exemplo, no número 6, página 2, que vale a pena copiar: “A Sociedade “Treze de Maio” levou à cena, na noite de 19 deste mês, pela segunda vez, o drama **Alberto ou a glória do artista**, produção corretíssima do nosso distinto patricio e talentoso poeta Dr. Segundo Wanderley, cujo desempenho esteve bem regular. Dentre os sócios que tomaram parte na representação do drama, sobressaiu o simpático José Pinto, acompanhando-o na correção de sua parte, a atriz D. Honória. As comédias **Amor burlesco** e **Um usurário engasopado ou as astúcias de um músico**, agradaram muito”. Esclareça-se aqui que D. Honória era Honória Reis de quem falarei oportunamente. O número 8, página 3, informa: “Consta-nos ter sido nomeado Inspetor de Saúde do Porto deste Estado, o nosso distinto e inteligente coestadano Dr. Manuel Segundo Wanderley, cujo lugar já foi por S.S. exercido com tino e correção precisas. Sinceras felicitações ao Dr. Segundo. Vê-se, pelo noticiário dos jornais, o respeito e a simpatia que envol-

viam a figura simples e modesta do Dr. Segundo Wanderley. Em 1895, o Ateneu completou 37 anos de fundação, havendo festas em regozijo da efeméride. Falaram vários oradores entre os quais se destacou o “Dr. Manuel Segundo Wanderley que recitou uma linda poesia, produto precioso de seu fértil e abundante estro”, dizia em seu número 9, página 2, a revista “Oásis”. Não era só a pessoa de Segundo que se via envolvida por uma forte aura de simpatia dos intelectuais e do povo em geral. Era também a sua família. O mesmo número de “Oásis”, página 3, noticiava o aniversário da sua cunhada, nos seguintes termos: “No dia 14 (março de 1895) da Exma. Sra. Da. Maria José da Mota Bittencourt, digna cunhada do Dr. Segundo Wanderley e do cidadão A. Leitão, administrador da Tipografia do Rio Grande do Norte”. O Grêmio Literário “Le Monde Marche”, por proposta de Alfredo de Carvalho deu-lhe o título de sócio honorário, conforme ata publicada no “Oásis”. O dramaturgo como o poeta era motivo de constante noticiário nos jornais. O número 13 de “Oásis”, primeira página, publica a seguinte notícia: “Por motivos imprevistos, passou, sem um sinal de festa, o dia 13 do corrente, (Maio) aniversário da fundação da Sociedade Dramática “Treze de Maio”. A soirée dramática que a Sociedade deixou de realizar naquele dia, consta-nos que ficara transferida para o próximo sábado, 18 do andante, cujo drama — **Portugueses e Brasileiros** — que acaba de ser escrito pelo conhecido dramaturgo e talentoso poeta Dr. Segundo Wanderley, irá de certo prender a atenção dos frequentadores do Recreio Familiar”. O número 14, página 2 dizia: “Os infatigáveis moços da Sociedade “Treze de Maio”, levaram à cena, na noite de 23 do mês último, no Teatro “Recreio Familiar”, o aparatoso drama original **Brasileiros e Portugueses ou o último grito da liberdade**, inspirada produção do aplaudido dramaturgo e festejado poeta Dr. Segundo Wanderley. Era impossível que os jovens amadores, que tomaram parte na representação da peça, ao executarem tôdas as cenas, pronunciando tão florida linguagem, não se possuíssem de íntimo entusiasmo ao recitarem aquelas frases que, num ritmo sonoro e doce de pensamentos livres, apresentavam lindas imagens de poesia. O novo drama do Dr. Segundo foi um verdadeiro sucesso, e a sua representação satisfez sobejamente a expectativa do público assistente”. Como vêm, vivíamos a fase de Segundo Wanderley, não admirando, pois, o entusiasmo com que moços e velhos falavam da sua poesia e dos seus dramas. O número 15, página 2, dizia: “Parabéns ao Dr. Segundo Wanderley e sua Exma. consorte por haver colhido hoje, 12-6-95, mais uma inocente primavera a cândida e gentil Stela”. O número 18, de 2 de agosto de 1895, página 3, sob a epígrafe **Recreio Familiar**, informava: “Na noite de 27 de julho findo, a Sociedade Dramática “Treze de Maio” realizou brilhantemente a sua 23a. recita, levando à cena, o aplaudido e admirável drama - A louca da Montanha -, so-

berba e arrebatadora produção do talentoso dramaturgo e festejado poeta norte-riograndense, Dr. Segundo Wanderley, terminando o espetáculo com a interessante comédia — **Na Bagagem e na... ponta.**

A Sociedade, composta de inteligentes moços e esperançosos amadores, desempenhou-se cabal e satisfatoriamente na exibição das referidas peças, salientando-se, já pela importância das partes a si distribuídas, já pela compreensão e interpretação que souberam dar às mesmas, a sra. D. Honória, José Pinto, A. Marinho, E. Getúlio, Souto Neto e Alfrêdo Seabra que nos papéis de Lúcia de Almeida, Antônio Fernandes, Major Policarpo, Manuel Pancada e 1.º Bandido saíram-se de um modo brilhante. Os Srs. Carlos L'Eraistre, João Pó, Rodrigues Leite, Virgílio e Zózimo Garcia, se bem que incumbidos de papéis secundários, satisfizeram perfeitamente a expectativa do seleto auditório que, naquela noite afluíu ao pequeno teatro. O Sr. Virgílio Benevides que, por motivo de moléstia, não pôde tomar parte ativa nos ensaios, teve por vezes pequenos e desculpáveis "tropeços", sanados, não obstante pelo seu grande mérito e reconhecida vocação para o palco. Terminada a representação do drama, foi o Dr. Segundo Wanderley chamado ao cenário, sendo recebido por entusiásticos vivas e estrepitosa chuva de palmas, justíssimo tributo dispensado pela multidão ao invejável talento e sublime concepção do mavioso cisne potiguar. O desempenho da comédia foi regular, finalizando o espetáculo a uma e meia hora da manhã, na melhor ordem possível".

Destaque-se, nesta notícia, o entusiasmo com que a multidão aplaudia Segundo Wanderley, a ponto de chamá-lo ao cenário para ovacioná-lo delirantemente. Curioso é notar a presença do povo até uma e meia da madrugada, assistindo os dramas de Segundo Wanderley.

Benvenuto de Oliveira, um dos epígonos do "Oásis", dedicou a J. Viveiros, um enigma equestre, cuja decifração foi a seguinte: "O Dr. Segundo Wanderley, o talentoso dramaturgo, o inspirado poeta norte-riograndense, é um dos talentos mais possantes do norte do Brasil". Assinava: J. Viveiros. O enigma foi publicado no número 20 de "Oásis" e a sua decifração foi divulgada no número 21, página 4. O número 25, página 3, sob o título **Espectáculo**, dizia: "A trupe de inteligentes amadores da Sociedade Dramática "Treze de Maio", proporcionará, na noite de hoje, mais uma récita ao público natalense, com a execução do importante drama histórico — **Brasileiros e Portugueses** — produção do nosso genial escritor e poeta Dr. Segundo Wanderley". Pelas notas acima transcritas se vê a repercussão que tinham no meio natalense, os versos e os dramas de Segundo Wanderley". Não é para desprezar, em meio pequeno e atrazado como o nosso, nos fins de 1895, a citação de versos de Segundo, em versos e artigos

de intelectuais da terra. Sebastião Fernandes, por exemplo, citou-o na abertura do seu soneto "15 de Novembro", assim:

"Desperta a natureza em majestosa festa  
Aos beijos tropicais da loura madrugada".

S. Wanderley.

### III

**E** AGORA vejamos como se manifestou "Oasis" antes do lançamento do livro "Recoltas Literárias", de Segundo Wanderley, no seu número 27, de 15 de dezembro de 1895:

"Eis o título de um precioso livro de bem começadas e acabadas poesias que tem de surgir à luz da apreciação com a entrada do novo ano que está prestes a despontar nos umbrais do oriente. E de fato poder-se-á afirmar de antemão a preciosidade desse livro?"

Feita a pergunta, respondemos afirmativamente porque estamos convictos de que cada estrofe de uma por uma das produções que na obra se contiver, será de certo uma volata celestial.

O seu autor não é um desconhecido no meio dos grandes vultos literários; é um ilustre brasileiro-nortista, que já tem de há muito o seu nome escrito nos catálogos dos poetas, nas páginas da literatura.

As "Recoltas Literárias", êsse livro que se prepara é de produção e propriedade do festejado poeta potiguar, nosso talentoso coetadano, sócio honorário do nosso Grêmio Literário, chefe da literatura norte-riograndense - Dr. Manuel Segundo Wanderley, o modesto autor de "Estrêlas Cadentes" e das "Miragens e Prismas", êsses dois ricos volumes de inspiradíssimas produções poéticas, que tiveram entrada nas estantes em que figuram as obras literárias de reconhecidos escritores e poetas brasileiros, como sejam: Sílvio Romero, Artur Azevedo, Foutoura Xavier, Raul Azevedo, Antônio Sales, Raul Pompéia, João de Deus Rego, Martins Júnior, Raimundo Correia, Clóvis Beviláqua, França Pereira, Teotônio de Brito, Demóstenes de Olinda, Olavo Bilac, Afonso Celso Júnior e tantos outros talentos que dia a dia vão enriquecendo a literatura do nosso país. As "Recoltas" do Dr. Segundo não será, de certo, um livro de poesias inéditas, porque algumas delas já foram publicadas em periódicos desta capital, porém cremos que ainda mesmo assim a extração das "Recoltas" será rápida, como rápidas foram as das "Estrêlas Cadentes" e das "Miragens", que difícil torna-se atualmente fazer-se aquisição de um exemplar daqueles primorosos livros, que, com justo motivo, mereceram os aplausos do público e a opinião favorável de uma parte da imprensa do país. Que venha o poético livro — "Recoltas Literárias!"

Era assim o tom da crítica literária do tempo, falando a respeito da figura e da obra de Segundo Wanderley.

No mesmo número, página 3, noticiando a festa da Virgem da Conceição, em Macaíba, dizia:

“Ao penetrar S. Excia. na Matriz, onde foi cantado pelas respectivas “Mademoiseles” um hino composto especialmente para aquêle fim pelo poeta Dr. Segundo Wanderley e música do maestro Luís Coêlho, teve lugar o “Te-Deum”, cantado espontaneamente pela orquestra do Club “Carlos Gomes”, de acôrdo com o Revdo. João Maria de Brito, pároco desta capital.”

O número 29, página 4, publica o soneto “O presente de anos”, subscrito por “Dr. Segundo W.” que não está no livro “Poesias”:

“Festejavam-se os anos de Julinha,  
Rica herdeira de casa afidalgada;  
Também fôra p'ra festa convidada  
A formosa Lili, sua amiguinha.  
Que profusão de luz! que de esplendores!  
Que de ricos presentes! quantas prendas!  
Ora um vestido de custosas rendas,  
Ora uma c'rôa de virginias flores.  
Só a pobre Lili nada trouxera;  
— Ingrata! diz-lhe a amiga ressentida.  
Não me destes nem uma primavera!  
Mas a meiga criança em terno adejo  
Vôa-lhe ao colo e exclama comovida:  
Eu? dou-te o coração... e deu-lhe um beijo”

O número 37, página 2, insere mais uma notícia, sob o título “Recoltas Poéticas”, a respeito da circulação do livro de igual nome, de autoria de Segundo Wanderley:

“Mais um livro devido à musa “condoreira” do ilustre e talentoso poeta northeriograndense, dr. Segundo Wanderley, talvez o último abencerrage, de uma geração quase extinta. “É uma coleção de utopias velhas numa brochura nova”, como modestamente denomina o autor as suas belas e inspiradoras estrofes que, apesar de serem tôdas filia-  
das à escola da qual, outrôra, entre nós, foi Castro Alves o maior pontífice, estando hoje “fora da moda”, nem por isso, para nós, êsse defeito de origem” lhe diminui o valor que cresce na razão direta da despreteniosidade do mavioso cantor das “Estrêlas Cadentes”. Falecem-nos os requisitos de crítico e por isso deixamos a análise das “Recoltas” a outros mais competentes. Demais é tão grande a nossa estima e tão entusiástica a nossa admiração pelo autor do livro de que se trata, que não poderíamos ser imparciais, falando-se do seu trabalho literário. Assim presos em um beco sem saída, visando de um lado

a nossa incompetência e do outro a nossa parcialidade, juramos suspeição e abraçamos o poeta”.

Esta nota prenuncia, nas entrelinhas, algum temporal... Seria a crítica de Antônio Marinho analisando a poesia condoreira do poeta?

O número 39, página 3, estampava a seguinte notícia: “Stela e Maria D’Arc são duas galantes e inocentes crianças que colheram perfumosas rosas-menina para adornar-lhes as tenras frentes, nos dias de seus natalícios, a 12 e 15 do corrente, sendo a primeira filha do Dr. Segundo W. e a segunda do Major Caldas Sobrinho, aos quais, só hoje, nos é concedido enviar nosso “bouquet” de felicitações”.

Falei acima da influência que exerceu Segundo Wanderley, no meio literário da província, lembrando a citação que fizera de um dos seus versos, um outro poeta, Sebastião Fernandes. Agora vem juntar-se a este um outro poeta, Segundo Trindade que abre o seu soneto com o seguinte verso de Segundo Wanderley:

“Agora tomba o sol, a terra empalidece”.

Segundo estava em toda parte. Até nos anagramas aparecia o seu nome como figura de proa. Lembro, por exemplo, o anagrama composto com os nomes dos sócios honorários do Grêmio Literário “Le Monde Marche”. O primeiro nome que aparece é o de Segundo Wanderley, iniciando a palavra “grêmio”.

O número 48, primeira página, publica um artigo intitulado “Instrução”, assinado pelo Dr. M. Segundo Wanderley, da Fênix Caixeiral. Vale a pena transcrevê-lo:

“A instrução é a base do progresso moral e intelectual. A instrução é tão necessária ao aperfeiçoamento dos povos como um alicerce à edificação de um templo, como uma centelha à propagação de um incêndio, como uma nota à composição de um hino, como uma molécula à organização de um corpo, como uma idéia à confecção de um juízo: é o seu sangue, é o seu ar. O ar queima-se no organismo desenvolvendo calor, a instrução, difunde-se no espírito, produzindo luz. O ar alimenta a matéria, a instrução vivifica a inteligência. Sem o ar não se vive, sem a instrução não se caminha. O ar prepara o homem para a terra, a instrução prepara-o para a sociedade. Mas, para que a instrução produza os seus benéficos resultados, para que realize a sua louvável aspiração, para que transforme o cérebro que pensa, a alma que divaga, em alma que reflete; a inteligência que balbucia em inteligência que fecunda; é mister o estímulo que vigora, a dedicação que fortalece, a atividade que produz atletas e a força de vontade que produz heróis. E’ preciso que o espírito absorva e digira, assimile e produza, adquira e propague, compreenda e desenvolva, conceba e fecunde. A instrução é o germen de brilhantes empreendimentos, a fonte

de prodigiosas maravilhas, a grande alavanca do progresso humano, o laboratório privilegiado onde se dá a sublime transformação do homem máquina no homem livre, do homem abismo no homem luz.

A vida seria um caos se a razão não fosse um sol. Deus seria um absurdo se a consciência não fosse uma verdade. A dor seria um aniquilamento se a esperança não fosse um alívio. A humanidade seria um monstro se a instrução não fosse uma realidade. Quanto mais profusa a instrução de um país, maior será a sua categoria, mais desenvolvido o seu progresso, mais amplas as suas liberdades, mais elevadas as suas conquistas, mais completa a sua felicidade. A instrução é o primeiro degrau do aperfeiçoamento. O aperfeiçoamento é a primeira estrofe do poema da glória. A glória é o primeiro lampejo do sol da imortalidade. Ser instruído é ser imortal. Filhos do grande século, estudai, esquecei o passado, aproveitai o presente e confiai no porvir. O passado pertence à sombra, o presente à história, o futuro à Mocidade”.

Quem escreve páginas como esta, merece, inegavelmente, a consagração da posterioridade.

O número 50, página 2, de 31 de janeiro de 1897, sob a epígrafe “No túmulo”, dizia: — “Na manhã do dia 9 deste mês, faleceu, nesta capital, o jovem Benjamin Wanderley, irmão dos Drs. Segundo Wanderley e Celestino Wanderley e dos cidadãos Ezequiel, Luís, João e Cincinato Wanderley a quem repartimos igualmente a nossa coroa de saude”.

De mistura com noticiário de livros e dramas, vez por outra aparecia uma nota social elegante. O número 52, página 2, regista, na secção “Salão do Belo Sexo” — “Aniversários” — “Iluminado pelo clarão de uma nova aurora achar-se-á o lar do exímio poeta Dr. Segundo Wanderley, por completar, no dia de hoje, mais uma primavera de florida existência, a gentil Senhorita Maria J. da M. Bitencourt, jovem cunhada do ilustre poeta. As amigas da distinta senhorita lhe enviarão de certo perfumosos bouquets e corbelhas de variegadas flores”.

Em 1897, a Guerra de Canudos estava queimando. De Natal seguiu para o campo de batalha, o 34.º Batalhão, levando a contribuição norte riograndense. O “Oásis”, no seu número 53, primeira página, noticia, o fato em todos os seus detalhes, dizendo em certa altura: “falou seguidamente o cidadão M. Ferreira Itajubá e após este subiu à tribuna o aplaudido e festejado poeta potiguar Dr. Segundo Wanderley que ao assomar ali foi saudado com uma salva de palmas, recitando uma poesia ultra primorosa”.

Atente-se para o tratamento que dá “Oasis” aos dois poetas: Ferreira Itajubá e Segundo Wanderley. Itajubá, embora frequentando as colunas da revista, é chamado simplesmente de “cidadão”, ao passo que para Segundo todos os adjetivos são poucos pondo bem à

mostra o seu valôr e a sua consagração. Em parte havia razão, porque Itajubá estava começando. Segundo Wanderley, ao lado da sua atividade na imprensa, no teatro e na vida profissional, exercia ainda vários cargos em instituições artísticas e literárias. Assim, era presidente da “Fenix Dramática Natalense” e sócio benemérito de “Le Monde Marche”, além de outros. No último domingo de novembro de 1897, a “Fénix Dramática” levou à cena o apreciável drama em três atos “Alberto ou a Glória do Artista” e a engraçada comédia — “A alma do outro mundo ou a Noiva em Leilão” — produções do talentoso riograndense, Dr. Segundo Wanderley”, dizia “Oásis”, no seu número 68, página 3. E prosseguia: “Os amadores José Pinto, Emídio Getulio, Teófilo Marinho, Francisco Palma, A. Barbosa, Virgilio Benevides e d. Honoria desempenharam os seus papéis a contento de todos”. Amenizou os intervalos a orquestra da “Fábrica de Fiação e Tecidos”, conclui “Oásis”.

No dia 10 de dezembro de 1897, o Batalhão 34º voltava de Canudos, sendo recebido com festas, aclamações e lágrimas. A revista “Oásis” registrando o acontecimento, entre outras coisas diz: o Dr. Segundo Wanderley que mais uma vez recitou delirante soneto”,

Estas notas são meros subsidios destinados ao estudo da vida e da obra do poeta Segundo Wanderley, cujo primeiro centenário transcorre no próximo dia 6 de abril do corrente ano. Nada mais valem, senão facilitar entre os estudiosos, o trabalho de pesquisa em torno de tão grande obra e tão grande vida.

#### IV

**N**O desejo de contribuir para maior divulgação da obra do poeta Segundo Wanderley, interessando os estudiosos no exame da sua produção literária, resolvi publicar as notas que venho recolhendo, há mais de ano, a fim de que todos participem direta e ativamente das comemorações que a Academia Norte Riograndense de Letras vai realizar por ocasião do primeiro centenário do seu nascimento.

Nos artigos passados, publiquei várias notas da mais palpitante atualidade sôbre a vida e a obra do grande poeta condoreiro.

Neste, continuarei o trabalho de divulgação, no desejo único de propiciar aos estudiosos material rico e abundante para interpretação da sua personalidade complexa e variada.

“Oásis”, na sua nova fase, iniciada com o número 1, de 1903, página 11, sob o título — Gondolas — dizia: “Ao distinto poeta Dr. Segundo Wanderley, somos gratos pela gentileza que teve, enviando-nos um exemplar do seu excelente livro de versos intitulado **Gondolas**. No próximo número nos externaremos melhor sôbre esta produção, o que não fazemos hoje à falta de espaço”.

No número 2 do mesmo ano, páginas 10 a 11, na secção **Bibliografia, Gondolas — Versos de Segundo Wanderley, Natal, Raul Maia** escrevia o seguinte artigo:

“Pertencemos ao número daqueles que acreditam o Rio Grande do Norte atravessando uma fase espiritual que faz crêr na existência de uma literatura, pequenina embora, mas verdadeiramente e por consequência nossa.

Já bem longe se acha de nós e, valha-nos isto, aquela ominosa época em que as coisas do espírito eram tratadas com as deferências próprias às matérias, mostrando tal procedimento o grau de menosprezo em que eram tidas as idéias concernentes não só ao saneamento mas ao cultivo do espírito.

Hoje, felizmente, repetimos, atravessamos um período mais brilhante, trata-se algo do espírito, embora os cooperadores, postos a serviço dêsse empreendimento não satisfaçam, em número, aos desejos dos que aspiram a marcha evolutiva do nosso meio. Dia a dia surgem novos campeões mas que se tornam, em breve, notáveis ou pela sua fraqueza para quem todo o obstáculo é insuperável, ou pela descrença a ponto de deixarem-se empolgar inteiramente por um desânimo que, em breve, o arroja fora da liça. Isso é comum em nosso meio.

É preciso dizer que máu grado isso, guardamos, para honra e orgulho nossos, as peregrinas estrofes de Auta de Souza, os filosóficos e abalisados conceitos de Antônio Marinho, afóra as locubrações de Henrique Castriciano em quem é forçoso ver, um dos mais empenhados combatentes pelo nosso renome literário.

Um intelectual, porém, possuímos que, alheio ao suceder dos tempos, dá-nos a prova, de quando em vez, de seu entranhado amor às lides espirituais e do não emudecimento de seu estro.

Segundo Wanderley, a quem nos referimos, atirando à luz o seu *Gondolas*, oferece mais um atestado do seu trabalho e do seu amor à literatura.

Esse último volume do apreciado vate norte-riograndense lhe importaria mais uma vitória se, de há muito, Segundo não fosse um consagrado.

Num pequeno ponto, apenas, discordamos do poeta: algumas modificações que, em o nosso obscuro modo de pensar, não deveriam ter sido feitas. Essa pequena falta, vamos a dizer, atendendo à riqueza do escrínio que é o *Gondolas*, é de bom grado relevada.

O poeta procurou dar aos seus versos, e isto é bem patente, uma feição mais à moderna, não importando essa nova forma um prejuízo à beleza da sua linguagem, sempre bela e sempre harmoniosa.

Nestas ligeiríssimas linhas não se veja, de modo algum, uma crítica, mas a retribuição á fidalguia do poeta distinguindo a redação desse periódico com um exemplar de *Gondolas*, essa última exibição

do seu talento de que nós, o público, damos o mais eloquente atestado.

A mesma revista, no seu número 3, março de 1903, páginas 10 a 11, insere o seguinte artigo, assinado por Abél da Silva, cuja transcrição se impõe:

**“Gondolas — Livrinho de versos, de Segundo Wanderley, Natal — 1903.**

“E’ esta a terceira vez que me encarrego de escrever algumas linhas sôbre poetas do Rio Grande do Norte: a primeira foi sôbre Henrique Castriciano, quando êste publicou “Mãe”; a segunda foi sôbre Auta de Souza, a propósito de “Horto”.

E se os leitores do “Oasis” não se aborrecessem de ler a narração de um ligeiro incidente, eu lhes contaria em que condições escrevi a respeito de Castriciano.

Num jornal da Paraíba era, em certo tempo, proibida a publicação de qualquer coisa que tivesse minha assinatura, em virtude da má vontade que me dedicava o respectivo gerente.

E foi justamente para êsse jornal que o Antônio Peixoto, íntimo de Castriciano, me pediu uma notícia sôbre “Mãe”.

Era preciso, pois, que se ocultasse a autoria da notícia, a fim de que esta pudesse ser publicada... E foi o que Peixoto arranjou com habilidade, apresentando a aludida notícia, que entrou para a composição como produto da lavra de um modesto, que queria ocultar o nome.

E eu submeti-me à força, porque tinha prazer em ser agradável ao Peixoto e ao Castriciano.

...Mas, vamos ao livro de Segundo Wanderley.

Os quarenta e quatro sonetos enfeixados no volumezinho do “Gondolas” demonstram, mais uma vez, o merecido conceito em que é tido o autor, já tão conhecido em todo o Brasil e especialmente no Norte onde conta grande número de entusiastas do seu talento.

**Pórtico**, adequado título do soneto que o autor coloca **ao lever du rideau**, é de um mimo admirável: numa prece à crítica, o poeta implora:

“Deixai passar o préstito das rimas:  
São minhas filhas, colebrís risonhos,  
Conduzindo nas asas transparentes ..  
O sofre azul dos derradeiros sonhos”.

E continúa a compor seu “bouquet” de rimas, modalizando variadamente suas inspirações, sem afundar-se de todo nas trovas de uma tristeza mórbida, sem enfeitar-se das galas estonteantes e rubras de um alvoroçamento que seria talvez incompatível com o seu espírito já bastante maduro.

Gostaria de transportar para esta notícia os surtos de inspiração que no “Gondolas” mais me agradaram; isso, porém, seria duas

vezes inconveniente; isso, tomaria muito espaço às limitadas colunas do “Oasis” e roubaria a emoção da surpresa aos que pretendem ler o livrinho de que me venho ocupando.

Entretanto, permitam-me a transcrição do último terceto de **Primeira Comunhão**, que o autor dedica à sua filha Francisca:

“E, descendo num halo de esperanças,  
Deus vem depôr na boca das crianças  
O pão da luz, o selo da Inocência”.

E’ a pureza extrema da Fé que despertou, ante a candura da filha, no momento em que a criança, deixando evolar suas tenras idéias aos ignotos espaços do Mistério, parece realmente aproximar-se do Deus dos crentes.

Outra citação não posso deixar de fazer : é a de **Prófugo**. Numa época em que a alma universal se impressionava tanto em favor do **boer**, o poeta, numa síntese adorável de afetividade e de civismo, fala ao tio Kruger em linguagem edificante; e traduzindo o sentimento coletivo da alma brasileira, diz o desterrado ilustre:

“Quando só, a transpor ínvios caminhos,  
Restar-te apenas, branco de pesares,  
O sorriso infantil de teus netinhos...

Vem, sublime Ashaverus desterrado,  
Que encontrarás na pátria dos palmares  
Um povo amigo, e um solo abençoado...”

**Sub umbra**, em memória da pranteada **Auta de Souza**, **Paisagem Noturna**, **Cortesã** e uma porção de outros, são sonetos dignos de leitura, trazendo-nos à consciência a certeza de que a Arte do Verso tem ainda muita vida, viceja com muita opulência na terra potiguar.

E para que dizer mais?

Quem escreveu estas linhas não tinha a intenção de traçar juízo sôbre a intelectualidade de Segundo Wanderley, que é nome há muito tempo sagrado no altar da poesia nacional; não alimentára mesmo a idéia de publicar uma palavra ao menos sôbre a personalidade do autor.

Somente vieram aqui estas linhas para corresponder à delicadeza de um amigo norterio-grandense, o sr. alferes Francisco Pinheiro, que ofereceu-me um exemplar do “Gondolas”, pedindo-me que dissesse alguma coisa sôbre o livrinho, alguma coisa que o “Oásis” hoje publica por um obséquio da mais generosa hospitalidade”.

Era assim que falavam os contemporâneos de Segundo Wanderley. E a posteridade? E' o que veremos durante o **Primeiro Ciclo de Conferências** da Academia Norte Riograndense de Letras.

## V

**E**M 1897, a Empresa Gráfica de Renaud & Cia., de propriedade de José Renaud, publicava o **Almanaque do Rio Grande do Norte**.

Na secção Indicador da Capital, página 402, sob o título **Médicos**, encontra-se o seguinte registo: "Dr. Manuel Segundo Wanderley, Rua Vigário Bartolomeu, n. 23". À página 419, sob o título **Higiene Pública**, lê-se: "Ajudante de Inspetor — Dr. Manuel Segundo Wanderley" À mesma página, sob a rubrica Hospital de Caridade, lê-se ainda: "Ajudante do Diretor — Dr. Manuel Segundo Wanderley".

Na secção Literária e Recreativa aparecem as seguintes colaborações do poeta: "Melancolia", soneto, incluído nas "Poesias", com ligeiras modificações. No **Almanaque** figura ainda o soneto **No Barco**, dedicado a Galdino Filho, também incluído nas "Poesias" com sensíveis modificações. À página 506 do **Almanaque** está ainda o soneto **A Morte de Gilliat** igualmente incluído nas "Poesias", à página 102, sob o título simplesmente de **Gilliat**, modificado. Na publicação do **Almanaque**, **A Morte de Gilliat** traz uma declaração curiosa que não figura na reedição das "Poesias". É a seguinte: "Lendo os **Trabalhadores do Mar**, de Victor Hugo". Esta declaração mostra que Segundo Wanderley era um permanente leitor do grande escritor francês.

Do confronto entre os versos publicados em revistas e jornais e os livros posteriores verifica-se que Segundo Wanderley era um grande torturado da forma, emendando, retificando constantemente os seus trabalhos.

Poucos são os versos que não sofreram modificações até sensíveis. A facilidade que tinha para produzir, tinha-a igualmente para modificar a sua produção literária.

Esse é um dos aspectos mais curiosos da obra de Segundo Wanderley, que merece exame e estudo acurado.

Certamente, os estudiosos do Primeiro Ciclo de Conferências da Academia Norte Riograndense de Letras, não deixarão passar sem análise essa faceta do autor das "Poesias".

Aquí fica a sugestão.

\* \* \*

Rui Barbosa havia publicado veemente artigo, n'A **Imprensa**, sob o título **Estigma Policial**, verberando o procedimento da Polícia no espancamento de menores.

Segundo Wanderley, ao ler o artigo, escreveu e publicou n'A **Tribuna**, órgão da Associação "Congresso Literário", número 15, de 27 de novembro de 1898, primeira página, o seguinte soneto:

### "ESTIGMA

A propósito do artigo **Estigma Polieial d'A Imprensa**.

Eu te abomino, estúpido sicário,  
Algoz boçal das tímidas crianças,  
Que magôas da pátria as esperanças,  
E profanas do amor o santuário.

Cospes lôdo na fronte aureolada  
Pela nívea corôa da candura,  
E não sabes, ó alma vil, escura,  
que tu vibras na aurora a bofetada!

Presa ignóbil de rancor mesquinho,  
Nem te conteve a voz da consciência,  
Nem respeitaste o infantil arminho!

Maldita lei! covarde prepotência!  
Que fere a Mãe — na face do filhinho!  
Que insulta o lar — no berço da inocência!

Rui Barbosa, tomando conhecimento do soneto de Segundo, transcreveu-o no seu jornal, acompanhado de uma nota em que fazia ao poeta os mais rasgados elogios.

A propósito, inseria, A **Tribuna**, no seu número 18, de 15 de janeiro de 1899, à página 153, na sua **Petite Chronique**, assinada por **Ypsilon**:

"A **Imprensa**, do Dr. Ruy Barbosa, transcreveu o belo soneto do nosso talentoso conterrâneo, Dr. Segundo Wanderley, inspirado pelo brilhante artigo do notável jurisconsulto, intitulado **Estigma Policial**, precedendo-o de conceitos altamente honrosos para o destinto poeta, tanto mais quanto, ao meu ver, o Dr. Segundo tem produções que se avantajam no mérito àquela que publicamos na edição de 27 de novembro último. Segundo Wanderley, bem que não seja um poeta moderno, é um poeta consumado, indiscutivelmente".

Realmente, ninguém discutia os méritos do grande poeta condoreiro. **Gil Pimpão**, pseudônimo ao que parece de Ezequiel Wanderley na sua secção **Fôra do sério**, n'A **Tribuna**, de 19 de março de 1899, nú-

mero 22, a página 183, traçando o perfil dos poetas da imprensa portu-  
guesa, no fim do século, dizia sobre Segundo:

“O SEGUNDO, não é trica,  
Fascina, prende, seduz,  
Se mais feio e velho fica  
Melhores versos produz!  
Rabisca pouco, é verdade,  
Mas obrigá-lo quem ha-de  
A dar ao gênio expansão?  
Sua atitude remissa  
Demonstra maior preguiça  
De que mesmo inspiração”.

## VI

**H**A uma tradição na família Wanderley que diz ter o poeta Segundo Wanderley recebido o nome de **Manuel Segundo** pelo fato de haver nascido e morrido um outro filho do casal com o nome de **Manuel**.

Venho hoje mostrar que essa versão é insustentável por vários motivos.

Primeiro, porque o primeiro filho do Dr. Luís Carlos Lins Wanderley não se chamou Manuel e sim Luís. Segundo, porque Luís nasceu no dia 21 de abril de 1859. Terceiro porque depois deste, só nasceu Manuel a 6 de abril de 1860, o mesmo que se chamou **MANUEL SEGUNDO WANDERLEY**. Diante deste argumento só resta uma hipótese, é de que o poeta Manuel Segundo Wanderley nasceu gêmeo. Do contrário, não houve o primeiro filho com o nome de **Manuel**. A homenagem deveria, neste caso, se dirigir à memória do avô paterno de Segundo Wanderley, e não a um suposto irmão de Segundo que nunca existiu.

Estou quase a ver a família Wanderley e os críticos e historiadores do poeta assustados com essa notícia. Mas, diante dos fatos não há argumento. Por que faço essa afirmação? Faço-a baseado no mais autorizado historiador e genealogista da família Wanderley que foi o velho João Carlos Wanderley.

João Carlos Wanderley deixou umas notas sobre a família Wanderley que reputo preciosíssimas.

Pois nessas notas não figura nenhum Manuel antes de Segundo Wanderley.

Transcrevamos as notas: “Descendência do dr. Luís Carlos L. Wanderley, em 1.ª núpcias com d. Francisca Carolina L. Wanderley e em 2.ª com D. Ma. Carolina L. Wanderley: 1.º — Luís N. a 21 de abril de 1859. Casado com D. Maria Amélia Wanderley a 15 de agosto de

1889. Fal. a 14 de março de 1928. 2º. - Manoel - N. a 6 de abril de 1860. Fal. a 14-1-1909”.

Em face das notas acima não há depoimento oral que possa merecer fé. E' a voz do documento que responde a todos os argumentos.

## VII

**C**ATÓLICO, Segundo Wanderley jamais ocultou a sua fé, confessando-a nos momentos mais decisivos de sua vida. A polêmica que manteve com Galdino Lima, vista hoje à distância, sem a paixão e sem a incompreensão que a motivou, revela a capacidade e o valor dos dois contendores.

Não era, pois, Segundo, aquêlê homem de idéias estreitas e unilaterais que poderia parecer.

Ao mesmo tempo que se empenhava no combate da escravidão como regime social abominável, brandia a lira da liberdade, cantando os ideais republicanos, louvando a pátria e todos os seus varões.

A Igreja que o formou e sob cuja luz e fé nasceu a nacionalidade não poderia jamais ser esquecida por Segundo Wanderley.

As suas poesias religiosas, infelizmente, não figuram nas “Poesias”. A comissão que o reuniu depois da morte do poeta primou pela sua exclusão. No entanto, há sonetos como êste dedicado a Leão XIII, por ocasião da morte do Sumo Pontífice:

“Só do Profeta a lira cintilante  
Pode cantar-te o Gênio imaculado  
Nos fulgores da graça assinalado,  
Nos combates da Crença triunfante.

Teu fluído ascende à Glória irradiante,  
Entre as preces do mundo ajoelhado  
Como a Hóstia da Paz, transfigurado,  
Numa visão edênica de Dante.

Pode em cinzas tornar-se a fria argila,  
Mas o Verbo do Mestre não se cala,  
O Divino Ideal não se aniquila.

E' rei que os reis mais nobres avassala,  
Quem tem por cetro a Cruz, que não vacila,  
Quem tem por trono a Fé que não se abala”.

Não será possível definir melhor, em quatorze linhas, a Majestade do Supremo Vigário de Cristo na terra, como o fez Segundo Wanderley, neste soneto.

Em fevereiro de 1903, realizou-se em Macaíba, uma completa reforma na Igreja daquela cidade, que tinha à sua frente o Padre Marcos Santiago. Nessa reforma foi construída uma pia batismal, cuja bênção se dera durante as festas de reinauguração da Igreja. Para esse fim foram escritos e musicados “dois hinos apropriados sendo um do nosso laureado poeta Segundo Wanderley e o outro de uma das nossas mais distintas poetisas, que por modéstia não quer que se decline o seu nome”, dizia o “Oito de Setembro”, em sua edição de 1 de março de 1903, Ano VII, número 132, página 1. Quem era essa distinta poetisa? — Creio tratar-se de Ursula Garcia ou Generosa Pinheiro, de quem “Oásis” fazia em 1904, rasgada apologia.

Em setembro de 1903, D. Adauto Aurélio de Miranda Henriques, Bispo da Paraíba, visitava toda sua vasta diocese, na qual estava compreendido o território do Rio Grande do Norte.

Passando por Natal, foi recebido com grandes festas, entre as quais se destacou a solenidade do Colégio Diocesano Santo Antônio, onde lhe foi prestada significativa homenagem. O “Oito de Setembro”, em seu número 145, de 16 de setembro de 1903, página 164, insere uma “Saudação” ao Bispo, cujo estilo, imagens e fraseado é todo inteiro de Segundo Wanderley:

“No seio da mocidade  
Deste proscênio de luz,  
Um novo sol que reluz,  
Um fluido misterioso,  
Entremeiado de gozo,  
Parece nos dominar:  
— É a vossa augusta presença,  
Santelmo de glória intensa,  
A quem viemos saudar.

Pras almas nobilitadas  
Pelo condão da virtude  
Há nos festejos mais simples  
Mui doce magnitude.  
É assim que pobre, mui pobre,  
Mas sempre risonho e nobre,  
Este orgulhoso Colégio  
Vem vos cobrir de mil flôres,  
Estrela de resplendores,  
Amado Pastor Egrégio.

Os moços sempre são grandes  
Quando se deixam mover.

Não por cobiça das honras,  
Mas pela voz do dever,  
A mocidade é gigante  
Que marcha sempre adiante  
Nas sendas do progredir.  
Ela não tem por acúleos  
Senão, benditos, cerúleos,  
Os fachos do seu porvir.

Que belo então para nós,  
Crianças firmes, de pé,  
Termos a Cruz por fanal,  
Por Glória somente a Fé!...  
E, abrindo novas cortinas,  
Ao som das harpas divinas  
Que só os anjos sustêm,  
Seguirmos fortes, constantes,  
A trilha dos aspirantes  
Ao Sacerdócio do Bem!...

Filhos da pátria ditosa  
Do grande Frei Miguelinho,  
Não há pra nós impecilhos  
No luminoso caminho,  
Embora ainda crianças,  
No seio das esperanças,  
No ambiente mais puro,  
Sentimo-nos orgulhosos:  
Pois jovens estudiosos  
São sábios para o futuro.

E ante a vossa pessoa,  
Representante de Deus,  
Pedimos ajoelhados  
Favores mil lá dos céus.  
Queremos neste momento  
De tanto contentamento,  
De infinda satisfação,  
Beber eternas caudais  
De graças celestiais  
Envoltas em vossa bênção.

No seio da mocidade,  
Deste proscênio de luz,

Há hoje um hino sublime,  
Um novo sol que reluz.  
Um fluido misterioso,  
Entremeiado de gozo,  
Parece nos dominar:  
É a vossa augusta presença:  
— Santelmo de glória intensa,  
A quem viemos saudar”.

Em 1903, o Colégio Diocesano Santo Antônio, representava em Natal, uma instituição de vanguarda, no movimento social católico.

Todas as festas de caráter social, cultural, religioso, eram promovidas por êle. O “Oito de Setembro”, na sua edição de 25 de novembro de 1904, número 190, páginas 2-3, noticiava uma dessas solenidades, em que dizia a certa altura: “Finda esta, ocupou a tribuna, o talentoso orador, Padre Bianor Aranha, que em frases verdadeiramente arrebatadoras e pródigas da maior unção possuiu por uns 20 minutos a atenção do seletto auditório; seguindo-se uma bela poesia, obra prima de ciência e literatura do exímio poeta Dr. Segundo Wanderley, que em uma linguagem repassada de unção descreve a admirável poesia que há entre o segredo do livro e as maravilhas da cruz”. Esta poesia, deixo de reproduzi-la aqui de vez que figura no livro “Poesias”, tornando-se, portanto, dispensável a sua transcrição.

Por ocasião do quinquagésimo aniversário da proclamação soleníssima do dogma da Imaculada Conceição, 8 de dezembro de 1904, o “Oito de Setembro” comemorou o acontecimento com uma edição especial onde se lê à página 2, o seguinte soneto de Segundo Wanderley, não incluído nas “Poesias”: —

### **Pulchra ut luna**

Bôdas no azul! Hosanas na alvorada!  
Vibra de Fé a inubia alviçareira;  
Resa um kyrie de amor a cachoeira,  
Abre-se em flor a esfera constelada.

Na epiderme do céu, musselinada,  
Surge da Paz a Augusta Mensageira;  
E nos flancos da glauca cordilheira  
Ergue o pendão da Glória Imaculada.

Cinquenta estrêlas formam-lhe o cortejo,  
E dos anjos a loura caravana  
Tanje em liras de prata um novo arpejo;

E Ela, em triunfo majestosa passa,  
Apagando do vício nódoa insana,  
Numa aleluia intérmina de Graça!

## VIII

**U**M dos aspectos mais interessantes da obra de Segundo Wanderley, condenado a completo esquecimento, é o do polemista católico.

Ninguém o referiu ainda em livro ou mesmo em crônica de jornal.

Um incidente sem importância determinou a sua polêmica com Galdino Lima. Uma jovem doente, desejando frequentar o Colégio da Imaculada Conceição, foi obstada nos seus intentos pelas freiras daquele estabelecimento de ensino. Foi o bastante para que Galdino, jornalista de projeção, julgasse errônea a atitude das irmãs, censurando-as pela imprensa. Segundo, amigo de Galdino, tomou a defesa do Colégio e prorrompeu fogo, em resposta a Galdino. Não conheço os artigos de Galdino. Consta que este escreveu dois ou três folhetos contra o Colégio, tendo Segundo respondido em três folhetos intitulados "Pela Verdade". Destes possuo apenas dois que me foram emprestados pelo meu confrade de Academia Virgílio Trindade. São duas peças ainda hoje dignas de leitura, sobretudo pela imaginação fértil e abundante que era uma das armas mais poderosas do poeta. Sobre o folheto "Pela Verdade", dizia, em sua edição de 9 de julho de 1905, ano IX, página 3, o "Oito de Setembro", jornal católico, fundado pelo Padre João Maria Cavalcanti de Brito: "Na quarta feira última, distribuiu-se nesta capital, um belo folheto com o nome que encima estas linhas, produção do distintíssimo poeta e dramaturgo das "Recoltas Poéticas" e do "Amor e Ciúme". O conteúdo do dito folheto, consta de uma defesa suasória e muito bem feita, com que o seu autor deita por terra um castelo de calúnias, formado contra as Irmãs Dorotéas, que aqui dirigem, com sobeja competência e sollicitude, o Colégio da Imaculada Conceição. Rogamos a Deus pela felicidade deste digno católico, para glória de nossa terra e desvanecimento do Cristianismo".

Sobre o mesmo assunto, o "Oito de Setembro", número 223, de 6 de agosto de 1905, página 3, dizia, noticiando o segundo folheto "Pela Verdade": "Lemos e releemos o segundo opúsculo que, com a mesma epígrafe do primeiro, distribuiu na quinta feira última, nesta capital, à "Mocidade Católica", onde o laureado e muito querido poeta Segundo Wanderley, numa linguagem indulgente e própria somente dos homens de bem, depois dos insultos de que foi alvo, da parte de um adversário inexperiente e descortez, mostra mais uma vez o quanto há de belo em su'alma de artista, o quanto existe de grandioso em seu coração de benemérito. Quem, como nós, acompanha essa questão

dissonante e antipática de natureza, suscitada pelos inimigos da Igreja e do desenvolvimento do Rio Grande do Norte, contra as Irmãs Dorotéas, por certo não deixará de encontrar em Segundo um espírito robusto e tolerante, purificado pelos ensinamentos salutíferos dessa doutrina do perdão, há quase vinte séculos pregada pelo meigo, pelo doce Nazareno na pequena cidade da Galiléia. Este trabalho de que nos ocupamos merece uma leitura atenciosa daqueles que têm seguido de perto essa gigajoga repugnante e ridícula — consequência do lamentável desastre já muito conhecido dos leitores, na pessoa de uma distinta patricia nossa. Apresentamos-lhe muitas e muitas felicitações, agradecendo, ao mesmo tempo, a remessa do que temos às mãos”.

O segundo folheto era dedicado à “Mocidade Católica”. Quem representava, em 1905, a mocidade católica, em Natal? Convém desde logo fazer a ligação desses fios tenuíssimos da atividade católica entre nós, tão dispersos, difusos, no tempo e no espaço, mas sempre dominantes. “Mocidade Católica” era um movimento literário de feição católica que tinha como órgão de imprensa o jornal “Vinte e Um de Junho”, dirigido a êsse tempo por Luís Soares, Eurico Seabra, Manuel Seabra, Francisco Rocha, José Lucas, Ulisses Maranhão, Armando Seabra, Ovídio Vital, Miguel Bilro e outros.

Nessa época havia uma intensa propaganda protestante e maçônica em Natal. Esse grupo de rapazes constituía a vanguarda do movimento social católico, ao qual Segundo Wanderley, falando como leigo, entregava a liderança do combate por Deus e pela Pátria.

Ainda sobre o mesmo assunto, dizia o “Oito de Setembro”, de 1 de outubro de 1905, Ano IX, número 230, página 3: “Descança sobre a nossa mesa de labores, o terceiro folheto — “Pela Verdade” — com que Segundo Wanderley, o talento inexpugnável da literatura rio-grandense do norte, ultima de sua parte essa disputa em que heróica e brilhantemente sustentou a imunidade das Dorotéas, no caso bem conhecido do público. Segundo, numas razões finais, saiu desta vez para o terreno da galhofeira e com muito espírito, uma vez que seu adversário, não tendo suficiêcia para enfrentá-lo, tem publicado em resposta insultos revoltantes, onde está bem patente a sua inevitável derrota. Agradecendo ao autor do — “Pela Verdade” — o exemplar que recebemos, enviamos-lhe muito parabéns pelo triunfo que já de há muito esperávamos”.

Segundo Wanderley, médico pela Faculdade de Medicina da Bahia, contemporâneo das grandes idéias do século XIX, darwinismo, spencerianismo, socialismo, comunismo, comtismo, liberalismo, não traiu a sua fé.

Ao lado de tudo isso, não se pode deixar de registrar aqui a influência de um homem que considero decisiva nas atitudes e na

mentalidade dos católicos do começo do século em todo o país. Quero me referir ao Padre Júlio Maria, cuja presença em Natal, em 1903, causou profunda admiração ao meio social e intelectual da cidade pela elevação dos conceitos e pela profundidade das idéias que defendia do púlpito sagrado, na série de conferências que pronunciou na Igreja de Nossa Senhora da Apresentação.

Segundo Wanderley, poeta notável e homem de grande cultura, se possuía alguma dúvida a respeito dos dogmas e da fé, deve, ouvindo o Padre Júlio Maria, ter se esclarecido a ponto de não tergiversar, mais tarde, na defesa e na apologia daqueles princípios tão magistralmente discutidos, analisados e pregados pelo grande orador católico.

## IX

JOÃO DO RIO, o extraordinário cronista carioca, no seu livro "A Alma Encantadora das Ruas", (H. Garnier, Rio, 1908), no capítulo "Musa das Ruas", página 275, escreve: "E se Bahiano tem essa prodigiosa memória, o Sr. Catulo, último trovador velho-gênero, é o esteta da trova popular. Vê-lo recitar "O Poeta e a Fidalga" é um desses espetáculos de "brasserie" inesquecível".

Não sei de encômio mais alto e mais nobre à musa de Segundo Wanderley de que êsse do grande João do Rio. Pois, como vêm os possíveis leitores destas notas, "O Poeta e a Fidalga" é uma das obras primas do consagrado poeta norte-riograndense, lido, recitado, cantado e portanto conhecido de norte a sul do país.

Se hoje, com a descentralização da literatura, é fácil a alguém tornar-se conhecido em todo o Brasil, o mesmo não aconteceria nos fins e no começo dêste século, quando o Rio e São Paulo monopolizavam totalmente a cultura, no que se refere à divulgação.

Daí não ser para desprezar a força de sugestão de um Segundo Wanderley e de uma Auta de Souza que, rompendo as dificuldades das fronteiras provincianas, tornavam-se conhecidos nos mais adiantados centros da cultura brasileira.

Mas, voltemos ao "Oito de Setembro", jornal católico onde, vez por outra, aparecem produções de Segundo Wanderley. O número 224 dêste jornal (13 de agosto de 1905) página 3, noticiando uma festa de caridade constituída de um concerto, em benefício dos flagelados, que se realizou no antigo Teatro "Carlos Gomes", hoje "Alberto Maranhão", informava: "Passado o intervalo do costume, seguiu-se a terceira e última parte com a recitação, pela graciosa Joanita Gurgel, de um precioso soneto de Segundo Wanderley, que vai publicado em outra parte deste periódico". O soneto é o seguinte, que, por sinal, não figura no livro "Poesias", do poeta": —

## “Caridade

Neste festim do amor e do talento,  
Misto estranho de fel e de doçura,  
Cada riso contém uma amargura,  
Cada hino recorda um sofrimento.

Faz sentinela a Dor ao Pensamento,  
Há veneno nas taças da Ventura,  
Velam lírios as chagas da Tortura,  
Busca a Sombra na Luz o esquecimento,  
E de bençãos e preces bafejado,  
No leme róseo um anjo ajoelhado,  
— Rumo da Mágua, em doce Majestade,

Asas soltas, ao vento do Destino,  
Dos corações no lago cristalino,  
Voga o batel da Santa CARIDADE”.

O número 228 do mesmo jornal, (17 de setembro de 1905), página 4, sob o título “Brasileiros e Portugueses”, noticiava: “É o nome de uma das belíssimas produções do consumado dramaturgo riograndense do norte, Dr. Manuel Segundo Wanderley, que os editores Militão Bivar & Cia. estão a publicar no Ceará. “Brasileiros e Portugueses” é um drama em três atos que tem produzido grande sensação nas platéias cultas do nosso país, onde tem sido repetidas vezes levado à cena. Agradecemos penhorados ao seu autor o exemplar que temos sobre a mesa de nossos trabalhos”.

Por ocasião da morte do Padre João Maria, o “Oito de Setembro” deu uma edição especial enfeitando trabalhos das mais significativas figuras da cultura norte-riograndense. A primeira página dessa poliantéia é toda ocupada pelo soneto “Extrema Unção”, de Segundo Wanderley, o qual deixamos de reproduzir de vez que se acha incluído nas “Poesias”, à página 159.

Nesse mesmo número, Segundo publicou o artigo “Da terra ao céu, que vale a pena transcrever, em homenagem à sua cultura e à sua privilegiada inteligência. Ei-lo:

### Da terra ao céu

“Jaz cadáver e ainda fala” (S. Paulo aos Hebreus).

No altar augusto da Piedade suprema, em crepes envolvido, genuflexo o coração, êsse Pontífice da Magua, oficia o “Kirie” dolente

da Saudade irreprimível. Crucificados os sinos solitários na cúspide inviolável dos campanários, curvam-se, inclinam-se de vez em quando, em atitude beatífica de monges reverentes, interrompendo a placidez austera das naves sombrias com a eloquência plangente e sugestiva de suas litanias monótonas e cadenciadas. O símbolo da Pátria, indiferente à carícia perfumada das brisas levantinas, esquecido dos esplendores de seus triunfos, alheio ao deslumbramento de suas glórias, pende melancolicamente do meio da haste, inclinado para a terra, como as águas humilhadas do grande gênio das batalhas, após a hecatombe sinistra de Waterloo. Descobrem-se em todas as fisionomias, em caracteres indelévels, o cunho de um assombro, a profecia de uma catástrofe. Nos aspérrimos flancos das colinas adustas um soluço convulso ressoa lugubrememente lembrando o côro angustiado das filhas de Jerusalém, na tarde merencória do Calvário. O próprio firmamento tem o aspecto funéreo de um sudário imenso tecido de lírios e agapantos. As núvens paralizadas afetam formas bizarras e extravagantes de sarcófagos aéreos construídos por arquetetos ciclópicos. Os raios candentes de um sol estival refletem nas pupilas orvalhadas dos desventurados, os cambiantes policromos do arco da aliança. E o Anjo do Extermínio, com sua grinalda de goivos, implacável como uma sentença de Nero, imprime na fronte abatida dos infortunados o ósculo frio da despedida, o selo eterno da fatalidade. Reina o pânico da consternação. Há como que uma estagnação de todas as faculdades, um eclipse de todos os sentidos, uma síncope de todas as manifestações psíquicas. Só a dor, a eterna companheira dos flagelados, a sentinela vigilante dos aflitos, requinta-se nas suas expansões, afervora-se na sua espontaneidade, reage insubmissa, vibrando protestos veementes contra a brutalidade do aniquilamento, essa necessidade dissolvente, êsse despotismo lógico do Ignoto. E qual o motivo dêsse cortejo de angústias, dessa parada de lágrimas? Nada mais natural: após o ultimatum do Desengano devia seguir-se o desmemoramento das Ilusões! joelhos em terra, fronte descoberta, e deixai que passe o rebanho dos inconsoláveis. O que ali vêdes é mais que uma guarda de honra — é uma Canonização. O que contém aquêlé esquife não é um cadáver — é uma relíquia; não é um corpo — é um símbolo; não é uma celebridade humana — é o amigo dos pobres.

Há personalidades excepcionais sôbre cuja psicose é melhor tudo omitir para serem adivinhadas, do que tudo dizer para serem compreendidas. E' mais seguro, às vezes, o critério da intuição, do que o testemunho dos sentidos. Compreende-se melhor um gemido do que um tumulto. A alma revela-se mais nitidamente na lágrima de Maria do que na Iliada de Homero. A vida do pranteado pastor era um Evangelho aberto. Pode dizer-se que o devotado apóstolo realizou a fórmula mais elevada da Filosofia do Altruismo — Viver para ou-

trem! Exercia discricionariamente a ditadura do carinho sôbre a obscura república dos humildes e dos torturados. Não era um homem, era uma legião inteira no desdobramento efusivo de suas virtudes; um prodígio na multiplicação fecunda de seus benefícios; uma catadupa no transbordamento espontâneo de sua abnegação. Como o flavo helianto, obedecendo à trajectória luminosa do astro da vida, o ídolo do povo tinha a alma sempre voltada para o astro da Caridade. O imaculado Levita só compreendia uma palavra — o dever; só conhecia uma estrada — a religião; só alvejava um objetivo — o sofrimento. No desempenho edificante de sua missão de paz e de conforto nada podia conter os surtos irreprimíveis de seu temperamento de predestinado. Um obstáculo era um incentivo; um sacrificio a mais incomparável de tôdas as alegrias. Nem a noite com as suas emboscadas, nem a canícula com as suas inclemências, nem a tempestade com as suas blasfêmias, nem a epidemia com as suas hecatombes detinham a marcha daquela estrêla peregrina que descambava para o ocaso da vida, e ascendia ao mesmo tempo para a alvorada da Glória! Na luta incessante pela vida, o instinto de conservação capitulava sempre diante das lágrimas do infortúnio. Era mais que um filósofo, era um oráculo. O seu prestígio não vinha dos esplendores do seu saber; nascia da eloquência de seus atos. Tinha, mais que erudição, tinha fé. No balanço de sua existência havia sempre um deficit de sangue e um saldo de bênçãos. Ao sair de um albergue trazia uma moeda de menos e uma auréola de mais. Sua batina esfarrapada tornou-se o pálido sublime da misericórdia suprema. Um simples e um justo; um forte e um manso; um indigente e um pródigo.

.....

As convulsões políticas, as metamorfoses sociais, tôdas as manobras evolutivas da civilização contemporânea, tôdas as manifestações assombrosas do gênio da humanidade, tôda essa corrente elétrica de cintilações efêmeras, passaram indiferentes sôbre aquela fronte augusta e veneranda que só se inclinava para saudar o símbolo da Redenção ou para recolher o último suspiro dos agonizantes. O homem foi absorvido pelo sacerdote; a personalidade fundiu-se no princípio; a sombra tomou a forma de uma visão; o organismo proclamou a soberania do coração, a matéria transfigurou-se, e João Maria tornou-se menos um nome de batismo do que uma senha de amor. Estranha coisa em um século onde o egoísmo reclama o quinhão mais pingue na partilha da felicidade, onde o utilitarismo, levantando a bandeira dos interesses inconfessáveis, faz da inteligência uma máquina e da consciência um banco. Oferecia-se sem esparlhafato, entregava-se sem ostentação. Para salvar um corpo descia

até a humildade, para resgatar uma alma elevava-se até o heroísmo. A prece e a cruz eram suas armas de combate; a primeira para persuadir ; a segunda para conquistar. Nenhum desfalecimento, nenhuma recusa. A morte surpreendeu-o no seu posto de honra. Não caiu vencido, caiu fulminado. Havia assinado uma letra, o prazo estava esgotado; era necessário dar um tesouro em pagamento — ofereceu o espólio de sua alma. Extinguiu-se suave e plácida como o último clarão da lâmpada de um santuário ou a derradeira sílaba de um “Agnus Dei”, balbuciada timidamente pelos lábios imaculados de uma criança. No êxtase sublime dos últimos momentos teve a visão célica das delícias inefáveis que o aguardavam na Bemaventurança. E quando os pássaros aclamavam numa aleluia de cânticos o monarca dos ares, êle saudava, num transporte de amor, a Rainha dos Anjos, — “Tota Pulchra es Maria”. Era o sêlo da Graça. Adormeceu... ao despertar o Anjo da Caridade abriu-lhe as portas do Paraíso”.

Aí está Segundo Wanderley, o místico, o homem de fé, o pensador, o poeta, o filósofo, inteiramente voltado para os esplendores da vida eterna, fazendo a apologia de um Santo, na pessoa do Padre João Maria, cuja vida terrena, êle conheceu e admirou a ponto de traçar-lhe o perfil inconfundível, neste artigo magistral.

## X

OS últimos anos de vida de Segundo Wanderley decorreram, ao que parece, na contemplação dos mistérios da divindade. São dessa fase os hinos religiosos que escreveu, além de artigos, discursos e poesias de outra natureza.

Por ocasião do encerramento dos festejos “à gloriosa Rainha dos Céus”, Segundo escreveu o **Hino à Virgem de Maio**, musicado pelo maestro J. Smido, o qual foi cantado na Matriz do Senhor Bom Jesus das Dores, na Ribeira.

Sôbre o assunto escrevia o “Oito de Setembro”, de maio de 1906, Ano X, n. 19, página 6: “A poesia do nosso primoroso poeta potiguar Dr. Segundo Wanderley, que vai publicada na secção “Sacrário de versos”, deste periódico, é que deve ser cantada hoje à tarde, com música do insigne maestro J. Smido, nas Igrejas da Matriz do Senhor Bom Jesus das Dores, ao encerrar-se o festejo à Gloriosa Rainha dos Céus.”

A página 3 do número vinte, na secção “Sacrário de versos”, sob o título “Hino à Virgem de Maio”, dizia Segundo Wanderley.

— I —

“Dalvorada, entre róseos fulgores,  
Num concerto de eterna alegria

Brota em risos um manto de flores,  
Surge em festas o mês de Maria.

**Estribilho:**

Bendita sejas — Pureza imensa,  
Bendita sejas — Mística Flôr,  
Recebe os cultos de nossa crença,  
Aceita os hinos do nosso amor.

— II —

As estrelas refletem formosas  
Do teu nome clarões divinais;  
Voam cantos dos lábios das rosas,  
Sobem preces dos níveos cristais.

— III —

Das mais raras virtudes, exemplo,  
És das graças tesouro sem par,  
Tens nos seios das virgens um templo,  
Tens na pátria da luz um altar.

— IV —

Quem de ti, não venera a memória,  
Dos pecados, eterno galé,  
Não conhece as belezas da Glória,  
Não respira os eflúvios da Fé.

— V —

Nossas almas, isentas do crime,  
Da inocência velando os troféus,  
Glorificam teu nome sublime,  
Te proclamam Rainha dos Céus.

— VI —

Aureo selo de Augusta aliança,  
E' de paz tua nobre missão.  
Representas na terra a Esperança  
Simbolizas nos céus o Perdão".

Em junho de 1906, por ocasião das homenagens à memória do Padre Miguelinho, dizia o "Oito de Setembro": "Em seguida, Herculano Ramos, o primoroso artista, fechou, com "chave de ouro", o ciclo dessas homenagens, preparando uma bela apoteose, cujo aspecto deslumbrante provocou da numerosa platéia os mais calorosos aplausos.

Antes, porém, de cair o pano que encobria a apoteose, Segundo Wanderley, completando o fulgor mágico daquela cena, recitou uma bela poesia de sua lavra, desenrolando a vida heróica e imaculada do grande Apóstolo da Democracia”. Esta poesia de Segundo está incluína no livro “Poesias” do poeta, motivo porque deixo de transcrevê-la aqui.

Em março de 1907, o “Oito de Setembro”, página 3, dizia: “Adicionou ontem à ampulheta dos tempos idos mais uma primavera, o nosso tantas vezes laureado poeta potiguar, Dr. Segundo Wanderley, ativo e digníssimo Inspetor de Saúde Pública. Levamos ao distinto aniversariante, os nossos sinceros parabéns pelo faustoso acontecimento”.

Ainda em setembro de 1907, por ocasião da morte do Monseñhor José Paulino de Andrade, o “Oito de Setembro”, em seu número 31, primeira página, prestando significativa homenagem à memória do saudoso levita, publicava, sob o título — “Além” — o seguinte soneto de Segundo Wanderley, cuja transcrição aqui se impõe, de vez que não figura no livro “Poesias”, do mesmo poeta:

O mundo é mesmo assim! A máscara da ironia  
Deixa sempre exsudar a chaga da tristeza,  
Quantas vezes do riso a falsa correnteza  
Arrasta o coração que sangra dia a dia!

Caíste, lutador! Não foi a cobardia  
Que te fez desertar da gloriosa empresa,  
Roubou-te o sofrimento as armas da defesa,  
Caíste, como herói, nos braços de Maria.

Da tortura cruel, a noite opaca, imensa,  
Nunca pôde apagar-te esta divina crença,  
Feita de tanto amor, cheia de tanta aurora.

Foste os louros colher de teu combate rude...  
Feliz do que se vai nas asas da virtude  
Nos altares do Azul beijar Nossa Senhora”.

Aqui ficam as notas que pude encontrar numa parte da coleção do “Oito de Setembro”, jornal fundado e mantido com grande sacrifício pelo Padre João Maria e seus abnegados continuadores.

Antes, porém, de concluir este artigo, quero esclarecer uma particularidade da bibliografia de Segundo Wanderley.

O drama “Brasileiros e Portugueses”, Segundo publicou-o no Ceará.

Por que? Falta de tipografia em Natal? Não. Preferência pelo Ceará? Também não. E por que? Simplesmente por isso: residia em Fortaleza, o nosso conterrâneo, Militão Bivar, estabelecido com tipografia, regular para a época. A peça de Segundo teve grande repercussão em todo o país, conforme depoimento do "Oito de Setembro". É possível que Militão Bivar, sabedor dessa aceitação do drama, tivesse se interessado pela sua publicação ali. Faço essas deduções em face da seguinte notícia publicada no número 235 do "Oito de Setembro", Ano IX, de 17 de dezembro de 1905, página 2, sob o título "Necrológio": "Faleceu a 4 do corrente em Papari, o nosso amigo e bom assinante do "Oito de Setembro", Aprígio Basílio de Oliveira Bivar. O extinto era filho do ilustre capitão João de Castro Bivar e irmão do nosso muito estimado patricio Militão Bivar, proprietário da Livro-Papelaria Bivar, no Ceará. Nossas condolências".

Procurei, nestas notas, cingir-me aos documentos. Não tive a intenção de fazer crítica da obra de Segundo Wanderley. Moveu-me, sobretudo, o desejo de ser útil à literatura norte-riograndense, tão pobre de valores positivos e reais, mas tão rica de elementos que, reunidos e estudados, darão, sem dúvida para traçar um pequeno roteiro das suas atividades intelectuais. Este foi o meu escôpo.

## XI

**R**OCHA POMBO, na sua *História do Estado do Rio Grande do Norte*, 1922, Capítulo XXVII, sob o título *As letras no Rio Grande do Norte*, à página 423, falando sobre Segundo Wanderley, diz textualmente: "Segundo Wanderley passa por ser o primeiro dos poetas potiguares". Refere-se o velho historiador a uma opinião de Luís Fernandes, no seu trabalho sobre a imprensa periódica no Rio Grande do Norte. Em nota ao pé da página emenda: "Diz-nos o dr. Nestor Lima que "corre por todo o Brasil a poesia "O Poeta e a Fidalga", da lavra de Wanderley". Em outra nota conclui o historiador brasileiro: "aliás, deste vulto é preciso dar o mais que possamos coligir. A fonte mais larga é a obra do desembargador Luís Fernandes, na qual a primeira referência ao poeta é de 1889". E passa Rocha Pombo a citar os versos do poeta que Luís Fernandes mencionou no seu trabalho, convenhamos, de modo esparso, sem visão de conjunto. Continua Rocha Pombo, à página 424 do seu livro: "Não sabemos com que justiça numa terra que conta um Açucena, um Itajubá, e outras figuras". Esta opinião de Rocha Pombo põe de molho, de certo modo, o principado poético de Segundo Wanderley. E, em seguida, passa a dar os seguintes dados sobre a figura de Segundo: "Nasceu o dr. Manuel Segundo Wanderley, em Natal, a 6 de abril de 1860, e aí faleceu a 14 de janeiro de 1909. Como seu pai (Dr. Luís Carlos) formara-se em

medicina. Além de filósofo e poeta, foi dramaturgo. Lidou muito na imprensa de Natal; e publicou vários volumes de versos, tais como “Estrêlas Cadentes”, “Gondolas”, “Miragens e Prismas”, etc., e algumas peças de teatro (como “A Louca da Montanha”, “Brasileiros e Portugêses”, “Amor e Ciúme”, etc. Os periódicos do tempo trazem muitas das suas produções poéticas. Ao ler êste e outros poetas da época, têm-se nítida a impressão de que a musa arrebatada de Castro Alves é a que impera ali: aquela geração de cantores sente-se inspirada das grandes causas humanas e das generosas idéias do tempo — a liberdade, o culto da justiça, a paixão do estudo, a pátria, reformas sociais. Como documento do valor de Segundo Wanderley, daremos alguns poemas, preferindo escolher entre os da fase da sua vida em que o seu espírito parece que está formado”. E passa o historiador a citar “Surge et Ambula”, “Extrema Unção”, alguns outros constantes de publicações feitas em jornais e revistas da terra.

A questão de merecer Segundo Wanderley o principado da poesia potiguar é assunto ainda a ser discutido. Rocha Pombo, se fôsse vivo, votaria contra, decidindo-se por Açucena e Ferreira Itajubá.

Mas, o fato é que reconheceu em Segundo grandes qualidades, citando páginas inteiras das suas poesias. Quanto à influência de Castro Alves na poesia de Segundo, não é possível negar. Mas esqueceu que Segundo influiu também de maneira decisiva em todos os poetas do seu tempo, no Rio Grande do Norte. Sebastião Fernandes, por exemplo, escreveu muito no ritmo e na escola de Segundo Wanderley, sem falar em vários poetas menores que seguiam à risca o modêlo do velho poeta do “Gondolas”. Em artigo anterior mostrei a devoção e a simpatia que os poetas natalenses tinham por Segundo, fazendo citações do mestre, homenagens que se presta só aos grandes espíritos. Luís da Câmara Cascudo, depois de criticá-lo veementemente no seu livro “Alma Patrícia”, refaz o seu juízo crítico nas “Actas Diurnas” e posteriormente no estudo “Lembrando Segundo Wanderley”. Outros afirmam que o poeta não tinha cultura. Outros há que se consideram “inimigos pessoais” de Segundo Wanderley. Essas pessoas não tiveram ainda um contacto mais íntimo com a poesia de Segundo Wanderley. Falam, portanto, de oitiva, por ouvir dizer, sem maior exame da questão. O centenário do poeta está à porta. Seria interessante que os intelectuais norte riograndenses se dispusessem a estudar o poeta no seu tempo, comparando-o com Castro Alves, Tobias Barreto, Victor Hugo e tantos outros expoentes da poesia condoreira dos fins do século passado. Já houve quem fizesse o seguinte teste com a poesia condoreira de Castro Alves e Segundo Wanderley: na poesia do primeiro colocou o nome de Segundo; na poesia de Segundo colocou o nome de Castro Alves; em seguida perguntou ao contendor: qual é a melhor? ao que o outro respondeu: a de

Castro Alves, isto é, a que pertencia a Segundo Wanderley. Onde estava o senso crítico desse leitor? O fato é que Segundo Wanderley possuía uma imaginação portentosa, capaz de confundir todos os críticos, se posto em confronto com os epígonos da poesia condoreira do Brasil.

Não me apego a escolas e modêlos, não discuto metros. Reivindico, tão somente, para Segundo Wanderley, o estilo inconfundível, a forma pessoal, a maneira de dizer, o modo de vestir o seu pensamento e encarnar as suas idéias que eram as idéias do século em que viveu.

- 
- (1) É a seguinte a descendência do poeta Manuel Segundo Wanderley: Francisca Amélia de Bittencourt Wanderley, Religiosa Dorotéia, Superiora do Colégio Santa Cruz, em Carpina, Pernambuco; Semíramis Aurora de Bittencourt Wanderley; Stela Wanderley de Sá e Benevides, poetisa e dramaturga, viuva do poeta Paulo Emilio de Sá Benevides; Maria dos Anjos de Bittencourt Wanderley, Consuêlo Cândida de Bittencourt Wanderley, Manuel Segundo de Bittencourt Wanderley, Maria José Bittencourt Wanderley. Netas: Maria de Lourdes Wanderley Benevides, filha do casal Paulo-Stela e Cleide Miriam, filha do casal Segundo — Luiza.

**NEWTON NAVARRO**  
**(SINDBAD — O MARINHEIRO)**

## Duas Náus de Espanto

(Onde se estuda, em breves linhas, os  
poemas — **NAUFRÁGIO DO SOLIMÕES** e  
**“O NAUFRÁGIO DO VAPOR BAHIA”**, do  
Poeta **SEGUNDO WANDERLEY**.)

*“Esperai!... Esperai!... deixai que eu beba,  
Esta selvagem, livre poesia...  
Orquestra — é o mar, que ruge pela proa,  
E o vento, que nas cordas assobia...”*

Castro ALVES

*“...navios espalharam seus ossos na solidão sonora”.*  
Luís da Câmara CASCUDO

## O POETA TENTA O VÔO DO CONDOR

Em trabalho recente sôbre Gotardo Neto — Poeta esquecido, o Mestre Cascudo chamava a atenção dos nossos poetas e estudiosos, para os valores que passaram, devastados que foram pela morte, todos eles um território humano que pede viagens, exploração, análise.” De certo que Segundo Wanderley há de estar entre esses valores, perdidos no passado, lividamente pousados num clima proustiano, de onde raras vezes saem para a reedição generosa de um Mecenas improvisado... Viveram em seu tempo o tumulto do instante literário da província acanhada. Militaram na imprensa, participaram da política e da coisa pública. Amaram e foram amados, e do amôr veio o cântico, tantas vezes transformado em modinhas chorosas que os violões acompanhavam nas serestas, á porta das amadas...

Outros preferiram o silêncio das salas. Um Gotardo, por exemplo, que se finou em sua rêde branca, alimentando a desesperança do amor frustrado nos “licôres fortes”, ou nos copos razos da “branquinha”. Saía, á noite, para fugas breves, pelos becos escusados, caminho de trevas, para terminar na mesa de jornal onde escrevia notícias ou transcrevia versos.

Segundo Wanderley teve uma trajetória mais diversa. O seu lirismo temperamental de poeta acomodou-se á rotina da província. Seu sentimento foi mais recatado, as paixões não tumultuam tão fortes e o amor repousa no coração carinhoso da companheira:

“Quando minh’alma suspira  
Quando meu peito respira,  
Dos desenganos á flôr,  
E’ nos jardins dos teus lábios  
Que eu sorvo doces ressábios,  
Que eu colho as rosas do amor.”

Deixou o Poeta as explosões do seu estro para os poemas de cunho patriótico, suas manifestações políticas, quando a lira empunhada no ardor das causas populares, acende os fogos de evocações históricas e a lição sangrenta dos herois.

Reveste-se êle quase sempre daquela “exterioridade builhenta, os palavrões, as *bombas*, tôda a falsa eloquência dos versos” que Silvio Romero aponta como características negativas do chamado “condoreirismo”.

O romantismo que criára, realmente, a consciência lite-

rária nacional, terminaria, como bem acentuou Ronald de Carvalho, “em fanfarra”. A voz poderosa de Hugo tinha eco nas nossas escolas, nas tribunas cívicas, nas cátedras, nos corredores das Academias.

E assim, os cantares suaves, quase trenos, dos nossos Casimiros, o colorido dos cocares guerreiros dos nossos tamoios, no verso luminoso de sol tropical dos Gonçalves Dias — tudo transmudava-se numa fanfarra guerreira. A paisagem social contagiava o Poeta e dos salgueiros bucólicos a lira seria levada para a praça onde ele proclamaria ser “do Povo como o céu é do condôr.”

Dos “*CHÂTIMENTS*” subia a inspiração da nova escola em espirais de revolta. Mesmo o lirismo que se comedira em gemidos de dôr, soluços de peitos oprimidos, na treva das alcovas, êste também se exacerbava, tumultuariamente, e a amada saía dos camafeus recatados para o cantar sonoro das calçadas ou o quase polêmico discursar dos camarins e torrinhas dos luminosos teatros, diante de platéias transformadas em “claque”:

“O piedoso ideal, a nobre fantasia  
Faz dos nervos vibrar-lhe a cínica estrutura;  
O anjo empresta ao vicio as azas da candura,  
Noêmia, a cortezã, transforma-se em Maria!”

A imagem e a palavra empolavam-se. O tempo estava todo agitado, febril, inconformado. A Poesia cobria-se com o barrete frígio e ia para as praças pregar a revolução.

Manuel Segundo Wanderley, então na Bahia, um dos centros universitários mais vivos do País, onde os ecos tumultuários da Europa chegavam em primeira mão, alí, deixou-se certamente contagiar pelo colorido da forma da nova escola. A 14 de julho de 1887 — escreve o Mestre Cascudo, fazia êle, na Bahia, a sua profissão de fé republicana:

“Eu que só préso da virtude o brilho  
Eu que só quero da justiça a lei,  
Que tanto amo esta palavra — Povo!  
Como detesto esta palavra — Rei!”

Não silenciára na morte o verbo condoreiro do Cantor dos Escravos. Praças e ruas, magros sobradões e ladeiras esguias, sacadas afoitas e pórticos alargados, tudo na Bahia era a permanência do seu maior Poeta, aquêle que, na opinião de

José Veríssimo “alargára a nossa inspiração poética”. Sua poesia fizera escola, contagiára os estudantes mais novos, ajudára a derrubar o despotismo e apagára do azul atlântico a mancha que enodoára também por tanto tempo

“... o auri-verde pendão de minha terra  
Que a brisa do Brasil beija e balança!”

SEGUNDO Wanderley participava da causa e tingia seu verso com o colorido da luta. Toda a sua obra poética traz, da primeira á última produção, o sinete do condoreiro baiano, Não de todo um servilismo poético, nem tão pouco a máscara plagiária. Porque muito dele, muito em sua poesia traz a genuína inspiração independente e o seu sentimento se afirma com autenticidade. *POESIAS* — editado em março de 1910 é o roteiro de sua vida sonora. E ali, entre o lirismo tantas vezes exaltado, quase que é uma constante o refrão do verso patriótico — a revolução rimando com o amor, como acontecera, de maneira muito mais eloquente, na vida de Castro Alves, que José Gonçalves de Medeiros foi encontrar nessas limitações, num lúcido estudo que escreveu sôbre o autor de “Vozes d’Africa”.

Não cremos, porém, que nêsse particular, isto é, no tocante ao revolucionário verdadeiro, o inconformado sincero, o poeta do povo, possa-se dizer o mesmo do nosso Segundo Wanderley. Nele, sinceramente, não há o colorido exato e proposital da paisagem humana do seu tempo. O seu grito de protesto não sóbe, vindo das mais fundas raízes. Mescla-se no brado condoreiro do baiano genial. Alheia-se um muito de si mesmo. O enlevo, a admiração, o entusiasmo pelo Poeta maior geram nêle uma aparente revolta contra o mundo feio e sujo, negro e sangrento que apossava a alma do autor de *Gonzaga*. E por isso o nosso poeta canta também:

“— Não é nos braços de escravos  
que se levanta o país...”

#### SEM POETAS AS BARRICADAS

Luís da Câmara Cascudo, em sua *História da Cidade do Natal*, afirma com autoridade de historiador erudito: — “Abolição e movimento republicano, êste começado para nós em janeiro de 1889, *não revelam um só poeta.*”

Na realidade, a paisagem literária brasileira, quase que foi pequena para conter a figura de Castro Alves, a eloquência de Nabuco e as vozes menores de Patrocínio até mais próximos de nós, sem falar nos arroubos de RUI. O país assistiu desperto a luta incessante desses titans. A poesia quase que adormeceu, por assim dizer, postando-se silenciosa, toda ela em extase, diante dos versos inflamados do poeta de *Navio Negreiro* e o brilho tribunício do escritor proustiano de *Mas-sangana*.

Castro Alves traçou seu roteiro, na vida breve, um eterno moço que foi e assim ficou parado em nossa história. Bahia, Recife, São Paulo contiveram sua alma combativa de estudante. Foi, como afirmou certo crítico, o apóstolo “São Paulo do condoreirismo.” No Recife o lírico derramou nos chãos pernambucanos o seu melhor sentimento. Os aplausos começavam nas salas de estudo, corriam á praça diante da violência policialesca e coroavam-no, delirante, nos teatros, frente ao rival presunçoso:

“Sou hebreu, não beijo as plantas  
Da mulher de Putifar...”

Natal, província acanhada, de lampeões fumarentos pelas ruas e tardios boêmios nas calçadas, viveu, naturalmente, a sua hora de “revolução”. Tiveram vida os “grêmios” famosos, os comitês e até grupos rotulados de feições subversivas que se dizia, agiam nas caladas da noite — mas que, segundo o nosso maior historiador, nem mal faziam a si mesmos...

Foi então quando desenhou o seu perfil na cidade o poeta Segundo Wanderley: — 1.º de março de 1839. Vinha da Bahia, onde, conforme já registramos, fizera a sua profissão de fé republicana, pondo a sua poesia em favor da causa que sacudia todo o País.

O Romantismo terminava seu tempo sob os estandartes das tramas, das conjuras, da insatisfação contra a corôa, tão menos real quanto qualquer revoltoso, e que logo cederia lugar ao chapéu republicano, com apenas um grito mais forte de Deodoro em sua praça d’ármas.

O cantor de *Estrelas Cadentes* passou desde logo a centro intelectual de toda a Província. Ia ser a “mais duradoura e irresistível influência literária do Estado.”

Porém, o revolucionário, a nosso vêr, não foi assim tão sincero no Poeta natalense. Nasce menos em função do Povo, da causa, de uma exigência sua diante do



cadás, estas mesmas copiadas de cartões postais que lembravam cenas da Bastilha ou terrores noturnos de badernas parisienses.

“As Duas Águias, Pela República, Escravidão, A Imprensa e a Arte — Á Memória de José Bonifácio, Á Sociedade 13 de Maio, Le Monde Marche, o Eco da Liberdade, Dous de Julho, Castro Alves e o Livro e a Cruz, — bastam os títulos aqui enumerados para ligar, de pronto, o leitor aos assuntos que fizeram a grande fase revolucionária do Poeta baiano.

No entanto Segundo Wanderley não foi somente o extremado cantor do nosso civismo, nem o seu lirismo foi todo êle tecido com linha e côr alheias. “*Vozes de um Anjo*” é sem favor um instante de mais puro sentimento poético, onde o poeta liberto escreve quadras de uma simplicidade tocante. E tanta é a sua ternura no assunto explorado, e a tão alto grau chega a simplicidade da forma, que poderemos colocar êsse seu trabalho ao lado dos mais belos poemas de um Antônio Nobre:

“Meu berço é feito de aurora,  
De estrelas meu cobertor,  
Me embala — Nossa Senhora,  
Me beija — Nosso Senhor!”

e mais adiante:

“Às vezes fitando a lua  
Entre cortinas de além,  
Ao ver a saudade tua  
Tenho saudades também.”

e termina:

“Si queres, porém, as dôres  
Desse teu seio apagar,  
Eu faço um carro de flores  
E vou, mamãe, te buscar.”

Tão comovente e belo é o Poema, que a nossa vontade é transcrevê-lo todo, sentindo cada verso, deixando que a “voz do anjo” chegue bem dentro de nós, com um murmurar de água mansa, cantando, ou como um embalo de fazer dormir...

Tem, assim, o Poeta seus momentos de autenticidade poética, de força criadora. Foge aos exageros do condoreirismo, que no próprio Castro Alves apresenta seus cometimentos negativos. “As coisas sociais e humanas — diz José Verissi-

mo em sua História da Literatura Brasileira, êle (Castro Alves) as viu, e entendeu e as cantou como poeta, às vezes com prevalência da eloquência sôbre o sentimento, mas sempre com sentida emoção. “Nos seus seguidores, natural que essa deficiência se fizesse presente. É opinião de Silvio Romero:” a falta de sentimentos e de idéias foi suprida pela fantasmagoria de uma linguagem empolada e gongórica”

É o caso do poeta que estudamos, mais num desenho á lapis, uns rabiscos á margem do retrato inteiro e fiel do nosso grande condoreiro. Muitos dos exageros de que falava Veríssimo, ha de se notar nas *POESIAS* de Segundo Wanderley.

No soneto intitulado *SAUDAÇÃO* e oferecido a Rafael Pinheiro, o escritor de *Brasileiros e Portugueses*, chega a um plano de exagero que choça:

“Que magia! que sol! que formosura!  
Ver transformada a divinal essencia,  
Em Rafael — o genio da pintura,  
Em Rafael — o genio da eloquência.”

Noutras passagens, a par dessa “eloquência”, inimiga fatal da Poesia, o seu verso corre igual a imagens criadas pelo poeta de “Vozes do Equador”, sinão vejamos:

“A escravidão o que é:  
É este orvalho de sangue  
Vertido pelo suplicio,  
que nutre as flores do vicio  
E cresta as flores da fé.”

(Segundo Wanderley — *A ESCRAVIDÃO*)

“Cai, orvalho de sangue de escravo,  
Cai, orvalho, na face do algoz,  
Cresce, cresce, seára vermelha,  
Cresce, cresce, vingança feroz.”

(Castro ALVES — *BANDIDO NEGRO*)

Noutra passagem o “aprendiz de feiticeiro” deixara-se traír, bem á mostra:

“E lá no extremo azul da imensidade  
O céu abraça o mar;  
.....  
Dois infinitos que se estreitam, grandes,”

Compare-se aos versos do autor de “A Cachoeira de Paulo Afonso”, na sua mais alta hora de inspiração que foi sem dúvida — “O NAVIO NEGREIRO”:

“.....Dois infinitos  
Alí se estreitam, num abraço insano  
.....  
Qual dos dois é o céu? Qual o oceano?”

A par desses deslizes que de modo algum desmereceu o nosso poeta, de vez que foi muito do tempo, como ainda hoje acontece, êsse enlêvo, essa admiração continuada, essa quase união com que se recitou e se recitam as estrofes condoreiras de Castro Alves, a par disso, Segundo Wanderley deixou instantes admiráveis, mesmo nos seus poemas patrióticos e às vezes patrioteiros, onde se fixou a sua devoção ao Poeta dos Escravos:

“Eu neste instante contemplo  
.....  
O povo abraçado á farda,  
O malho junto à espingarda,  
A águia ao pé do condôr.”

Noutro poema sôbre Castro Alves:

“Seu verbo — é mais que uma espada,  
Seu braço forte — é a enxada  
Do túmulo da escravidão.”

A propósito do martírio de Tiradentes, seu sentimento antevê:

“Um cadafalso transformado em astro,  
— Um réu de morte libertando um povo!”

São pedaços isolados, espécies de águas-fortes, trabalhadas é verdade, mais pelo ourives do verso, do que pelo homem revoltado, o autêntico revolucionário, rompendo convenções, quebrando disciplinas, num arrôjo voraz de conquista, em busca de dias melhores e mais humanos para o seu Povo.

Para isso não poderia jamais se destinar o nosso Poeta. “Tímido, nervoso, acanhado” —é o retrato que dele nos dá Câmara Cascudo. Mesmo assim “viveu num halo de atordoadora popularidade”, escrevendo Poesia e Teatro, aplaudido “nas fes-

tas baianas de Dous de Julho”, procurado para saudar as atrizes, invejado na maneira com que, embora raras vezes, esgrimia a palavra em duelos literários.”

Tanta e tão verdadeira a nossa opinião a respeito dessa sua ausência no sentir a exigência natural de clamar contra os poderosos e a favor do Povo, que o retrato que acima transcrevemos de seu temperamento, reforça sobejamente a nossa tese.

Do seu natural era “tímido e acanhado”. Nele não caberia assim a caudal poderosa de um Castro Alves, o verso rutilo, a idéia relampagueando, o sol vivo do trópico entre a cabeleira basta. Tanto cantaria a epopéia da abolição na hora presente do seu desfecho, quanto o faria com o mesmo estilo e força, passados séculos, valorizando apenas o tema, compondo á base de confessada admiração ao condutor da nossa poesia condoreira.

O Mestre Cascudo ainda afirma: “Republicano, abolicionista, manteve seu *clima*, mesmo quando se *dissipára*, exgotada a emoção, a *finalidade* das duas campanhas.”

No seu Mestre de Poesia o social foi lastro, raiz, motivo, exigência. A musa desfraldára bem cedo a bandeira da revolução. O Poeta vivera a hora com o mesmo ardor com que o herói dá o passo fatal para o campo da morte e o martir não se deixou intimidar com o laço fatídico a lhe apertar a garganta. “Largou por bastante tempo de parte suas preocupações particulares, seus efêmeros amôres e lançou olhares curiosos sobre a nossa sociedade. Um fato aí havia que o impressionou sobre todos, o fato cruel e repugnante da escravidão; e êle tentou fazer o poema dos escravos.” (Silvio Romero).

O quadro da provincia dos Reis Magos, no ardor das duas vivências revolucionárias, não guarda a figura audaciosa de nenhum dos seus poetas, sobre as barricadas, onde os liberais saudavam e defendiam seus ideais republicanos.

“Liberdade! Liberdade!  
Abre as asas sobre nós!”

Fora o cântico geral. Suas estrofes sufocaram os possíveis arroubos de algum poeta mais audaz. O verso troante de Castro Alves reacendia as paixões cívicas. Corria do litoral para o sertão. Sua figura fazia sombra sobre o chão da Pátria convulsa. O seu olhar altivo prendia as atenções, suas mãos largas, espalmadas, acenando . . . :

“Albatroz! Albatroz! dá-me estas asas”.

Anos depois, cessado o fragor da luta, outro cântico correria também no dorso dos ventos litorâneos e transporia o Caubugí. Seria um cantar de amigo que á maneira de como o Povo se apaixonára pelo "Gondoleiro do Amôr", seria também querido e cantado:

"Bem sei que tú me desprezas,  
Bem sei que tú me aborreces,  
Que zombas das minhas preces  
Cóm ostensivo desdém;  
Mas não suponhas, não creias  
Que êste rigor me consome,  
Pois, mesmo pobre e sem nome  
Sei desprezar-te também."

#### A CIDADE PERDIDA

No prefácio de *POESIAS* — edição de 1910, Gotardo Neto, poeta de "Folhas Mortas" e uma das maiores sensibilidades de nossa poesia provinciana, apresenta o autor e amigo Segundo Wanderley. No seu trabalho, da primeira à última linha, Gotardo se mostra um apaixonado da poética condoreira de Manuel. Chega mesmo a cometer exageros em favor do amigo. Não serenou sua crítica de apresentação. Deixou-se envolver pela saudação da amizade. O amigo generoso debruçou-se sôbre a obra do Poeta e nela se abismou. E tanto, que ao encerrar o trabalho aproveitou o verso do apresentado para enfeitar-lhe o gênio:

"Não há poente para o sol da glória!"

Em meio ao seu estudo Gotardo Neto chegou a afirmar, textualmente, o seguinte: "—Nos versos de Segundo palpitava o amor da Potiguarânia, o culto tradicional do passado; a paixão por essas relvas onde folgara nos primeiros anos; resplandecia enfim, este pedaço de céu americano sob o qual abria os olhos para a vida, e havia de fechá-los na contingência da morte." Lido o trecho, vai então o leitor, amante de sua Cidade, enredar-se pelos versos, á procura da Natal longinqua... O menino, á maneira de Proust tentando revêr o campanário de Combray, solta-se ancioso e feliz pelo achado da infância: sua cidade antiga, seus revaldos "onde folgara nos primeiros anos", seu rio, seus campos, sua gente...

Mas embalde ha de procurar a cidade provinciana mergulhada no tempo, entre os versos de Segundo Wanderley; pelo menos nesta edição que tenho entre as mãos e a qual leio e releio com olhos ávidos. Entre os fogos das batalhas, o corruscar dos raios; entre patíbulos e cruces e estandartes; entre bustos marmóreos de Cesares, Gracchos e Spartacus, o Poeta perdeu a sua Cidade natal. Ela se ausentou de sua lira. Gotardo vira coisas demais nos versos do amigo...

Ao contrário de Itajubá, que mais tarde faria de Natal sua constante quase tanto quanto Branca “meu santo amor”, Segundo em todo o seu viajar pela Poesia não olhou um instante sequer para a água azul cantante do seu rio, para o branco das dunas estiradas, para o verde em flôr dos nossos morros.

O cantor de “Harmonias do Norte” seria mais fiel á sua terra, trazendo-a para os seus cantares, como faria um amante. Dele, o grande Mário de Andrade afirmaria mais tarde: — “é um dos poetas mais perfeitamente líricos da geração de BILAC.”

Estranhavel portanto que o nosso Segundo Wanderley não tenha feito passear sua Musa “pelas relvas onde folgara nos primeiros anos” para satisfação do poeta Gotardo...

Nas cento e setenta e quatro páginas que fazem o volume de poesias completas, apenas há de Natal ou sôbre Natal os versos seguintes:

No poema — “ADEUS” (pág. 75)

“Adeus! Natal querida de minh’alma.  
Berço feliz onde dormí em calma  
E ví dourados céus;”

Depois a Cidade reaparece, simplesmente, quando o Poeta saudando os marujos da Esquadra brasileira, surta em nosso porto, diz:

“Bravos filhos da terra sagrada  
Que as estrelas bordaram no céu,  
Em *NATAL* vem saudar vossa armada,  
Do Brasil este augusto troféu.”

Mais adiante a Cidade perdida deixa-se entrevêr, quase no final do livro:

“Renda *Natal* um preto soberano...  
Nos banquetes da luz, amor e crença,

E' de certo, um dever republicano,  
Livre, saudar a redentora Imprensa!"

Salvo engano, somente nestes instantes Segundo fala de sua Cidade, onde dormiu "em calma e viu dourados céus"...

. Verdade que a sua obra poética estendeu-se ao Teatro, em parte desconhecido por nós. Uma revista, se não nos enganamos, intitulada — *Natal em mangas de Camisa*, retrata coisas da Província: vida e costumes. Mas mesmo assim perdamos de todo o Poeta de não haver cantado com as côres ricas e profusas de sua palheta, as linhas, os contornos da Cidade, o seu mar rumorejante, os coqueirais, tôda a beleza enfim, deste "vale branco entre coqueiros"...

O próprio "culto tradicional ao passado" a que se refere Gotardo Neto em sua nota introdutória, não está assim tão presente na poética de Segundo. Os nossos heróis resumem-se em Miguelinho, que para se conhecer, ha que, segundo seus versos, transpôr o Cabugi (aventura ousada...) e mais um punhado de anônimos parentes de bravos da guerra de Canudos.

Em Castro Alves, ao contrário, a terra que ama se faz presente, sinão tão constante, pelo menos assinalando a sua passagem nas cidades que amou. Porque convenhamos que o sentido da Pátria no Poeta era mais universal: O Povo!

"Recife, um dia ví-te  
dormindo imenso ao luar..."

logo depois, quando em São Paulo:

"...de tí me lembro  
no hibernal friú!"

quando a serenata acorda-lhe lembranças

"das belas filhas do País do Sul!"

Natal perdeu-se assim do seu grande Poeta. Seu estro ficou mais nas praças baianas e seu olhar permaneceu voltado para o ídolo genial, contagiando multidões, amando e amado pelo seu Povo, fiel a um ideal quase sobrehumano de salvar uma raça. Os nossos sinos não o despertaram jamais.

Somente agora, da sua casa branca, na colina do Alecrim, talvez ouça o seu rio fluindo num acalanto de "dormir, sonhar..."

## O DIABO VAI AO LEME

(*Naufrágio do SOLIMÕES*)

O sr. Rosário Fusco em trabalho de crítica e erudição literária, falando da obra de arte em seu estado de gestação, diz: “A forma exterior da obra de arte é a primeira comunicação que dela recebemos. “Essa forma é assim o elan, que mais facilmente atrai o grande público, e faz com que tantas vezes a aparência geral da forma encante, a tal ponto, o contemplador, que este relegue para plano de desconhecimento ou desatenção, as raízes mestras que sustentam a forma do trecho ou do objeto admirado. No entanto “não é fóra que o artista procura os motivos de “permanência” de sua obra. Nem é tão somente no verismo ou na sinceridade de sua criação que a obra de arte existe.” E a estas considerações o escritor acrescenta a narrativa de um encontro de Duhamel com um jovem poeta francês: “O senhor é de fato sincero?” indagou o autor de “Soleil de Satan”, e sem deixar que o jovem gaguejasse a resposta adiantou — “Pois bem, aprenda a mentir.” E o crítico acrescenta: “Afinal de contas, a arte não passa daquela “sublime mentira do poeta...”

A criação gera-se portanto no claro-escuro interior do Artista. O verismo do fato não quer ser o negativo fotográfico que mais tarde o poeta ou o escritor transpõem para a realidade da luz. Não é tanto assim para que o realismo viva na forma criada. O próprio naturalismo alcançou as raias do exagero na busca desenfreada com que seus discípulos procuraram trazer para seus livros o vivo, o cru, o quadro mais natural das sociedades, sobretudo no romance de Zola, onde o social se mostra genialmente patenteado, com o vigor de águas-fortes, de ruas e mansardas de uma Paris às vésperas da grande crise. Dele mesmo, Anatole France já observára: “O grande erro de Zola residiu na sua pretensão do “documento”. Naturalmente que para fazer o que fez necessitou êle de consciência, conhecimento e sobretudo SENTIMENTO, nascido como água, da sua alma revoltada. Portanto não se confunda nessas digressões, forma e sentimento. O “Bateau Ivre” de Rimbaud, desce rios tortuosos e impassíveis da Nova América e foi todo êle escrito e sentido por um adolescente da pequena provincia de Charleville.

Que dizer, então, da forma literária sob as roupagens da escola condoreira, onde todos os simbolos e imagens foram poucos para o reforço dos versos, para o adorno das imagens? As considerações acima escritas foram feitas tendo em vista os

dois grandes momentos da Poesia de Segundo Wanderley, contidos em sua obra poética. Duas criações do autor de *GONDOLAS* onde o seu poder criador está mais espontâneo, mais natural, mais “seu”. Os exageros da “escola” não forçam seus versos. As imagens alcançam um alto nível que mesmo em outras composições suas de sentido patriótico não são encontradas. Referimo-nos aos seus poemas — “*O Naufrágio do SOLIMÕES* e o *Naufrágio do Vapor Bahia*.”

O verismo das descrições dá ao autor as qualidades do mais perfeito gravador que à custa de fortes traços sôbre uma placa de cobre, riscasse os contornos do navio a sossobrar, os mastarêus desarvorados, o dorso do mar revoltado como um dragão ferido de morte a vomitar espuma. E na contensão do episódio dantesco, o sentir daqueles homens em meio da tormenta: os brados, o desespero das mães, a calma e a estoicidade do Comandante Isac — velho lobo do mar. Não precisou, para tanto o nosso Poeta das excentricidades de se fazer náufrago também, para só assim sentir e descrever a catástrofe. O seu senso poético coloriu com as mais cinzentas côres o quadro que traçarâra e a sua humanidade deu vida aos personagens jogados na terrível hora, em meio das vagas.

Aqui, porém, pedimos licença para uma ligeira pausa, uma parada de ordem sentimental. O menino que fomos ressurge agora, ao primeiro impacto desses versos admiráveis de Segundo Wanderley. Em lembrança, retornamos num bonde amarelo e lírico, para o Alecrim, onde um quintal umbroso nos acolhe, perfumado de flores do mangueiral... Meu Pai está à mesa, depois da “ceia” e lentas as palavras retornam aos meus ouvidos. Verso a verso vai se desenhando na mente do menino a cena do naufrágio.

Meu Pai foi um homem simples, gente do sertão, quase desconhecedor desse outro mundo que se convencionou chamar de mundo “das letras”. Mas havia nêle algo de sonoro e de mais alto. Os versos de Segundo Wanderley, por exemplo, ficaram em sua memória. E recitava-os para o filho, braços cruzados sôbre a mesa, e olhos fixos na face paterna, onde os lábios finos se desmanchavam para criar na sala, a cena do desenlace marítimo. Não sabemos quantas vezes recitou os versos. Sabemos lembrar muito bem, que no mais impulsivo da tragédia

“extinta a luz da fé ofegante”

quando o navio descia, aos poucos, em meio das águas partidas e cruéis, os olhos de meu pai marejavam. Muitas vezes

parou de falar para disfarçar a voz arrastada e chorosa. Depois continuava. E ainda agora ao reler os versos para os comentários deste trabalho, temos voltada a lembrança para a sua figura querida e boa. Era um sentimental. Alguma fonte cantava dentro de sua alma. E certamente, o pouco que guardamos em nós mesmos de amor á Poesia e á Arte, ha de ter nascido no seu coração generoso e puro, que agora faz tambem molhados os nossos olhos. . .

\* \* \*

Os dois naufrágios, afirmamos, atingem o mais alto cñima da poesia condoreira de Segundo Wanderley. Principalmente o Vapor Bahia, onde o Poeta parece mais afeito ao trato dos versos, onde a sua Musa conhece mais os mistérios do mar — desde o azulado calmo das marés mansas, aos rasgados vagalhões das noites inverniais, quando “o vento nas cordas asso-bia. . .” Vejamos primeiramente o “caso” do navio “*SOLIMÕES*”.

“Tristeza! funda tristeza  
Nos enluta os corações;  
Já nada resta das águias,  
Dos bravos do “Solimões”!  
O mar, esse negro abismo,  
Que não respeita o heroismo,  
Nem sabe o que seja o lar,  
Rolando, sôbre montanhas,  
Abriu as glaucas entranhas,  
Para os heróis sepultar.”

Abre a sua narrativa poética como um canto de “funda tristeza” e uma espécie de cântico mortuário aos bravos, que o Poeta não vacila em seu linguajar empolado de chamar de “águias”. De acôrdo com o que afirmávamos, em tôda a feitura do poema, Segundo Wanderley ainda revela aquí e alí toques de “exterioridade bulhenta” constante em quase todos os poetas que seguiram o genial Castro Alves. Mas, mesmo assim, tanto nesse, quanto no outro “naufrágio”, o autor assume uma eloquência menos exaltada e o “estilo” — se assim podemos dizer, se torna mais pessoal.

“Imaginal um navio  
Sulcando as vagas de azul,  
Sob a vergasta bravia

Desses pampeiros do sul;  
Por cima — um manto de brumas,  
Por baixo — o negro parcel,  
Então, haveis ter a cena  
Que não a descreve a pena  
Nem a desenha o pincel.”

Cantada a tristeza nos versos iniciais, a técnica do artista se aprimora. Vem de pronto o cenário. A calma rota do navio sobre “as vagas de azul” dá de pronto um sentido mais plástico, — onda vestida de azul. Depois o quadro se amplia — “sob a vergasta bravia desses pampeiros do sul.” Já, com muita habilidade Segundo arma, no pélagos das águas e nos espaços enormes, a tormenta que com pouco se vai despencar. O vento dos pampas não assobia: nem canta, nem amacia a “água de azul” Mas “*vergasta*”! Imagine-se logo o que não será quando as cordas do temporal engrossarem esses pampeiros terríveis . . . Mas, logo o Poeta perde um pouco a sua independência criadora e a lembrança de Castro Alves assoma em meio às águas do seu quadro: “Por cima — um manto de espuma / Por baixo — o negro parcel.”

O descritivo da cena, cai um pouco, também, no verso que segue a rota do poema. De súbito, sem uma palavra de preparação que desse ao leitor a idéia justa da transposição que a paisagem vai sofrendo, prestes ao desatar da tormenta, o Poeta canta:

“Travou-se um duelo incrível  
.....  
Mentira! Tudo baldado!  
Nem o valor, nem a fé  
Podem salvar do infortúnio  
Um condenado á polé.  
Nas vascas de um cataclismo  
É nulo o próprio heroísmo . . .  
A mesma esp'rança se esvai . . .  
Ha um drama no tombadilho:  
O pai soluça — meu filho!  
O filho geme — meu pai! . . .”

Note-se o súbito aparecimento do temporal sobre o mar, E' verdade que nos versos anteriores a paisagem “que não descreve a pena, nem a desenha o pincel”, já é propícia á queda do temporal com os pampeiros a aumentar de fúria e o navio

a se desgovernar. Registe-se também o jogo poético que fecha os dez versos transcritos, onde a “chave”, embora usadíssima na literatura de então, convence como reforço lírico.

Vai desta forma o clima onde navega já meio desarvora-da essa náu de espanto. “Tudo baldado!” — “Chegara a hora suprema / Fugira a luz da razão.”

“A náu perdida sossobra  
As fúrias das vagas mil!  
Terrível, duplo embaraço:  
De um lado um túmulo de aço,  
Do outro um antro de anil.”

Outra vez Segundo Wanderley dá vaza aos seus rasgos de poeta tentando o vôo do condor, (mas tantas vezes a ave real não passou de um condôr — brinquedo de corda...) É o caso do verso “De um lado um túmulo de aço (o navio submerso), do outro um antro de anil (o mar-oceano). Ao nosso ver — túmulo, na imagem poética, deveria ser o grande mar convulso. Quanto á carcassa do velho navio, mais certo seria chamá-la de esquife. Marujos e barcos “enterrados” então na solidão marinha. Lembremo-nos de que assim se referiu o grande Paul Valéry quando falou dos seus mortos no mar — “Cimetière Marin”.

Ferido de morte o barco cede ao temporal do sul. Ouvem-se então nos versos magoados o “adeus” dos marinheiros:

“Adeus, ó pátria, adeus, vida,  
Adeus, esposa, adeus, lar!”

Os versos são simples. Não imagens, é verdade, nem tão pouco exageros. Apenas o sentimento rústico de marujos que em meio a tormenta, lembram a vida dos seus que ficaram em terra, para lá dos horizontes azuis. Vem então o epitáfio com que o narrador sela a sua história e escreve sua nenia sôbre as águas:

“Depois... cruel desengano!...  
O nada, o sepulcro, o pó...  
No mar somente o pampeiro,  
Na terra a saudade, só!”

A paisagem funérea tem, realmente, uma beleza trágica. Tudo calmo, apenas o vento continua a respeitar a crista da “onda de azul” e na terra distante a saudade, sozinha, que se antecipa no verso de Segundo.

O Poeta poderia ter encerrado aqui a sua narrativa. Mas, aquele “falso social” de que falamos mais adiante, vem á tona, depois do naufrágio... e encerra êle o seu poema, a mão estendida:

“Os mortos precisam preces,  
Os vivos precisam pão.”

### OUTRA NAU DE ESPANTO

Grande escritor contemporâneo, apaixonado do mar, sôbre êle escreveu: “El mar es dulce y hermoso. Pero puede ser cruel, y se encoleriza tan subitamente...”

Esse mesmo mar encantou também o sentimento de Segundo Wanderley. e se em todo o livro o mar não continue constante, encontra porém lugar nos seus dois maiores trabalhos. Faz cenário para os seus mais belos poemas. Não o “dulce y hermoso” mar, mas aquele mar tormentoso, mar de tormenta, que engole navios e mata marinheiros. Segundo Wanderley trouxe para as suas páginas o velho Netuno irritado, arrancando quilhas de barcos em horas mortas, noturnas, agitando “o dorso azul da vaga boreal”. Neste cenário singra mansas águas, a princípio, o vapor BAHIA, penacho de fumo toldando o brilho da “sideral grinalda” que “Venus bella ostentava.”

No poema, porém, encontra Segundo o mar bonançoso, o verde azul mar dos portugueses, tão verde ás vezes que o Poeta maior dizia ser todo “saudades de Portugal!” Viajaria o vapor um rumo certo não fosse o desenlace que o espera. O desastre fatal agitará o “abismo de esmeralda.” A paisagem haverá de se transmutar, a musa agitará a água fervilhante, dará ao colorido um toque de borrasca e o seu estro vestirá o tom funéreo das noites de derrota:

“Corria a noite em meio; em plácida derrota  
Ia um barco a vogar, qual célere gaivota,  
Por sôbre o dorso azul da vaga boreal;

.....

Sorria em baixo, o mar — abismo de esmeralda!  
Sorria, em cima, o céu — abismo de cristal!”

No entanto é neste trabalho que Segundo autentica o seu ardente sentir de poeta. Vejam-se os versos iniciais. Sempre a paisagem marinha belamente descrita. Por isso é de lamentar que não haja o autor se voltado para o mar e o rio que abraçam a nossa Cidade. Seria, sem dúvida, um dos cantores maiores das nossas marinhas. Rumorejariam felizes as “nossas ondas de azul” nos seus versos.

Mas continuemos a viagem fatal do vapor Bahia

“Dormia a criação, sonhava a natureza,  
Trazia a viração na mansa correnteza,  
Os perfumes sutís das flores tropicais,  
Cortava a quilha esguia o líquido espumoso  
Enquanto da fornalha o fumo caprichoso  
Doidejava a subir em negras espirais”.

Outra vez, como acontecera em seu outro trabalho, Segundo Wanderley preparou o ato que se vai assistir. O inconsciente agrupa seus elementos poéticos. A técnica do verso repousa assim no poder criador que gerando a forma deixa muitas vezes, transbordar, sem que o Poeta o sinta, “pedras” da armação total do “brinquedo” que se está a armar. Este verso “doidejava a subir em negras espirais”, dá um aspecto azia-go á viagem que o barco vai fazendo. O verbo “doidejar” e a expressão “negras espirais” preparam bem o cenário de desfecho terrível. . . Em contraste, porém, ha de princípio uma paisagem amena de trópico: “A viração na mansa correnteza — trazendo — “os perfumes sutís das flores tropicais.”

“O rumo era feliz, o norte lisonjeiro

.....  
Era deserto o ar, silencioso o espaço,  
Só se ouvia da hélice o lúgubre compasso,  
Como enorme pulsar de enorme coração.”

“Lúgubre compasso” prepara igualmente o leitor para o final do drama. A calma viagem que fazemos com o barco, embora seja “feliz o rumo e o norte lisonjeiro”, ao ouvir êsse pulsar lúgubre, o arfar do nosso peito se faz opresso. O misterioso labor da Poesia no sentimento de Segundo Wanderley vai gerando inconscientemente o fim a que se dirigem os rumos do Poema, como fatal será também aquela viagem do BAHIA dentro do ar deserto e silencioso espaço.”

“Fugia além a terra, nas curvas do horizonte,  
E o marinheiro audaz erguia a bronzea fronte,  
Examinando o norte, interrogando o sul.”

Ainda na esteira que vai deixando o barco, os indícios da fatalidade mais se aproximam. Essa técnica coloca o Poeta numa linha das mais louváveis da nossa Poesia. Veja-se o uso da imagem: “fugia além a terra” e a inquietude velada do marujo — homem afeito ás amplidões marinhas, agora, “examinando o norte, interrogando o sul.” Segundo Wanderley arma “a sua mentira” poética com precisão de Mestre, que realmente o foi em muitos momentos da sua obra.

Abre por fim a perspectiva trágica. O indicio de que nada poderá mudar os rumos do navio, exorcizado pelo destino impiedoso:

“Era impossível crêr que a mão do fatalismo  
Cavar pudesse, atroz, um pavoroso abismo,  
Para sorver assim tão gratas ilusões;  
Era incrível pensar que vagas tão serenas  
Contivessem no seio a fúria das hienas,  
Os ímpetos febrís dos rápidos vulcões.”

Saliente-se aquí o reforço que estes versos trazem á nossa afirmativa de que o Poeta haveria de agitar com a mão audaciosa a “onda de azul”, para aumentar o horror da tragédia. Não seria o mar cruel que iria ser algoz na cena do naufrágio. Mas Segundo Wanderley acende com tintas tristes o ambiente, para que mais terrífico seja o encontro das duas náus, sôbre o lençol das águas.

“.....Na esmeraldina alfombra  
Resvala uma outra náu, perpassa uma outra  
[sombra,  
De oposta direcção, mas de destino igual;  
E ao longo da coberta um eco então ressôa,  
Do vigia a bradar: Alerta! Vela é prôa...  
Era tarde demais p'ra conjurar o mal!”

As cenas então que se seguem são realmente admiráveis. Solta-se o estro do poeta num brado de morte, entre a “tomada de surpresa. Extinta a fê, ofagante, indefesa, por cima do convez”, onde corria a multidão em pânico. E diante de tudo isto ainda reclama Segundo, fiel demais aos seus arroubos condoreiros:

“E só para completar o lúgubre estrilho  
Só faltara o fragor do lugubre trovão.”

Passam-se depois no tombadilho adernado os quadros de horror. Tudo foi preparado no poema para êsse instante. Antes do encontro mortal entre os dois barcos, soube o nosso vate trazer para os olhos curiosos do leitor, a paisagem calma de um mar noturno, refrescado pelas mansas virações do terral. A transposição para outro clima desastroso, fê-la com precisão admirável. Não como acontecera no poema anterior, quando de inopino caímos, leitores e navio na procela desenfreiada. Lembre-se a feitura do “Navio Negreiro”, em que, na paisagem de “Stamos em pleno mar” até aquele “sonho dantesco” o autor interpõe vagares de marinheiros estrangeiras: gondoleiros de Itália, louros marujos de Inglaterra, franceses líricos e até os hercúleos marinheiros do “mar que Ulisses cortou...”

No caso do vapor Bahia, não houve nenhuma “parada”, nenhum devaneio. Mas, mesmo assim, a sequência não se fez súbita, embora a própria concepção do trabalho o permitisse, de vez que se tratava de um choque brutal entre as quilhas arrogantes comandadas pelas caldeiras abrasadas. E’ admirável, pois, o equilíbrio formal do verso, aliado á imagem, dando-nos a medida exata da ruína do Bahia;

“E o monstro, então, perdeu tão belas esperanças,  
Sem respeitar, sequer, as tímidas crianças,  
Lançando sôbre a dôr o seu desdem alvar,  
Serviu de cirio a luz dos vaporosos astros,  
De confessor o céu — de cruz — os longos mastros...  
Era o sudário a noite, de cemitério o mar.”

Grande beleza trágica em todos estes versos! As imagens acodem espontaneamente, porque o Poeta as sente. Não precisa da musa alheia, o sentimento atende ao seu chamado, e muitas vezes até, bulhante que está, se precipita no artesanato da construção. Outro detalhe que nos reforça opiniões passadas: a de que o Poeta lembra o mar como cemitério, nesse naufrágio. No poema do *Solimões*, chamamos a atenção para o não bem empregado uso da imagem, chamando o navio naufragado de túmulo. Aquí, porém, o autor põe a sua imagem em posição perfeita: mar — túmulo do barco e dos seus tripulantes...

Desfilam depois gravuras fortes: a morte heroica do velho Isac, fitando “sereno o céu, e os braços sôbre o peito” deixando-se “morrer, da morte satisfeito, por ter até o fim cumprido o seu dever.”

Termina assim a magistral narrativa do desastre no mar. Fervilha um punhado de espumas sôbre o mar agitado que acabava de guardar o barco chamado Bahia e seus heróis...

“Que o mar devia ser a campa dos heróis!”

Restam sozinhas a “noite estival” e a “densa escuridão”. “A onda de azul” serena o espanto do que ha pouco se passou aos nossos olhos, até que mais tarde:

“.....quando o sol ergueu-se lentamente  
Bordando de setim as fimbrias do Oriente,  
E dos vales a flôr abria-se a sorrir,  
Viu-se um vulto ocultar na palidez das brumas,  
Um navio de menos á tona das espumas,  
Um espectro de mais, á tona do porvir.”

Manuel Segundo Wanderley, temos a convicção, secundando tantas outras vozes críticas mais eloquentes, foi, na calma modorrenta da Provincia, exatamente o que dele afirmou o Mestre Cascudo: “a mais duradoura e irresistível influência literária do Estado.” Poemas como êsses que acabamos de comentar — embora de maneira tão breve, cabiam muito bem entre os melhores instantes épico — líricos de Castro Alves.

A sua Cidade amou-o ardentemente. Teceu sôbre a sua cabeça encanecida nos fins da luta “um halo de atordoadora popularidade”. Seus deslizes, como a todos em geral acontece, perdem-se entre as belas estrofes desses dois episódios, ricos de força humana e de poder criador. Rugem em suas páginas marés procelosas, ou serenam águas de mar estival, vestido de azul...

Menino ainda, repetimos, ficaram em nosso sentimento o poder verbal desses versos que mais tarde viemos melhor descobrir, sentindo-lhes a construção e a forma. Sua figura enche uma época vazia de poetas e fôra a sua formação e o seu temperamento mais ousados, teria chegado ás limitações da hora social que, em parte, soube saudar e anunciar nos seus trabalhos. A paisagem escrava e o império moribundo estão nos retratos que conseguiu captar. Mas, cores mais reais poderiam tingi-los para melhor demonstração do seu entusiasmo. O lí-

rico também esmaeceu um pouco. E a sua Cidade esfumou-se no ardor condoreiro dos seus cânticos. Porém, nem por isso a nossa gente deixou de guardá-los...

Numa rua calada e branca do cemitério do Alecrim, dorme na terra generosa que mais adiante acolheu Gotardo, á sombra de um céu morno e luminoso. Na lápide clara está escrita uma súplica — “Meu Deus! Abre ao Poeta as portas do Teu céu!”

\* \* \*

Hoje, cem anos passados sôbre esta Cidade e sôbre o mundo de meu Deus, temos bem presente a sua memória e os seus versos ainda enfeitam as nossas festas. Dele não se há de duvidar quando da inscrição com que se pretende perpetuar mais ainda o seu nome em sua casa de infância. Numa homenagem igual em que também se procurava guardar a presença nas letras francesas de FELIX ARVERS, seus amigos conseguiram escrever apenas:

“Un monument au pauvre Arvers?  
“Qu’a-t-il donc fait? Quatorze vers.”

Restava dele somente, do pobre d’Anvers, o célebre Soneto... Segundo Wanderley não suscitará essa dúvida. Uma alma imensa palpita em sua poesia e mais do que uma placa há de receber permanente glorificação dos seus conterrâneos. Seu nome não habitará territórios de dúvidas. Sua Cidade ha-de recitá-lo sempre, com amor e ternura. Ha-de amá-lo, como somente nós sabemos amar o que é nosso, assim como o nosso rio, o mar, os poetas e os heróis...

# SEGUNDO WANDERLEY SUA VIDA E SUA OBRA

JAIME DOS G. WANDERLEY  
(Carmelo)

*A consagração de um artista está, juntamente, nas suas possibilidades de aproximar-se do ideal, pela tangente de suas virtudes espirituais, para se pôr em contato, permanente, com a beleza.*

É belo ter, por trôno — o firmamento etéreo.

É santo ter, por gladio — a cruz de um cemitério.

É grande ter, por crôa — as glórias de um país.

Segundo Wanderley

A memória dos mortos deve sentir-se melhor na consagração dos povos do que no esplendor e no fastígio das glórias passadas.

E se é verdade, que essa afirmativa depende, exclusivamente, da nossa maior ou menor capacidade de sentir, não é menos certo que, os mortos procuram, na perpetuidade do espírito, louvar-se, mais, no respeito e reverências póstumas do que nos conseguimentos que lhes provocaram as ilusões e venturas fruídas no seu trânsito pela vida.

Januário Cicco falando, certa vez, sôbre a vida, qualificou-a de “imenso trabalho de oxidação, sendo, a morte, o fim aparente de tudo”.

Aparente, sim, porque o espírito, que é sagrado, como dizia Renan, continúa a sua trajectória, indefinidamente, através dos mistérios do nirvana, porque é essencia, inextinguível, eterna.

E êsse anseio, essa agoniada procura da humanidade pela conquista dos prazeres efêmeros, no engolfamento do luxo, da vaidade, dos prazeres, nada mais representa do que um criminoso alheamento, uma falta de convicção na eternida-

de do espírito, pecado de que a sociedade moderna está eivada e do qual jamais se poderá libertar, mesmo submetida a dolorosas penitências.

Reverenciemos, pois, nós outros, a memória dos mortos.

Amemos e respeitemos, senão os seus restos materiais, mas, sobretudo, cultuemos o espírito que lhes animou a vida, no seu trânsito para o desconhecido, porque “na crise da consciência e da razão que o mundo atravessa — lembrava Salvantini — havemos de amar pelos que odeiam, afirmar pelos que negam, sofrer pelos que gosam, orar pelos que blasfemam, cantar pelos que choram e falar pelos que se calam, agindo-se, assim, em nome, no sinal e na luz do amôr”.

\* \* \*

“O homem, como os antigos Reis do Oriente, não deve se mostrar, aos seus semelhantes senão, única e serenamente, ocupado no ofício de reinar”.

Assim, escreveu Fradique Mendes, em uma de suas primorosas epístolas, tratando a sensibilidade e o senso artístico dos homens de espírito.

E eu diria, que os artistas, os verdadeiros cultores das belezas eternas, não devem se apresentar aos olhos das multidões, senão com o espírito preparado e aparelhado com virtudes capazes de os distinguirem, como figurantes de um mundo diverso, onde, somente, a perfeição do pensamento possa habitar e se desenvolver, para a concepção da suprema conquista dos grandes e nobres ideais.

Por isso mesmo, é que, observando e penetrando na vida e na obra do grande estéta, julgo que traçar, mesmo a “vol d’oiseaux”, o perfil intelectual de Segundo Wanderley, o expoente maior das nossas artes, no passado, não será tarefa das mais fáceis, pois sôbre a personalidade do imortal aêdo conterrâneo, já se manifestaram, através de brilhantes estudos, os luminares da história, da crônica e da crítica contemporâneas.

Todavia, sinto que, nunca é demais se procurar, revolvendo os arquivos das lembranças, trazer-se, á luz, algo de precioso que jazia escondido na sombra.

Retratando, neste esboço, nesta mancha, preparativa de um futuro quadro definitivo, a personalidade do velho e inolvidável mestre das nossas rimas, envidarei esforços, para mostrar a sua arte e a sua vida, sob a projeção de outros ângulos, obedecendo ao critério ditado por minhas pesquisas.

Segundo, não teve a idade duplicada nem o pão envenenado, como fizeram os amigos de Goethe com o fecundo criador do Fausto.

Teve, sempre, em redor de sua figura simples de homem modesto, a admiração, o respeito, a estima e a solidariedade, incontestes, de todos quantos privavam de sua intimidade e conheciam os seus altos predicados de caráter e de coraçon.

Se não teve multidões a seus pés, pelo menos, também, não contava com inimigos, que podessem toldar-lhe a tranquilidade do espírito nem desviar o curso, sereno, de suas metas, pelos longos caminhos da vida.

O seu sentimento de caridade, a sua finura de trato, o seu inexcedível cavalheirismo, a maneira afável de aproximar-se de quem o procurava, e o cuidado com que abordava o leito de um doente, o gesto largo de atenção que, sempre tinha, ao satisfazer a um pedido, a indulgência que dispensava aos que lhe alfinetavam a sensibilidade, tôdas essas características, que distinguem um homem de bem, eram dotes peregrinos, que o credenciaram para afirmarmos, que êle fôra um justo, um probo, um digno, para não dizermos que foi um santo.

\* \* \*

Médico, diplomado pela Faculdade de Medicina da Bahia, a sua vida foi mais um poema do que um bisturí.

O título, conquistado no decorrer de um curso brilhante, conservava-o por um dever de humanidade, apenas contribuindo para minorar os sofrimentos alheios, no resguardo do juramento prestado, ao receber o pergaminho, enquanto que a poesia, cultivava-a, nos seus sentimentos, com verdadeira devoção apostólica.

Na vida laboriosa, a serviço do culto de Higéa, foi mais um espírito humanitário, dedicado á saúde do próximo, do que um técnico á disposição da ciência de Hipócrates.

Certa vez, salvou um paciente, acometido de um ataque de vôlvo, quando êsse já havia transitado pelas mãos e através dos predicados clínicos dos médicos mais categorizados da cidade.

Milagre?

Não. Consultado, justificou, cientificamente, o efeito de belador da causa.

No setor da obstetrícia, jamais perdeu um caso aos seus cuidados mas, apenas pela clarividência de seu espírito ilu-

minado, pelas faculdades de inteligência, pelo talento, pela intuição, pelo faro, porque muito pouco tempo lhe sobrava para os estudos da medicina.

A sua preferência fôra, sempre, pela poesia, pelas rimas, pela criação de imagens ricas, vivas, coloridas, com que adornava os poemas originais, que o levaram à consagração, quando não estava se dedicando ás lides do teatro, ou elaborando trabalhos votivos ao culto de Tália.

Na adoção do ritual de Calipso, do qual fôra, em vida, um dos mais ardorosos e mais devotados evangelizadores. Segundo Wanderley encontrou os caminhos sem tangentes e sem curvaturas, que o conduziram á glória suprema da imortalidade.

E era, como bem o focalizou Câmara Cascudo, em um dos seus magistrais estudos: “um poeta que espalhou versos, tempo, trabalho, dedicação, elogio, incentivo, nada guardando para a mulher e para os filhos.”

\* \* \*

Desde estudante, ao ingressar nos umbrais do conceituado templo de ciência, que bem identificava o destaque da cultura baiana, que lhe oflorou, no sentimento, o fascínio pela poesia.

Não sabemos, todavia, se essa sedução lhe veio por um condão dos Deuses ou por uma herança atávica, com que as Musas premiam a nobre estirpe de sua decendência, cuja fama e ilustração, ainda hoje, estão perpetuadas, com honrosos registros, na história da literatura nacional.

O que é necessário se destacar é que, na cidade de Salvador, em contato com as relíquias sagradas e marcos históricos, pejados de beatitudes e de lendas; alimentado pela beleza virgem da tradição que ilustra com inédito esplendor o chão da terra do Senhor do Bonfim; na convivência de artistas, que viveram se librando nas asas diáfanas das quimeras e das ilusões mais fagueiras; banhando-se no pitórico radioso da paisagem evocativa e inspiradora; encandeado pelo fulgor exuberante da natureza prodigiosa da lendária “urbs” que, para êle, fôra, como que uma nova Canaan, o jovem potiguar plantou as primeiras sementes, grávidas da seiva de sua poesia, as quais, mais tarde, transformaram-se em flores olentes para o parto alvissareiro de frutos opímos.

Rui Barbosa, já afirmava, na sua incontestada facúndia: “o influxo da arte comunica a durabilidade á escrita humana. Só êle harmoniza o papel e transforma a pena em escopo.”

\* \* \*

O imortal poeta do “Naufrágio do Vapor Baía”, no início de sua formação, não cuidou, suficientemente, do seu futuro material, pois esqueceu os imperativos de sua obrigação de integrante de uma escola superior, que havia de lhe conceder um pergaminho, identificador das credenciais que precisava, para ocupar o posto, na trincheira da vida prática e poder, melhormente, manejar as armas que o autenticariam um ativo e denodado sentinela, na luta árdua pela conservação.

Não se dedicou, como era preciso, ao manuseio dos livros científicos nem se afez á prática dos laboratórios e dos anfiteatros que, lhe proporcionariam maiores luzimentos á ilustração, preparando-o, “comme il faut” para os ingratos labores do cotidiano.

Preferiu, suggestionado por suas ilusões e devaneios de moço, rumar horizontes mais claros, perspectivas mais originaes, campos mais vastos, atraído pelos acênos com que a glória o convidava a uma jornada mais compatível com a “finesse” do seu espírito, não tergiversando em aceitar o convite cativador.

E, em pouco tempo, pelo conceito e admiração que desfrutava nos círculos culturais da metrópole baiana, galgou situar-se na peanha do altar, onde foi entronizado, não apenas, pelo prestígio que gozava, nos meios sociais e intelectuais da velha cidade, mas, por uma espontânea e leal manifestação da vontade e do respeito coletivos, galardões que conquistou a golpes de inteligência, de talento e valor pessoal.

\* \* \*

Na praça pública, nos delírios inflamados das demonstrações cívicas, na tribuna das homenagens votivas a vultos de heróis e de mártires nacionais, na distinção e elegância das reuniões familiares ou ainda, haloado pelas luminescências das ribaltas, nas noites de triunfos, a sua palavra brilhante de orador e o seu estro esplendente, muitas vezes, ruflaram as asas douradas, ou retomando feição mais poderosa, alçaram-se em vôos condoreiros, arrojando-se a culminâncias, somente atingidas pelas águias ou pelas estrelas. . .

Foi, lá, na terra do Senhor do Bonfim que, seguindo Castro Alves, condor dos mesmos vôos e das mesmas arroçadas culminâncias deu ao Brasil, na pureza inatingível de sua poesia, paginas que, ainda hoje, conservamos como reliquias, retalhos espirituais, custosas gêmas, a esplendirem no relicário, onde guardamos as coisas mais sagradas.

Segundo não chegou a tornar-se, apenas, um precursor de Castro Alves, porque a sua poesia, também modelada na escola seguida pelo genial baiano, formou duas paralelas, que correram parelha, e hoje, se encontram abraçadas, entrelaçadas, no ângulo absoluto do infinito, abrindo aos pósteros, aos que sentem a beleza e a vida, através do espírito, das emoções e da sensibilidade, carreiros, pelos quais se alcançam as metas da perfeição, na órbita superior, onde eles estiveram situados e na esfera, da qual projetaram, ainda, agora, fecundos lampejos, mensageiros dos seus grandes sonhos de artistas, na pátria dos mitérios.

Cêdo, muito cêdo, o poeta de “Estrelas Cadentes”, “Gondolas”, e Poesias Completas”, projetou o seu nome, no “metier” cultural do Brasil, embora a sua arte, ele, não n’a procurasse ninar, no berço dourado da imortalidade, proibido pela modestia e pela renúncia caracterizadoras do seu temperamento, e que se fizeram, durante toda sua vida, paradigmas do seu instintivo “modus vivendi”.

Os lampejamentos irradiantes de sua poesia começaram a se difundir no cenário intelectual patricio, quando, ele suggestionado pelo fulgor da ribalda e pelos segredos enfeitantes dos palcos, procurou exaltar, em filigranas de ternura e amavio, com suas estrofes consagradoras, a arte, a divina arte imortal, através do poder artístico das mais notáveis interpretes do teatro contemporâneo.

Numa noite de gala, no Teatro S. João, da Baía, quando Alice Rebottaro realizava o seu festival artístico, Segundo declamou uma exaltação á altura de suas virtudes e das magistraes interpretações da notável atriz, fazendo o velho templo de arte vibrar, numa verdadeira apoteose de aclamações:

“Alice, as notas que exalas  
excitam mil corações.  
Têm mais doçura nos beijos,  
ao crepitar das paixões.  
Ao éco dos teus soluços,  
os oceanos de bruços,  
vêm, atentos, te escutar

Transformas em cavatinas,  
as alvacentas neblinas,  
as ardentias do mar.

Sobe, mulher deslumbrante,  
sobe muito, sobe mais,  
é, lá, na luz das esferas,  
onde ha glórias imortais!  
O gênio é como uma essencia,  
sobe, sempre, sem cair,  
porem, se acaso desmaia,  
tem um altar onde caia,  
— tem os braços do porvir.

Tua garganta de cisne  
modula todos os sons,  
desde o gemido das harpas  
ao gargalhar dos trovões.  
Tem as dores do martírio,  
tem o tremôr do delírio,  
vai do Calvário ao Tabôr.  
Tu não cantas, tu não falas,  
tu transpiras, tu trescalas,  
— perfume, inocencia, amôr...

Segundo fôra um eterno enamorado das grandes artistas  
que o Brasil consagrou.

Não lhes cultuava a plástica, a pureza dos contornos nem o  
~~seduziam~~ a esuberância e a graça das curvas provocadoras,  
O que quer dizer, não n'as tinha nos desejos nem no coração  
amoroso, mas trazia-as dentro do seu espirito encantado, nas  
emoções, admirando-as, como portadoras de geniais pendo-  
res, de virtuosidades e marcantes prendas dalma, que as tor-  
naram eleitas de sua admiração.

Brindando a arte exponencial de Maria Francesi, em  
um dos intervalos do seu recital, de beneficio, disse:

“Francesi, quando teu vulto  
assoma ao palco, sorrindo,  
bem como a Venus, surgindo,  
dos flocos de ouro anil,  
não sei que mais admire,  
nesta hora, santa, encantada,  
se a tua voz inspirada,  
se o teu divino perfil.

Nasceste na bela Italia,  
no paraíso da Europa,  
onde, os artistas, em tropa,  
beber, harmonias, vão.  
Nêsse país de poetas,  
sob êsse céu tão simpático,  
onde soluça o Adriatico,  
onde palpita o vulcão.  
Ó, anjo das cavatinas,  
tu tens, com justo direito,  
da mocidade, no peito,  
a mais custosa redoma.  
Vês esta chuva de aplausos?  
Vês esta nuvem de flores?  
São os brasíleos condores,  
saudando o cisne de Roma...

Jamais faltou, ao deus poeta, inspiração, quando ele precisava exaltar o valor dos gênios do palco, que deram ao Brasil artístico, na expressão de suas qualidades de espírito, o melhor do seu entusiasmo, do seu calor patriótico, do seu talento e de suas excelsas virtudes interpretativas.

E, Salvador, campo de suas primeiras ilusões, seara dos seus melhores sonhos de mocidade, deu á sua poesia magnífica, o vigor impolgante dos arroubos geniais, para cantar, em estrofes de fino quilate, hinos de louvor ás figuras pinaculares, que Talma consagrou, dando-lhes a láurea da imortalidade.

Quando a platéa baiana tributou, certa vez, uma homenagem á famosa atriz Adelia Nagel, o ilustre vate não podendo reprimir o seu entusiasmo nem deixar de solidarizar-se com o movimento de merecida justiça, recitou, de um dos camarotes do Teatro S. João, o poema, do qual registro, apenas, um trecho, para que se possa medir a expressão sentida do aplauso, que o poeta não pôde ocultar:

“ — Quando chegas, ao palco, o povo se extasia,  
Te cerca de ovações, de afagos, de laureis;  
Uma onda de luz vai inundar-te a fronte  
E uma chuva de flor vai te cair aos pés.  
Quando chegas, ao palco, a cena se transforma,  
Quer desprendas um riso ou firaç um bemol;  
O raio faz-se chama, a chama faz-se aurora,  
A aurora faz-se estrela, a estrela faz-se sol.

Tú que possuis, Adelia, um privilegio santo,  
Na arte de agradar, na arte de atrair,  
Semeia, em teu caminho, os louros do presente

Que, em breve, colherás as glórias do porvir”.

Tendo, durante alguns anos, permanecido em Salvador, onde completára os seus estudos de medicina, sem maiores entraves, situou-se na terra hospitaleira e dadivosa, participando, não só da comunhão social, nos círculos mais distintos, na alta roda, como também, no ambiente cultural, do qual se tornou figura de pro.

Ali, fez as suas primeiras arrancadas poeticas, guiado pelos luzimentos da estrela “condoreira” com que, Castro Alves e Tobias Barreto lhe iluminaram o céu inteiro, para a sublime cruzada.

Apezar do seu roteiro ser aclarado pelas irradiações dos dois geniais patricos, Segundo, antes de pisar o chão da terra “vóvó” do Brasil, já se havia identificado como poeta condoreiro, escrevendo e dando publicidade, na imprensa potiguar a vários poemas, que obedeciam aos preceitos e exigências daquela escola:

“— Eu vou dizer-vos: Silêncio!...

É Bonifacio quem fala...

O que se chama senzala,

A escravidão o que é:

É este orvalho de sangue,

Vertido pelo suplicio.

Que nutre as flores do vicio

E cresta as flores da fé...

O velho mestre, nas suas lides intelectuais, foi também, um patriota “enragé”, espírito aberto á grandeza da terra, que se amamenta nos cinco bicos de seio do Cruzeiro do Sul, vitalizando-se para os grandes empreendimentos em que se apoiava o seu alviçareiro destino.

Fez, explodir, dentro de sua alma, os sentimentos vibrantes do civismo, que alimentaram a sua radiosa mocidade e que não o conduziram á velhice, porque aos 49 anos de idade despediu-se da poesia e dizendo adeus á terra, subiu nas asas diáfanas da fantasia, á patria nova das estrelas...

“— Soldado! Chegou a hora,  
de triunfar ou morrer.  
Se grande é o vosso heroísmo,  
Maior é o vosso dever,  
Bravos, leais, brasileiros,  
correi às armas, ligeiros,  
para salvar a nação,  
que á sombra do fanatismo,  
oculta-se o banditismo,  
pregando a restauração...

Participando das homenagens civicas, prestadas á efemeride que marca o dia 2 de julho, epilogo da reacção libertária, na Bahia, e sentindo, em cada peito de brasileiro, um pulsar mais intenso nos ritmos do coração e no amôr á pátria e á liberdade, o poeta que, jamais, deixou se ficar nas galerias, nêsses encontros de fé e de exaltação civica, traduzindo o seu sentimento de nacionalista e democrata, clarinou, para a multidão que o ouvia, êsses versos eloquentes:

“— É belo, é heroico, morrer-se,  
como morrêra Sansão.  
Mudar-se o sangue das veias  
na seiva da redenção.  
É belo ter por mortalha  
a rubra, a imensa fornalha  
acesa pelo fusil.  
Das almas eletrizadas,  
fazer brilhantes espadas,  
para salvar o Brasil”.

Cantou, ainda, em versos terços, as tragedias que fizeram luitar a nação, com o desaparecimento de filhos ilustres que, ainda hoje, honram a nossa tradição histórica, destacando-lhes o valor, pelo trabalho conciente e proveitoso em favor da grandeza da pátria, que tudo esperava do seu civismo e coroando de maiores louros, o destemor e a fortaleza espiritual e moral dos martires, que se perpetuaram no coração do Brasil.

Homenageou José Bonifácio, o Visconde do Rio Branco, Silva Jardim, Tiradentes, padre João Maria, Miguelinho, Auta de Souza, Pedro Velho, para fechar o ciclo das suas demonstrações de respeito e apreço, aos grandes mortos, enaltecendo a grandeza da intrepidez de Augusto Severo, o heroi dos ares, o enamorado das estrelas, tecendo grinaldas de rimas palpitantes, para depositar-lhe sôbre a memória imperecível.

No caravançaré, que ele construiu, no imenso deserto de sua facúndia, ao pé dos oasis, que se levantavam, em meio do esplendor da literatura patricia, Segundo Wanderley escondeu, como num sêsamo, encantado, o filão dourado de sua obra cultural, para lega-lo aos pósteros, como testemunho do seu talento, intelligencia e devotamento ás letras e ás artes, que foram o seu avatar.

Nas suas demoradas vigílias, nas longas noites insones, quando as angustias e os dissabores da vida, vinham-lhe perturbar o sôno, intranquilizando-lhe o espírito, o amargurado poeta vingava-se da impiedade da sorte, contando, ás rimas, ás suas dores íntimas, através de estrofes, que serviam de bálsamo suavizador ao espirito atribulado.

Apezar disto, jamais ninguém lhe escutou uma frase de revolta contra a vida, contra o destino, contra os homens.

A sua maneira filosófica de encarar os problemas que tinha a resolver, conservava-o sereno, aconselhando-o prudência e resignação para enfrentar as vicissitudes, que lhe assoberbavam os dias.

E o silêncio e o resguardo com que se mantinha, em todos os momentos de angustia e de atribulações, davam a impressão de que, ele, fosse o homem mais venturoso do universo.

Escrever, transpirar a imaginação pela pena, foi sempre a arma de que se servia para os embates da vida e era o seu maior prazer, o seu mais enfeiticante passatempo.

E assim, com a alma pejada de versos e o coração latejando de sentimentos e emoções, deu-nos, o inimitavel poeta, trabalhos poeticos e dramaticos, capazes de o situar no conceito dos nucleos mais cultos do país, onde o seu nome e a sua obra, ainda hoje, vivem como uma expressão de força, de fama consagradora.

\* \* \*

A bibliografia do imortal conterraneo, enriquecida com uma bagagem de excelso valimento, mede-se com a expressiva trêna, que justifica o poder de sua illustração e do carinho que votava ás artes, notadamente á poesia e ao teatro.

Assim, vamos encontrar, no computo das obras que sagraram Segundo, e que foram publicadas, sem se falar em trabalhos esparsos, que não foram encontrados depois de sua mor-

\* \* \*

te, os seguintes: — Em poesia — “Estrelas Cadentes”, “Gondolas”, e “Poesias Completas” Em Teatro: — “A Louca ou o riso da dôr”, “Os Anjos do Amôr”, “A Restituição”, Amôr de

um”, Anja “O Prêmio da Viuva”, “O Anjo da Noite”, que fizeram a escalada inicial da vida poética e teatral do artista, vindo depois, a encenar e publicar os dramas: “Amôr e Ciume”, “Brasileiros e Portugueses”, “A Providencia”, “A Louca da Montanha”, e “Os Anjos do Claustro”, esta última, obra dramática, que ficou incompleta, e que, a teatrologa Stela Wanderley, uma de suas pupilas, concluiu, magistralmente, dando, ao ato final, que ficara por terminar, o mesmo pensamento e o mesmo estilo.

São, ainda, comédias de sua autoria: “A Pulga”, “A Noiva em Leilão” e o episódio patriótico “As Três Datas”, sendo o seu último trabalho de teatro, a sensacional revista “Natal em Camisa”, que fez época nos palcos potiguares e “Alberto ou a glória do artista” e o Amor burlesco ou Austucias de um musico” que construíram a maior vitória de Segundo, pelo sucesso com que foram encenadas repetidas vezes, pelo Gremio “Recreio Familiar”, conjunto formado por figuras das mais representativas da sociedade natalense.

Segundo deixou, ainda, inéditas, as peças: “A Rainha dos Bosques”, “Entre a terra e o céu” e o “Drama das Secas”.

Coube, ao grande teatrologo, a honra de ter sido a revista “Natal em Camisa” encenada três vezes, pela Companhia Lucia Fernandes, do Rio de Janeiro, quando em excursão por esta capital. O público presente aplaudiu freneticamente o espetáculo e, como era hábito, Segundo foi chamado á cena, para receber as homenagens dos admiradores.

\* \* \*

Observando-se o talento polimorfo de Segundo, no tocante a sua preferencia artistica, nós chegaremos a conclusão de que não é possível se o julgar, precipitadamente, sem sermos passíveis de pecar.

Focalizando-o, no jornalismo, ele é de fato, o articulista prudente, sensato e medido, elevando a moral e combatendo o vício, exaltando a virtude e destruindo o mal, com a serenidade e aprumo de sua conduta, construindo, idealizando, pregando e ofendendo os direitos comuns.

Na poesia, é o retocador, o esmerilhador, o lapidador de rimas admiráveis, esfrolando os sentimentos alheios, com o poder inimitável dos seus sentimentos.

No teatro, é o criador de figuras vivas, bem ajustadas, sensíveis aos momentos de dôr ou alegria, de exaltação ou de renuncia, nas lutas intensas do cotidiano, dentro das emoções que se polarizam nos dramas e comédias, que destacam a sua obra teatral.

Assim, não é sem alguma dificuldade, que podemos classificar a posição do artista, frente às artes a que se dedicou.

Não é sem escrúpulo que se afirma ser, ele, melhor jornalista do que poeta, melhor poeta do que teatrologo.

Na imprensa fez o seu cartaz, conquistou os seus triunfos, credenciando-se, combatendo erros e mazelas, educando, satirizando, criticando, orientando, com a segurança de seus conhecimentos.

Poeta, identificou-se pela natural expressão de sua inspiração, pelo respeito á forma, pelas sugestões que emprestou aos lindos painéis que pintou, pela obediência aos modelos e métodos da arte, que o conduzia a grandes triunfos, no comércio intelectual do país.

Teatrologo, conhecia todos os segredos do palco, desde a carpintaria, situações de cenas, planos e ordem dos apetrechos necessários aos desempenhos, maneira de apresentar as mutações que justificam tempo, ação e limite, no desenrolar dos atos, sem ser mais preciso se destacar o seu poder criador, na observância da psicologia de cada personagem, dando-lhe características próprias, sentido humano e penetração lógica aos desenhos das figuras estudadas, nas emoções e nos sentimentos, que as tornaram capazes de urdir, sem embaraços, a teia do enredo, que ele sentiu e lançou, com as tintas mais vivas, mais claras e mais radiosas, de sua paleta de esteta.

Querendo-se, assim, traduzir a primasia de Segundo, com relação as artes que cultivou, só podemos dizer, com justiça, que ele foi mais conhecido como poeta do que como jornalista e teatrologo, porém, a sua obra teatral é, sem dúvida a mais vasta, mais robusta, e senão mais expressiva e grandiosa.

Acontece que, como teatrologo, as suas peças foram, apenas, recebidas pelas platéas potiguares, nunca transpondo as nossas fronteiras, para submeterem-se ás críticas estranhas ao nosso meio. E poeta, ele já nos chegou consagrado pelo entusiasmo do povo baiano, que fez questão, pela admiração que lhe dedicava, de difundir a sua poesia, através dos nucleos intelectuais do Brasil, nos quais ficou eternizada, não como a arte de um poeta natalense, mas, como expressão emocional de um famoso poeta brasileiro.

A maneira de um dom divino, parecia que a poesia havia se instalado no espírito do ilustre sonhador, credenciando-o para "as conquistas do bem". E por isso mesmo, ele pontificava no templo de Calipso, celebrando, com o missal das rimas, o ritual pagão, no altar das escolas que professor.

Emotivo, sensível a todas as manifestações de aprêço e admiração que prestamos ao seu devotado sacerdócio, não n'as recebia com as alegrias e o entusiasmo dos envaidecidos com louvores e honrarias, mas, as agradecia com os olhos molhados pelo orvalho que lhe neblinava da sensibilidade.

O seu estro cantou, embeveceu, embalou a alma da gente patricia, seduzindo-a com melodias originais, espalhadas no evangelho divino, que pregou com o mesmo dulçor e ternura daquelas cantigas de acalanto que as mães pretas, dantanho, entoavam, ao pé dos leitos dos pupilos afortunados, para que eles adormecessem e sonhassem com príncipes e fadas de reinos e mundos encantados.

Ninguém melhor do que Segundo obedeceu ao ritual intrínseco do verso, nas suas exigências e plasticidade de suas diversas modalidades.

Os seus decassilabos são exatos, justos e primorosos, como os que escreveu Malarmé ou Bilac; os alexandrinos e poemas se pautam em cadências sutis, medidas, delicadas, harmoniosas, iguais ao ritmo da água corrente que, imperturbável e sonora, se infiltra no coração das matas, levando, no dorso crêspo da correnteza mansa, miríades de pétalas desfolhadas.

Ha em diversas produções incertas no "Poesias Completas", onomatopéas, que bem podem rivalizar com aquelas que os poetas franceses lançaram, criando uma nova faceta poética, estabelecendo, entre o sentido do verso e o som provocado pelo motivo do -tema descrito, uma espécie de "enjamblement" comunicativo á sonoridade da métrica:

— Resvala o raio, rútilo, rasgando . . ."

— "Treme a terra, terrível, tenebrosa..."

— "Volve a vaga, valente, vomitando..."

— "Nos sombrios sertões, silva a serpente..."

Seduzido pela significação impressionista destes versos, colhidos em varias produções, admirador inconvertível, que era, da arte cultivada por Segundo Wanderley, foi que, o poeta Paulo de Albuquerque Maranhão, jovem conterrâneo que, tão cedo, desapareceu do cenário humano na inquietação dolorosa de uma noite de insônia, na sua fazenda "California", torturado pela solidão que o cercava e pelo vazio do ambiente, que a noite, longa, tornava mais angustiante, escreveu o poema, no qual se lê essa evocativa onomatopéa:

— "Zangado, zonzo, zarpa, zumbindo um bezouro".

Essa é mais uma prova autentica de que, Segundo, na

sua esplêndida maturidade, nada pretendeu além de distribuir, com os poetas de sua terra, retalhos dalma que, ainda hoje, marcam o roteiro, por onde eles devem transitar para a imortalidade.

Espiolhando antigos alfarrábios, na cata de documentação original, sobre a vida e a obra literária de Segundo, depois de persistentes e cansativas buscas, vim a colher, na coleção de A Republica, do ano de 1899, algumas provas autênticas do seu espirito bouvelardier.

E foi, nessa fonte, nesse manancial precioso, que consegui, melhormente, conhecer o “embaixador das nossas artes”, através á profundeza de sua verve, justamente na época em que, mais sensivelmente, o seu espírito se denunciou, dando lugar a que a sua lira, afinada pelos bemós do diapsão irônico de Paula Ney e Emílio de Menezes, retomasse acordes diversos daqueles dedilhados nas disciplinas das escolas primitivas, nas quais ele se aprimorou.

Segundo não foi o homem de gabinete que, debruçado sobre a mesa de trabalhos, fizesse as pestanas arderem, na elaboração das obras que lhe deram renome. Não. Ao contrário. A maior parte dos motivos e temas focalizados nos seus trabalhos foi quasi improvisada, pois era colhida em palestras na redação do velho órgão de Pedro Velho, durante as horas de folga, nos cantões sociais ou na observação dos acontecimentos registrados nas ruas, nas suas andanças pela cidade.

Ao tempo que o Cel. Francisco Cascudo negociava nesta capital, proprietário que era do armazem “O Profeta”, aconteceu que, certa vez, aquele abastado comerciante, recebera, do sul do país, uma grande partida de cordoalha e devido a quantidade que quasi superlotava os seus amplos almoxarifados, resolveu promover uma intensiva propaganda daquele artigo, a-fim-de despertar a preferencia da freguesia, deixando á margem, o seu único competidor, naquele ramo de negocio, um homem irritadiço, nervoso e temível.

Aproveitando o assunto, Segundo, que não perdia vasa, como diria um jogador, lançou, pelas colunas de A Republica, uma décima advertindo o negociante, como seu grande amigo que o era, para que se acautelasse:

—“Meu caro amigo Cascudo,  
venda seu rico massame,  
porém, não faça reclame,  
atenda o que eu lhe digo,  
que você corre perigo,  
pois gaita não é birimbáu.

O bicho de genio mau,  
de noite, depois da ceia,  
agarra um cabra de peia  
e manda chegar-lhe o pau.

De outra feita, observando a grande quantidade de médicos que se diplomou na turma em que também colou seu grau, Segundo escreveu um epigrama, que foi divulgado entre os colegas e amigos, com agrado pelo espírito que emprestou ao quadro:

“— Ha tanto médico, novo,  
pelo Brasil espalhado,  
que julgo haver quem mais cure,  
do que quem seja curado”.

No seu poema “Amor Patológico”, uma espécie de sátira, com a qual sinapizou a sensibilidade de uma prima hipotética, o poeta dosou, com muita oportunidade, o seu senso humorístico, nos decassílabos das seguintes estrofes:

“— Prima, eu me abraço numa febre ardente,  
febre de amor que me devora o peito.  
— Por ti me atiro, com prazer, as vagas,  
— Que com certesa tirará proveito.

Por ti me atiro, com prazer, às vagas,  
a rubra lava do vulcão, insana.  
— Pra faniquitos de rapaz solteiro,  
— é bom tintura de valeriana.”

Contou-me, numa reunião em seu atelier de trabalhos gráficos, o famigerado artista João Estevão Gomes da Silva, antigo chefe das oficinas gráficas de A República, na época em que Segundo agitava a cidade com suas rimas de fino humor, que ouviu, muitas vezes, o jornalista José Mariano Pinto, então gerente daquele órgão, após a leitura das gostosas décimas que Segundo publicava, soltando desopilantes gargalhadas, dizer:

“— Êste é o avêso. Ê a musa çanalha de Segundo”.

Foi assim, o humor sadio, comunicativo e causticante, que Segundo derramou pela estrada ampla e povoada de sugestões bizarras, nessa sua segunda fase, que não deixou de se constituir uma constante na sua vida de sonhador.

Fazendo compungir o coração das multidões emocio-

naídas com a beleza das estrofes, nas quais focalizou em quadros de raro colorido, o sacrificio dos mártires, imolados na defesa dos seus ideais; os arroubos patrióticos dos heróis, que não chegaram a se banhar na luz radiosa das vitoriosas alvoradas e as lágrimas e as dôres sentidas, dos pretos, que vieram para as senzalas, algemados de saudade, nos absconsos porões dos navios negreiros, Segundo, como que, desfazendo o labirinto que tramou, com os fios mais sensíveis do tear do seu coração, enveredou, no humorismo, deixando os leitores transpirarem, pelos lábios, a alegria deliciosa produzida pela jocosidade de seu espírito, característica até, então, desconhecida, quem sabe, até mesmo por ele próprio.

Revolucionou, com sua verve, a sociedade natalense, cujas atenções se voltaram para as sugestivas décimas e quadras, que habitualmente lançava, colaborando, desse modo, para maior atração dos leitores pelo órgão decano da imprensa, na potiguarania, que não se mantinha, apenas, pregando a liberdade e pugnando pelos direitos coletivos, mas levava, ao povo, também, a cultura e as artes através da ilustração de seu brilhante e renomado corpo redacional.

Segundo Vanderley foi um artista de renome, que fugiu ás características dos asséclas de sua arte.

Avêso aos transbordamentos da boemia, infenso a libações, com vinhos e licores inebriantes, viveu á maneira de um galés da abstinência, incólume dos feitiços de Bacho e das seduções dos festins dionisiacos, embora a vida artistica e cultural da cidade encontrasse, sempre, na sua pessoa, um inconvertível incentivador, um animador entusiasta, um mestre a serviço de suas realizações.

Não houve, no seu tempo, movimento cultural, nos quadrantes da capital, que ele não participasse, como elemento de prol, quando não era o condotiere.

Festas publicas, homenagens, reuniões artisticas, espectaculos, tudo o que se relacionava com a cultura, deveria ter, como pelos imperativos de um dever comum, servindo de bandeira ou de cartaz, o nome, a presença, o interesse e a dedicação do guerreiro emérito.

Ensaiava e dirigia, de bom grado, conjuntos amadoristas e grupos improvisados que se propunham a aparecer á luz das gambiarras, dos tangões e das ribaltas, sem procurar medir o valor dêsses grêmios nem a qualidade dos interpretes, que compunham os elencos. Queria ajudar, auxiliar, animar, para consequimento de um maior exito, de um maior proveito, amanhã.

Lembro-me que, certa vez, aniversariava o teatrologo Sandoval Wanderley que, (áquele tempo ainda era uma esperança artistica) para celebrar as alvíscaras da data festiva. organizará um espetaculo, na intimidade do seu lar, (o virus do teatro está latente, no sangue dos Wanderley) contando com a colaboração de parentes e varios amigos.

Seriam duas horas da tarde, quando ultimavamos os trabalhos do cenario, depois de estafante tarefa de carpintaria e decoração do palco.

Segundo, como que conduzido pelo halo magnetico, que aproxima as criaturas, a esta mesma hora, batia á porta da morada do aniversariante. E depois de o abraçar afetuosamente, indagou como seria festejada a magna data, obtendo como resposta, que a efemeride seria comemorada com a apresentação de um espetaculo.

—E o que vão vocês encenar — inqueriu, Segundo.

—Vamos levar “As tres datas”.

—E já prepararam a indumentária do Brasil?

—Foi dificil arranjarmos meios para o fazer, porisso Brasil se apresentará à cena de calção e acorrentado.

—Não. Não permitirei que isso aconteça — bradou Segundo — Vão, todos, imediatamente, conseguir nas casas vizinhas e amigas, penas de perús e tragam-m’as, com brevidade.

E ás cinco horas da tarde, o indio estava submetendo-se ao ensaio geral, com a indumentária caracteristica completa: cocár, flexa e os bizzarros adereços, que foram, tambem, confeccionados pelo mestre. É á hora aprazada para a realização do espetaculo, lá estava, o famigerado dramaturgo, de mangas arregaçadas, servindo de contra-regra á peça que obteve ruidoso sucesso.

\* \* \*

Na sua vida de homem probo e conciente de suas responsabilidades, o poeta admirado e querido tinha, sempre, á flôr dos lábios, para os novos, os que se ensaiavam, nas letras e nas artes, palavras de incentivo, de concitamento, como que procurando leva-los, pela mão, ao fim da jornada, no terreno áspero e ingrato, que eles palmilhavam.

Queria deixar,, como um testemunho de confiança, substitutos, na terra, inteligencias e talentos adestrados, para continuarem a sua obra, bem ao contrário do que faziam os vaidosos, sem dotes espirituais que, tentando subirem nos om-

bros alheios, forçavam os debutantes, nas lutas literárias, a ensarilharem as armas, amedrontando-os com críticas acerbas.

Segundo, jamais negaciou justiça e aplauso aos que dele faziam jus.

Descobrindo virtudes intelectuais, entre os que se iniciavam, estava, sempre, pronto a prestar-lhe toda a assistência necessária, a fim de que revigorassem as suas prendas dalma, bafejadas pelo apoio, pelo incentivo, por sua fraternal solidariedade.

Não devo deixar sem um registro especial, neste modesto, estudo um fato que testemunhei e com o qual posso demonstrar, precisamente, a admiração que o poeta voltava aos pendores intelectuais dos seus conterrâneos.

Chegava, numa manhã clara de domingo, a esta capital, aureolado do prestígio e da simpatia coletiva, o Governador Alberto Maranhão.

No cais da Alfandega (antiga) á rua Chile, grande multidão se apinhava, aguardando a chegada da lancha, que transportaria, de bordo, ao chão potiguar, o ilustre homem público.

Autoridades, pessoas gradas, famílias e populares se confundiam no mesmo entusiasmo e na mesma alegria comunicativa e sonora.

A banda de música da Polícia Militar abrilhantava a solenidade, executando números especiais do seu repertório, enquanto girândolas de foguetões fendiam os ares, como vibrações trovejantes de júbilo.

Após os discursos oficiais, ocupou a tribuna o poeta Ferreira Itajubá, até, então, desconhecido nos meios literários da cidade. Pronunciou uma brilhante saudação ao recém-chegado, pejada de imagens fluentes e belos conceitos, que arrancaram aclamações da multidão entusiasta.

Em dado momento, porem, o modesto orador foi obrigado a deixar a tribuna, por determinação de uma autoridade, que não permitiu o prosseguimento do discurso, embora com protesto e revolta de algumas pessoas presentes, que não se conformaram com a arbitrariedade.

Entre os insatisfeitos com o acontecimento estava Segundo Wanderley, que não pôde conter o seu constrangimento, tendo se retirado do local, para não cometer uma imprudência.

Mais tarde, numa roda de amigos, quando se comentava a deselegância da autoridade responsável pelo ato agressivo, entre prós e contras, Segundo, visivelmente irritado, exclamou: — “Meus amigos, o gesto foi deselegante e reprovavel,

Se eu não morrer logo, assistirei, com vocês, a consagração desse rapaz. Ele será o maior poeta do Rio Grande do Norte”.

\* \* \*

Segundo foi temperante, como poucos homens de sua idade e da sua época.

E se teve os seus pecados, foram culpas furtivas, que não chegaram á indiscreção nem á maldade dos curiosos e dos puritanos.

O seu horóscopo registrou-lhe, ao nascer, uma vida serena, de resignação e de renúncias, impondo-lhe a juventude permanente dos leitos das belesas eternas, que se polarizam no espírito dos predestinados.

Jamais permitiu, o poeta, que a sua alma de rapsôdo se derramasse sôbre a nudez plenilunar das ruas adormecidas, embalando-a com a sonoridade dos violões seresteiros que, perturbando a tranquilidade das noites, despertavam saudades de momentos irretornáveis, embora uma grande parte dos seus poemas românticos, estivesse integrando o cancionero popular, musicada por compositores, que se destacaram nas serenatas dantanho.

Com a sua formação puramente cristã e sua fé inarredável, o poeta conseguiu vencer as dificuldades da existência atribulada, na sua pobreza resignada, voltado, sempre, para a pureza dos costumes e para as exigências da educação doméstica, que recebêra, na infância, como um talismán materno e que, conservando-a como um bem de exponencial valimento, lhe serviu de guia, no labirinto tormentoso dos seus dias de sofrimento e prazer, de amarguras e de glória.

Foi um sonhador enclausurado no seu ideal, um poeta emburelado no fascínio das rimas, dos hemistiquios, da cesura dos versos que compunha, cascadeantes e sonoros, como as águas turbilhonantes das cachoeiras, que se despenham da crista da corredeiras, levando o abraço do sertão ao mar.

\* \* \*

Não podemos classificar, com justiça, Segundo Wanderley, senão como sendo o “Príncipe da Poesia Potiguar”, no passado, pois, para classifica-lo de outro modo seria tentarmos es-  
curecer á verdade. E para identifica-lo, deu-lhe o destino, por certo, a pena adestrada e luminosa; por corôa, o talento, com o qual ascendeu ao trono que lhe estava reservado, e por manto, uma nesga do ceu, marchetada de estrelas.

Seria um crime se lhe negar êsse merecido galardão.

Alguem ha que, sem se haver infiltrado, convenientemente, na sua obra, sem penetrar nos meandros de sua arte, o classifique na escola condoreira, precursor do estilo que consagrou o genial e inatingivel poeta baiano Castro Alves.

Todavia, revendo-se a sua bagagem poetica e se a estudando, devidamente, chegaremos á conclusão de que o saudoso aêdo era portador de um marcante ecletismo poetico, cultivando, com a mesma dedicação e com o mesmo interesse abnegado, outras escolas, embora conservasse, como pedra de toque de sua arte o condorismo.

Em toda sua obra, nos deparamos com o mestre cultivando o parnasianismo, o panteismo, o gongorismo, o lirismo e o humorismo, prova de que ele não se aferrou á escola do insigne baiano nem fechou, o seu estro, na gaiola dourada, que guarda, apenas, um passaro descasalado.

O seu estro, primoroso e fascinante, espalhou-o num viveiro, no qual, aves de plumagens as mais diversas e portadores de várias melodias, teciam hinos à vida, através dos “alegros” constantes de seus garganteios originaes. Deu-lhes vida, expressão, côr, ternura e carinho, como se eles fizessem parte da prole que adorava, libertando-os, em revoadas que, depois de lhe haverem povoado os sonhos, as esperanças e o coração, iam se aninhar nos quadrantes culturais do Brasil.

\* \* \*

Lendo-se “Estrelas Cadentes”, “Gondolas”, e “Poesias Completas”, trabalhos que distinguem a sua obra poetica e o consagram como um dos grandes discipulos de Prud’Homme, Geraldty, Bilac, Castro Alves, Luis de Gongora, Paula Ney e Artur Azevedo, chegaremos a autentica-lo, não apenas como apostolo do credo condoreiro, mas, como um estéta de distinguido sentido poético, sem nenhuma preocupação de cingir-se ou especializar-se em uma única forma de estilo, de versejar.

No parnasianismo o illustre mestre demonstra os seus pendores no perfeito soneto — “Agonia do Sol”:

“Turva, a neve do céu, vasta e sombria,  
um flúido estranho, indefinido e vago,  
das auras mansas ao sereno afago,  
balisa o mar a estoica penedia.

Da grande magua, a roxa sinfonia,  
vibra dolente, nos cristais do lago.  
Pombas, em tropa, num concerto mago,  
passam cantando os funerais do dia.

E o cadaver, do sol, ensanguentado,  
num purpureo sudário, amortalhado,  
das cataratas á morbida surdina. . .

Rei, que o brilho da crôa ja não sente,  
baixa á campa de nácar do poente,  
levando o cetro a estrela vespertina!

Lirico, mostra-se o pupilo das mulheres que cruzaram,  
anonimas, a sua vida, sem todavia, lhe ferir o coração:

*COQUETE.*

“Quando ela passa, o gesto petulante,  
no macadam, brunido, do passeio,  
suspendendo, num lânguido meneio,  
da regia saia, a cauda roçagante,

Do heliotrópo, o cheiro penetrante,  
se evola, em ondas, do venusto seio. . .  
E do decote, ostenta-se, no meio,  
de uma La France, a nodoa corruscante.

Ao fitar-lhe a casquilha compostura,  
dos vassalos, a troupe almiscarada,  
arma um sorriso e faz-lhe uma mesura.

Rara joia, que em sonho se encontrára,  
leva, da moda, a flamula arvorada,  
na pluma, rubra, do chapéu bilontra.

Adepto do panteismo, expressou, bem, o seu sentimento, fazendo de sua imaginação um pincel magico, com o qual desenhou, o quadro sugestivo que intitulou:

*PROCISSÃO DAS FLORES*

D’Alva de maio, os fulvos esplendores  
dôuram dos cerros a indecisa crista.  
E entre rendas de jalde e de ametista,  
vai desfilando a procissão das flôres.

Branças dhalias de misticos palores,  
são os anjos da flórida revista.

Nem o mago cinzel de heleno artista,  
pode esculpir tão rútilos labores.

Num tripúdio de lúbricos quebrantos,  
rompem salmos, na veiga perfumada  
da caçula dos flavos heliantos...

Surge um andor, tecido de verbenas  
e um rouxinol, saudando a madrugada,  
passa, em triunfo, espanejando as penas.”

Seguindo a escola ingrata e difícil, que consagrou Luis de Gongora, o brilhante cinzelador de estrofes, no desfile artístico de suas magistrais composições, deu-nos, nítidas amostras do seu talento criador, apresentando-nos o poema subordinado ao título:

#### AMOR ESDRÚXULO

Porque me lanças esta luz maléfica?  
Se mais benéfica, dá-me olhar mais plácido.  
Não me atormentes com fatal flagício,  
calma o suplício de meu peito flácido.

Minha alma anseia num amôr platônico,  
já estou carbônico, de uma dôr tão cálida.  
Se o mal perdura, morrerei maníaco,  
está no zodíaco, minha estrela pálida.

Dei-te a corôa de brilhante estética,  
zombaste herética, desta crôa vívida,  
tinha meu crânio qual voraz canícula,  
mas, tú, ridícula, me insultaste, lívida.

Não me fulmines com desprezo crônico,  
de teu pirrônico coração reumático.  
Basta! A loucura me devora o encéfalo,  
já estou bucéfalo-verdadeiro asnático.”

Humorista, descobriu-se, focalizando, em quadro alegre, a sua vida de estudante, quando descreve, em versos cheios de bom humor, a cela que habitava, em companhia de colega de curso médico:

NA CELA

A forma é de um caixão, perfeito, geométrico.  
O teto velho, gasto, imundo e sepulcral.  
Aberto, todo o chão, em fendas e buracos,  
de enormes punarés, morada colossal.

Ao fundo, uma janela e junto uma mesinha.  
que serve para estudo e presta-se ao jantar.  
Dispostos, numa estante, um tanto empoeirada,  
os livros da ciência heróica de curar.

De um lado, velha escada, estreita e carrunchosa,  
carcomido espinhaço, em linha vertical.  
Do outro, um gasto armário, um coito de **baratas**,  
com ossos, um caixão sem vale, um castiçal.

No canto mais escuro, certo vaso oculta-se,  
que bons serviços presta, em certa ocasião...  
Aqui, ali, baús, cabides, roupa suja,  
e pontas de cigarro, esparsos, pelo chão.

Três tipóias, enfim, nos punhos, esticadas,  
da sala, em meio estão e dentro, graves,  
três bichos estudando os pontos para exame:  
Segundo Wanderley, Marçal e Artur Chaves.”

Ou ainda, na crítica que lançou a um pé colossal, que  
ninguém chegou a saber a identidade do gigante, que deixou  
a pegada á curiosidade do poeta:

UM PÉ

Um pé como eu já vi, feio, caloso,  
como o tronco, nodoso,  
de um carvalho, gigante e secular,  
sôbre o dorso do qual, a Asia, inteira,

podia dormir!

Um pé de causar susto e meter medo,  
um pé descomunal,  
que, sem trabalho e sem molhar um dêdo,  
atravessava o oceano Austrál!!...

Um pé como eu já vi, grosso, nervoso,  
de um cheiro duvidoso,  
atrevido, malvado, carrancudo,  
Capaz de derrubar, quando irritado.  
montanhas, serras, tudo...

Um pé que pra lavar-se, precisava  
o Mississipe inteiro...  
que num par de sapatos, só gastava  
cinco milhões de peles de carneiro..."

Assim, modelou, Segundo, a sua arte, penetrando, sentindo, experimentando o seu talento, nos mistérios de todas as escolas, infiltrando-se em todos os estilos, vivendo ritmos e embalando rimas, para traduzir o seu pensamento, nos grandes vôos de sua prodigiosa imaginação.

No setor do condorismo, é verdade, teve ele, o seu ponto alto, a culminância de sua poesia, pois seduzido pelas sugestões da escola que, àquele tempo seguia Castro Alves, acompanhado por Tobias Barreto, no trato da defesa dos oprimidos e sacrificados, que gemiam, acorrentados, nas senzalas, sem direitos e sem garantias, ele tornou-se, também, um dos mais ardorosos condoreiros, por seu grande coração e por sua infrangível piedade cristã.

Mas, não se venha supôr que, por isso, fôsse, Segundo, um imitador das joias que Castro Alves legou ao colar precioso da poesia brasileira. Não, porque antes de situar-se na Baía, já o seu estro denunciava tendências condoreiras, através de poema, que publicou na imprensa natalense.

Depois, não se ignora que, os verdadeiros poetas trazem do berço, no primeiro vagido ou no primeiro sorriso, a marca indelevel, o nobre sinete das rimas.

E para darmos uma amostra, bem viva, de que, ele não precisava beber inspiração em outras fontes, que não fossem aquelas que lhe jorravam do talento, bastará citarmos o seu trabalho, durante o grande movimento nacional que empolgou o coração do Brasil, nas batalhas deflagradas pela libertação dos escravos, acontecimento que se estendeu, com a mesma força patriótica, desde a imensidade dos pampas ás terras imaturas da amazonia:

**ECOS DA LIBERDADE:**

"Tombe o cruel barbarismo,  
quebre-se a ímpia polé.  
De cada escravo resurja  
novo Espartaco, de pé.

Seja a patria altiva e livre,  
livre a ideia, livre a crença,  
o pensamento, a imprensa,  
livre a razão, livre a fé.  
Escravo! Quem diz escravo,  
diz tirânia, opressão.  
O servilismo é torpêdo,  
na senda da ilustração.  
E onde brilha, constante,  
o belo sol da igualdade,  
Palpita a fraternidade,  
nas fibras do coração...

Sôbre a grandeza imaginativa que Segundo demonstrou, no seu poema "O Naufragio do Vapor Baía", eloquente quadro de emoção e dor, de luto e saudade, já não será mais preciso rememora-lo, porque ele anda esparso em todo o Brasil, em tôdas as camadas sociais, na consagração dos brasileiros, como um patrimonio literário, para os que não trouxeram, consigo, a inveja, o despeito, a insensatez e a maldade solerte e instintiva, como taras malditas...

Para evocarmos, uma síntese precisa, não é necessário irmos além dessas duas inimitáveis imagens, que Segundo gravou, em letras de fogo e belesa, no seu famoso poema, descrevendo os horrores da tragedia e angustia de criaturas que se debatiam contra ondas bravias, dentro do negror apavorante de uma noite de tempestade:

"Uma tábua, qualquer, valia mais que um trono.  
Um resquício de luz valia mais que um sol."

E ainda, quando o navio atingido pela fatalidade, aderava, á mercê de vagas procelosas para se precipitar na voragem, que se escancarava no dorso dos maroiços encapelados, que abriam caminhos para o desconhecido:

"Só se ouvia, da hélice, o lugubre compasso,  
como enorme pulsar de enorme coração".

Amigo íntimo e companheiro do padre João Maria, na jornada do bem e da caridade, deslumbrado pelas excelsas prendas da alma e de coração que faziam do querido sacerdote um verdadeiro levita do Senhor, Segundo caminhou, com ele, nas arduas estradas da vida, pelas ruas e bairros suburbanos da cidade, no afan meritorio de levar aos lares, aos quais a fortuna nada prometeu, um pouco de sua comiserção e de sua

piédade. Um, levando a ciência, para sarar as chagas do corpo, o outro, buscando, com suas bênçãos cicatrizar as feridas da alma.

Com a morte do “padre santo”, que tantas orações e promessas foram feitas em prol da sua saúde, e que tanta consternação trouxe, o seu desaparecimento ao espírito cristão da cidade católica, o poeta, que sempre conjugou o sentimento a cidade, cujo rebanho ele apascia com verdadeira ternura e às amarguras dos infelizes, sentindo com eles a perda irreparável, e com a alma envolta no sudário violáceo da saudade mais pungente, que lhe despertara no coração, feriu as cordas sonoras de sua lira maguada, exigindo das Musas que o acompanhassem, no insofrido golpe desferido por aquele doloroso traspasse, que não abalou apenas uma parte do povo, da “urbs”, de luto, mas que fez se cobrir de crepe, também, desigualável devotamento, e onde o seu nome e o seu prestígio tinham, o fulgor de um toque de clarim numa alvorada de vitória, ou o repique de um sino, chamando os fiéis a suas obrigações religiosas.

E dedilhou as cordas com a sentida tonalidade que o coração lhe ditava:

“Musa do luto, Musa da tristeza,  
toma o salterio roxo da saudade.  
Vamos cantar o sol da caridade,  
Vamos carpir o Anjo da pobreza,”

No seu indeclinável labor literário, o ilustre vate não se empenhou, apenas, nos misteres da poesia e do teatro.

Na fecunda luta intelectual, que travou, nos meios culturais da cidade, a sua fluente imaginação e grande poder criador, infiltraram-se, também, pelos meandros da imprensa, o que vem corroborar, positivamente, para que se reconheça, que ele não fôra, unicamente o habil joalheiro de rimas, o cinzelador emerito de estrofes, tão ao sabor dos desejos e das preferências dos seus leitores, nem ainda, um pesquisador perseverante, a procura de temas sugestivos para a urdidura dos seus famosos trabalhos cênicos, tentando desvendar os segredos milenares dos palcos, do intrincado labirinto dos urdimentos, das encandeantes claridades das ribalhas.

Fazia, do jornal, como fizera da poesia e do teatro, o seu pão espiritual, pois encontrava, nas tarefas, diárias, os meios diretos de comunicação com as massas leitoras, traços de união entre o pensamento do jornalista e a vontade, os anseios e

liberdades populares, louvando-se, talvez, no axioma de Jefferson: — “Onde a imprensa é livre e o povo capaz de lêr, tudo está salvo”.

Do setor jornalístico, no qual, Segundo Wanderley conquistou maiores louros foi, sem duvida, a polemica.

Dardejou verrinas, contra adversarios, terçadas com intelligência e marcantes convicções, conseguindo, senão destruir ou anular os propositos dos antagonistas, mas, faze-los capitular, depondo as armas, vencidos,

Polemizou com Galdino Lima e Antonio Marinho, duas grandes e renomadas expressões do jornalismo e da cultura contemporanea, acreditados por sua illustração e conhecimentos, tendo os derrotado com o poder mágico de sua lógica e talento, sem jamais descer ao campo das asperezas que aviltam, das frases acutilantes á dignidade nem á mostarda da perfídia, que o fizessem perder a elegância moral e a ética jornalística, predicados que o distinguiram, durante ás batalhas literárias que travou, na conquista de nobres e confortadores triunfos.

A refrega fôra iniciada através dos jornais que, logo deram abrigo aos contendores, como expressões de illustração que o eram. Todavia, as teses foram se avolumando, a ponto de as colunas dos periodicos não poderem mais comportar aquelas colaborações, embora elas contribuissem para maior tiragem e divulgação das edições.

Foi, então, que os polemistas resolveram publicar os seus trabalhos em folhetos, que ainda hoje, se encontram, usualmente guardados nos alfarrabios pelos admiradores daqueles famosos jornalistas.

E um dos mais temiveis dêsses competidores, que epigrafava os artigos que escrevia com “Pela Justiça” já sem argumentos para resistir ao impacto das violentas revanches, diante dos imperativos do raciocinio de Segundo, que intitulava os seus trabalhos: com a legenda “Pela Verdade”, chegou a confessar que, diante do poder persuasivo de Segundo, julgava-se um “zero”, ao que o intemerato polemista acutilou-o, retorquindo: — “Os zeros são sempre zero e por mais que se multipliquem, dão sempre resultados negativos.”

\* \* \*

Assim, fixou-se na paisagem cultural da cidade e do Brasil intelectual, na tradição histórica da provincia e na consagra-

pégadas indeleveis de sua influência, da sua ilustração e da originalidade de sua fecunda e inatingível inspiração.

Podemos classificar o grande aêdo, fluente teatrologo e jornalista cintilante, como sendo um talento de escolha, haloado de um circulo feito de sensabilidade de extases, de meditação, de deslumbramento pelas Musas, que o levaram a páramos inatingíveis, onde, somente, volitam as águias e esplendem os astros.

Com a sua lira afinada nas tonalidades sugestivas emanadas do seu espirito e do seu coração, abriu o caminho para o ceu, e com a dedicação e devotamento com que se apiedava dos infelizes, dos que sofriam dores sem remedio, plantou as sementes do seu amor á humanidade, que frutificaram nos grandes e proveitosos beneficios ao povo irmão, especialmente, ao tempo do surto varioloso que assolou a capital, em 1903, durante o qual procurou, á maneira de um apóstolo do bem, remediar os padecimentos dos doentes, do centro da cidade e dos que, em palhoças infectas, nos suburbios, sofriam os horrores da miseria e do despreso, sem demonstrar o menor preconceito, sem a menor preferênciã, servindo, indistintamente, a todos, com o mesmo sentimento humanitário e cristão e com o mesmo coração generoso que Deus lhe deu, como premio á magnanimidade.

O governo não lhe exigia maiores sacrificios, mesmo porque ele ocupava o cargo de Diretor de Higiene e tinha, a seu lado, para aquele serviço, um corpo especializado de funcionários, que dava sobejamente, conta das responsabilidades que lhe cabiam.

Todavia, o bonissimo amigo da pobreza e zeloso sentinela da saude coletiva não se recusava ao trabalho enobrecente que realizou pelo bem da terra e pela tranquilidade do povo, dando o melhor de suas energias e de sua abnegação, a serviço da obra sanitarista a que se propuzera efetivar nos quadrantes da capital.

Tudo, pois, que sobre a memoria do grande e saudoso mestre fôr realizado, em nosso Estado, todas honras que os homens publicos, intelectuais e o povo tributarem em homenagem à sua obra apostolar, nos setores da intelligência, da dedicação e da caridade, ainda não representará paga, pelo muito que ele nos deu, devotada e sinceramente, sem aguardar recompensas e sem esperar retribuições, vivendo, apenas do seu extase interior, para gaudio de suas realizações e procurando, sempre, distanciado dos preconceitos e da vaidade humana, encontrar-se em si mesmo.

É justo louvarmos a atitude nobre da Academia Norte Riograndense de Letras, pelo gesto de elevada significação que assumiu, promovendo, em nome da cidade as manifestações postumas que estão se realizando, como um testemunho do seu apreço, carinho e admiração á memoria do grande morto.

\* ❁ \*

Decorria o ano de 1896, epoca em que a nossa terra era semelhante àquela que Euclides da Cunha dizia ser: “uma terra que ainda estava se preparando para o homem”, quando, em Natal, circulava, sob a direção de Ezequiel Wanderley, o jornal “O Fantoche” em cujo corpo redacional, Segundo Wanderley iniciária sua vida jornalística, e no qual, a sua pena brilhante, sempre pronta e posta a serviço da nossa cultura, das nossas artes e dos ideais, direitos e garantias populares, criou uma aureóla de prestígio e simpatia, que não perderam o fulgor nem a expressão, na continuidade do tempo.

Foi, justamente, nessa época, em que começou a se manifestar o estro admiravel do renomado conterraneo, tendo aquele hebdomadário natalense estampado, com merecido destaque, o magistral poema em prosa de sua autoria, subordinado á epígrafe: “Paralelo entre o Homem e a Mulher”, que anda, crimosamente, transcrito, nos jornais e revistas brasileiras, como sendo de autoria de Victor Hugo.

De qualquer forma, isso importaria numa honra, a mais, para a história da literatura de nossa terra, mais um galardão conferido á inteligência seletiva do consagrado vate e mais uma gêma a se lhe engastar, na corôa de louros, já tão enriquecida pela consagração patrícia.

Todavia, para maior evidência de que o poema, em tela, é, de fato original de Segundo Wanderley, quando não seja suficiente, para convencer, a prova do jornal, que lhe deu publicidade, temos para testemunhar, ainda, o depoimento de Ezequiel Wanderley, no seu livro “Balões de Ensaio”, que afirma ter sido, êle próprio, diretor de “O Fantoche”, a ir, á residência de Segundo, buscar a colaboração, que deveria ser publicada, como foi, no n.º 18, Ano I de circulação daquele “Órgão Dedicado a Diversas Coisas”.

Adianta, ainda, o informante que, chegando á casa de Segundo, o poeta terminava de escrever o Paralelo entre o Homem e a Mulher” por sinal que ainda estava sem a devida assinatura.

E como lhe perguntasse se publicava aquele trabalho,

anonimo, Segundo, apanhando as laudas, firmou, abaixo: — Mário.

Por outro lado, no Brasil, onde residem tantos francêses cultos e devotados ás letras de sua pátria, não seria possível que, um dêles, diante dos repetidos protestos divulgados pela imprensa, em defesa do verdadeiro autor, não se dispuzesse, de bom grado e alimentando a sua vaidade, a dar publicidade ao poema, no original, revindicando, numa afirmação categórica e convincente, que aquela consagradora óde teria, como autor, o seu imortal patricio, honra e glória da terra da luz.

E, ainda, ninguem de boa lógica e sã consciência acreditaria que, Victor Hugo renunciasse ao orgulho de inserir, na obra fecunda, uma tão linda quão expressiva pagina, o que não se constata em nenhum dos seus livros.

O brilhante e renomado historiador Câmara Cascudo, em palestra que mantivemos sobre o assunto, declarou, com firmeza: — “Procurei, com interesse e paciência, revolvendo página por página, a obra completa de Victor Hugo e lá não encontrei o “Paralelo entre o Homem e a Mulher”, que falsamente lhe é atribuido”.

Em outra oportunidade, quando num circulo de intelectuais, falava-se sobre a obra de Segundo Wanderley, ferindo-se o ponto nevralgico, que é, justamente, o “Paralelo entre o Homem e a Mulher”, o poeta Esmeraldo Siqueira, professor de francês do Colégio Estadual do Rio Grande do Norte e uma das mais brilhantes figuras da atual geração, manifestando a sua opinião, reafirmou, com segurança e sem temer contestação: “O Paralelo é’ sem a menor dúvida, de autoria de Segundo. Conheço, no original, toda a obra de Victor Hugo e lá não se encontra esse famoso poema em prosa. Afirmo-o, ainda por, que, pode-se interpretar o estilo de um escritor, se o traduzindo, mas o que não é possível é se traduzir, mas o que não é possível é se traduzir, precisamente, o seu sentimento.”

Não será, portanto, inoportuno que, neste ensejo, o transcrevamos, como uma merecida homenagem á exponencial imaginação do maior poeta que o Rio Grande do Norte teve a honra de situar, na galeria nôbre de seus homens ilustres.

#### **PARALELO ENTRE O HOMEM E A MULHER.**

“O homem é a mais elevada das criaturas. A mulher o mais sublime dos ideais.

Deus fez para o homem um trono, para a mulher, um altar. O trono exalta, o altar santifica.

O homem é o cerebro. A mulher é o coração. O cerebro

fabrica luz, o coração produz amôr. A luz fecunda, o amor resuscita.

O homem é gênio. A mulher é anjo. O gênio é imensuravel, o anjo é indefinivel. Contempla-se o infinito, admira-se o inefavel.

A aspiração do homem é a suprema glória. A inspiração da mulher é a virtude suprema. A glória faz o imortal, a virtude faz o divino.

O homem tem a supremacia, a mulher a preferência. A supremacia significa força, a preferência representa o direito. O homem é forte pela razão, a mulher é invencível pelas lágrimas. A razão convence, a lágrima comove.

O homem é capaz de todos os heroismos. A mulher, de todos os martírios. O heroísmo enobrece, o martírio sublima.

O homem é código. A mulher é evangelho. O código corrige, o evangelho aperfeiçoa.

O homem é o templo. A mulher é o sacrário. Ante o templo descobre-se, ante o sacrário ajoelha-se.

O homem pensa. A mulher sonha. Pensar é ter no crânio uma lava, sonhar é ter na fronte uma auréola.

O homem é o oceano. A mulher é o lago. O oceano tem a pérola que adorna. O lago a poesia que deslumbra.

O homem tem um farol-a consciência. A mulher tem uma estrêla— a Esperança. O farol guia, a esperança salva.

Enfim; O homem está colocado onde termina a terra e a mulher onde começa o céu (a) Mário.”

O lar, em cuja intimidade viveu a vida dos homens dignos e honrados, o teve como um santuário, onde fossem guardadas reliquias sagradas ou amulêtos votivos.

E a sua felicidade e o seu orgulho consistiam em prodigalizar á prole, que educa nos sãos preceitos e ensinamentos puramente, cristãos, motivos de alegria e prazer, embora dentro da modéstia e dos parcos recursos que dispunha, na batalha pela sobrevivência.

Á esposa, D. Raimunda Bitencourt Wanderley, dedicava inexcedível ternura e desvelos (a ponto de chama-la, na intimidade, como um dengue domestico-Coração) fruindo a vida que Deus lhe deu a gosar, no seu transito pela existência, na doce e feliz harmonia do lar cristão, apesar de ligeiras rugas, motivadas por ciumes, da esposa (naturais do bem querer os quais jamais chegaram a toldar a paz e a concordia no seio da familia.

Conta a poetisa Stela Wanderley, sua filha, secretária e assistente, até os seus derradeiros instantes de vida, que o

carinho e a dedicação que o velho pai votava aos filhos eram tamanhos que, raras eram as festas publicas ou familiares, que ele não comparecesse, fazendo-se acompanhar dos entes queridos do seu coração, especialmente aos espetáculos, que vez em vez, eram levados a efeito, então Teatro Carlos Gomes, destacando a informante que, após essas funções, que terminavam, sempre, á avançada hora da noite, ele apanhava a filhinha mais nova, punha-a ao ombro e segurando as suas outras menores, pela mão, subia a ingreme ladeira da avenida Junqueira Aires, a procura do lar. Chegados á residência, ele próprio era quem servia o lanche, ligeira refeição, que consistia de Códreas de pão, bolachas e café frio. Tudo isso fazia, para não encomodar a esposa que já se achava em repouso.

A sua feição humana e o seu devotamento não ficaram afivelados ao lar. Penetraram também, no setor social, na atenção que ele sempre dispensou á pobreza desvalida, de quem se compadecia cristãmente, não negando o seu concurso economico, para minorar as dificuldades dos que batiam a sua porta, a procura de meios para remediar os seus males fisicos ou ainda para debelarem as crises do estômago.

E se os arquivos da Botica do velho farmaceutico Salgado Maranhão e da Mercearia do sr. Luis Veiga, ainda estiverem conservados, pode-se muito bem, observar a quantidade de ordens de fornecimentos que, mensalmente, Segundo Wanderley determinava fossem despachados e levados á conta de seu débito, como uma prova autentica de que, o que lhe pertencia, não resguardava, apenas, para seu prazer, mas distribuia, também, com os necessitados que jamais abordaram, com pedidos, sem a sua solícita e dadivosa ajuda.

Segundo Wanderley, apesar de ser médico, cuidava mal de sua saúde, a ponto de abandona-la, permitindo que os males tomassem, solertemente, de assalto o seu organismo, por não encontrarem defesa, suficiente, pela indiferença que lhe votava.

O seu físico não oferecia resistência nem tão pouco era capaz de suportar crises agudas.

Magro, com a compleição de uma figura bizarra de Rolinat, côr macilenta, estatura mediana, cabelos grisalhos, denotando velhice precoce, não era homem capacitado a manter luta intensa, em que se empenhava, material e espiritualmente, nos mistéres de sua profissão e nas cansativas tarefas intelectuais.

Por isso, foi difficil, aos medicos que o assistiram, no leito de doente, um diagnostico eficiente.

Alguns se propunham a acreditar na presença de uma úlcera no estomago, outros queriam que fosse um mal na espinha e terceiros não se pronunciaram, por falta de elementos para um eficiente pronunciamento a respeito do morbus que lhe deu óbito.

O certo é que, Segundo, ocupando o cargo de Diretor de Higiene, ao tempo do Governo Alberto Maranhão, seu velho e incondicional admirador e amigo de todas as horas, trabalhava, denodadamente, para não discrepar da confiança outorgada e não fugir á atividade costumeira, naquele importante setor da administração estadual.

Narra, Stela Wanderley que, um dia, na hora do expediente, chegaram-lhe ao gabinete, dois guardas da repartição, comunicando-lhe que, sôbre as matas da Solidão (hoje bairro do Tirol) estavam corvejando bandos de urubús e que, no cumprimento de suas obrigações, dirigiram-se ao local, para observar o que havia de anormal, tendo se deparado, ali, com surpresa, com um cadaver, já em adiantado estado de putrefação.

Segundo ouviu, atentamente a narração e imediatamente, interrompendo o serviço que realizava, no momento, seguiu, juntamente com os guardas, ao lugar, distante, em que se achava a infeliz criatura.

Lá chegando, testemunhou a veracidade da noticia. O cadaver tresandava putrefação, já quasi decomposto e carcomido pelas aves que se banquetevam, fartamente.

Aberta, ao lado, uma sepultura, mesmo improvisada, ali, foram enterrados aqueles restos mortais, tendo, Segundo, que a esta altura já havia abandonado o palitô, encontrando-se em mangas de camisa e abotoado no seu inseparavel culete, auxiliado a remoção do cadáver á cova, ato que estava sendo praticado, com dificuldade, pelos dois guardas, que o acompanharam ao local.

Voltando, mais tarde, á casa, o poeta não conseguiu alimentar-se, enojado com a cena que testemunhara e com o mau cheiro, que ainda, conservava no olfato.

No dia imediato, sobreviveu-lhe forte dôr de cabeça, seguida de febre alta e vômitos intermitentes, que o prostrando, no leito, zombaram dos recursos da medicina e dos cuidados e desvelos da familia.

Esse estado morbido prolongou-se por vários dias, não podendo ser debelado, vindo, então, a findarem os seus padecimentos, quando a tesoura fatídica da Parca, que corta o

fio da existência, veio separar, aquela vida preciosa, do convívio humano.

Manuel Segundo Wanderley, (preferiu, sempre, Segundo Wanderley) filho do dr. Luis Carlos Lins Wanderley, médico, teatrologo e jornalista, e de sua esposa d. Francisca Caroilna Wanderley, abriu os olhos para os mistérios da vida, no dia 6 de abril de 1860, na cidade do Natal, na então rua da Conceição, atual Praça de 7 de Setembro, no prédio, hoje pertencente ao espólio do saudoso dr. Nestor dos Santos Lima e teve o seu óbito registrado, na sua residência á venida Junqueiras Aires, onde, hoje, funciona o Centro de Saude da Cidade Alta, no dia 14 de janeiro 1909, deixando viuva D. Raimunda Bitencourt Wanderley e os filhos: Francisca, Semirames, Stela, Consuelo, Maria dos Anjos. Maria José e Manuel Segundo Wanderley Filho.

Morreu, como vivera, resignado sereno como um justo.

Pouco antes de exalar o seu ultimo suspiro, e depois de receber os sacramentos da Igreja que lhe foram ministrados pelo padre Moisés Ferreira, pároco da freguesia de Nossa Senhora da Apresentação, sentindo que a vida ía se extinguindo, lentamente, num gesto triste de súplica e de confiança na misericórdia divina, vovendo os olhos para o alto, aqueles mesmos olhos miúdos com os quais se deslumbrara com a vida, ao nescer exclamou:

—“Senhor! Abre-me as portas de teu céu” . . .

E foi, este, o último decassilabo do poeta.

# Segundo Wanderley

Lírico — Patriota — Boêmio

MARIA DE LOURDES TRINDADE

**M**ANUEL SEGUNDO WANDERLEY, filho do dr. Luís Carlos Lins Wanderley e de sua esposa D. Francisca Carolina Wanderley, nasceu em Natal, à rua da Conceição, no prédio, hoje, pertencente aos herdeiros do Dr. Nestor dos Santos Lima.

Fez o seu noviciado escolar nesta capital, seguindo, depois, para Salvador, onde matriculou-se na Faculdade de Medicina, seguindo a carreira abraçada por seu pai, que foi o primeiro potiguar formado naquela ciência.

Durante o tempo de estudante, participou de diversos movimentos patrióticos e culturais, distinguindo-se, nas lutas em prol da abolição da escravatura, seguindo o roteiro traçado por Castro Alves e Tobias Barreto, que na época, patrocinavam e coordenavam o combate em prol dos destinos dos homens das senzalas.

Ao lado dessas atividades, Segundo viveu intensa vida artística, tomando parte em homenagens artísticas promovidas a atores e atrizes, que empolgaram as plateias baianas.

A sua predileção pelo teatro deu-lhe o título jocoso de "rato de coxia" não só por sua assiduidade aos espetáculos, mas pelo amparo e auxílio que prestava aos operários da ribalta.

Por seu intenso labor teatral, nasceu-lhe a preferência pela arte dramática, que fez do seu talento um dos grandes mentores, na difícil arte de transmitir ao público, as emoções da vida.

Dai eclodiram, no espírito do mestre, as seduções, o fascínio, o encantamento pela arte de Talma em cujos limites êle talvez, tenha conseguido mais louros do que como poeta ou jornalista.

Regressando a Natal, já formado em Medicina, Segundo já trazia o seu nome consagrado através das manifestações populares e da propaganda que o povo baiano lançou em todo país, através da imprensa, exaltando o seu nome e o seu estro maravilhoso.

Na sua terra berço, em contato com os seus familiares e amigos, Segundo fôra recebido com grandes expressões de regosijo, pois des-

frutava, na sociedade, de grandes amizades e alto prestígio, por suas prendas morais e espirituais.

Chegara casado, com D. Raimunda Bittencourt Wanderley, baiana de nascimento, porém já potiguara de coração, mulher enérgica, autoritária, de grande distinção de costumes, coração magnânimo e generoso, que conquistou, logo, as amizades dos natalenses.

O casal foi residir na mesma casa onde nascera Segundo, e por informações que me foram dadas pela senhora D. Ana Wanderley, viuva do Dr. Celestino Wanderley que é conhecida na intimidade, como “o calendário da família”, foi reservado aos recém-chegados o mesmo aposento onde o poeta viu, pela primeira vez a luz.

É notório que, Segundo Wanderley, quando em Salvador, em meio á efervescência de suas grandes vitórias literárias, consagrou-se a cultivar a performance das atrizes que melhor se distinguiam nos domínios do tablado.

E parece que tinha o cuidado de não homenagear, apenas as atrizes, o fazia também aos atores, certo para não parecer que a sua preferência era pela beleza, pela graça, pelas linhas perfeitas dos contornos, quando, de fato a sua afeição lhe vinha motivada pelas virtudes interpretativas, pelo espírito de seleção, pelo talento das figuras eleitas, mesmo porque o poeta foi sempre muito reservado nas suas questões amorosas, não gostando nunca de ser apanhado em flagrante...

Assim, saudou os mais laureados elementos que formaram os elencos em trânsito pela cidade de Salvador, sendo a sua primeira louvação feita, em público, no Teatro S. João, quando do benefício da cantora Maria Francesi, voz prodigiosa que eletrisou, com seus garganteios divinos multidões extasiadas ante o poder de sua arte seletiva:

“— Francesi, quando teu vulto  
assoma ao palco, sorrindo,  
bem como Venus surgindo,  
dos flócos de puro anil,  
não sei quem mais admire,  
nesta hora santa, encantada,  
se tua voz inspirada,  
se teu divino perfil!

Nascestes na bela Itália,  
no paraíso da Europa,  
Onde os artistas em tropa  
beber harmonias vão.  
Nesse país de poetas,  
sob êsse céu tão simpático,  
onde soluça o Adriático,  
onde palpita o vulcão.

Tu vibras todas as cordas  
da lira do sentimento.  
Até, mesmo, o pensamento  
fundes, em notas de amor.  
Tu vais, num mágico instante,  
sublime de melodia,  
das convulsões da alegria  
aos paroxismos da dor.

Feliz de quem te contempla,  
Feliz de quem te admira,  
quando teu lábio suspira,  
gemendo, mas, sem sofrer;  
Quando os teus olhos se velam,  
quando teu seio estremece,  
e que tua alma parece,  
o mundo, mesmo esquecer.

Vai, peregrina da arte,  
vai conquistar mais tesouros,  
colher mais crôas de louros,  
com teus idílios de amor.  
Vai figurar, linda estrela,  
em outro céu mais sereno,  
que êste país é pequeno  
para conter teu fulgor...

Mais tarde, quando a ribalta do velho Teatro baiano foi ocupada por outra grande companhia, que estrelava o seu elenco a figura impressionante do famoso galã português Alvaro Ferreira, internacionalmente conhecido e já consagrado por auditórios de escol, Segundo empolgado com a sua genialidade e emocionado com o poder de sua força dramática, quando, na cena traduzia, os contrastes da vida nos paroxismos da arte, na mutação de dor e de alegria, de sofrimento ou prazer, saudou-o, das galerias, com entusiasmo e calor:

—“Tu, que das veigas lusitanas, belas,  
viestes ás plagas brasileiras, cerulas,  
para colher mais um colar de pérolas,  
pra conquistar mais um trofeu de estrelas;

Tu que na frente juvenil, virente  
Tens a sublime inspiração de Talma;  
Tu que traduzes o que sente a alma  
e advinhas o que vai na mente;

Tu que desferes, com febril magia  
todas as notas, que a paixão encerra,  
que a noite fazes transbordar em dia...

Terás teu busto no painel da história,  
terás, no drama, as oblações da terra  
terás, no palco, o pedestal da glória.

Escolhido, certa vez, pelos seus admiradores e amigos para saudar a atriz Alice Rebotaro, ao tempo em que a famosa estrela italiana realizava uma temporada em Salvador, para exprimir o sentimento de que se achava possuído, ante a pureza da arte e a beleza da mulher que “excitava mil comoções”, quando modulava os seus bem empostados e inatingíveis garganteios, ou ameigava a voz, semelhante a queixas de pássaros feridos, nas cavatinas românticas que iam da ternura ao devaneio, Segundo produziu, nesta noite festiva um dos seus mais lindos poemas líricos:

—“Alice, as notas que exalas,  
excitam mil corações.  
Tem mais doçura que os beijos,  
ao crepitar das paixões.  
Ao eco dos teus soluços,  
os oceanos de braços  
vêm atentos te escutar.  
Transformas em cavatinas  
as alvacentas neblinas,  
as ardências do mar.

Milagres! Se há milagres  
so tu os podes fazer.  
Tu choras, sem teres prantos  
tu gemes, mas, sem sofrer.  
Quando a voz, no céu derramas  
das centelhas fazes chammas,  
das chammas fazes vulcão.  
Tu pedes, ao mundo, palmas,  
o mundo atira-te as almas,  
que as plantas beijar-te vão.

Estas arias que murmuras,  
com tão divina expressão,  
são um chiasma de notas

no crâneo da inspiração.  
São gotas de nuvens cerulas,  
são catadupas de pérolas,  
em taças de alvo cristal,

são hinos que, num instante,  
mergulham no céu de Dante,  
surgem no céu de Cabral.

Vai à França deslumbrante,  
á pátria do velho Hugo,  
onde soluça, nas praças  
o verbo de Mirabeau  
Vai pedir a Lamartine,  
que te inspire, que te ensine,  
como se sabe sentir.  
Se houver mistério nas notas,  
paixões estranhas, ignotas,  
tu poderás traduzir.....”

### **Patriota**

Quando a República começava a lançar as suas primeiras sementes, no chão viçoso, onde havia de germinar e dar bons frutos, Segundo estava na estacada, na trincheira, combatendo, na praça pública, com o desassombro de quem não sabe fugir, quando é preciso cumprir um dever sagrado.

Jamais chegou a oportunidade de esconder a sua palavra, ou falsear um gesto, durante as pregações que eclodiam nos comícios, contra as falanges do mal.

O seu sepírito sempre temperado na forja de um civismo que conservou até a morte, não se entibiava, não vacilava, não tinha recuos.

Ao contrário. Nas explosões do entusiasmo, o seu verbo eloquente brandia nos ares, a lâmina adestrada e acutilante, para falar em nome da verdade, exaltando a liberdade, sob cuja égide repousava a redenção do país:

—“Abram-se os santos tesouros  
da liberdade e da luz.  
Dê-se ao faminto justiça,  
Direito aos que vivem nós.  
Quer seja rico, quer pobre,

tudo é igual, tudo é nobre,  
tudo marcha ao mesmo fim.  
Trilhando na mesma senda,  
que levou Maria á lenda,  
e á gloria, Silva Jardim.  
Lutemos — que a luta é santa,  
quando é divino o ideal.  
É sempre nobre o combate,  
contra as falanges do mal.  
E enquanto o tufão da ira,  
á face da pátria atira  
a lama vil da traição,  
failemos, nós, a verdade,  
em frente da liberdade,  
em nome da redenção.

Republicanos é tempo  
de confirmar nossa fé.  
Quem for covarde que fuja,  
os bravos ficam de pé.  
Façamos dos nossos peitos  
arquivos pra nossos feitos,  
das consciências altar.  
Do bem, na luta serena,  
seja o canhão nossa pena,  
seja o quartel nosso lar.

Lutemos, sim, mas fitando  
da pátria o santo porvir.  
Que tem por gladio a verdade,  
não pode tombar, cair,  
Nossa intenção não tem crime,  
nosso dever é sublime  
de paz é nossa missão,  
trazendo na frente inscrito,  
êste protesto bendito:  
— Abaixo a restauração!

Na campanha abolicionista, quando o povo reverente e agradecido prestava uma justa homenagem a José Bonifácio, colocando um busto, daquêlê que serviu de exemplo democrático a uma geração que precisava de luz e de liberdade, Segundo, na imponência do salão nobre do Grêmio Literário que naquela época representava as nossas letras e a nossa cultura, declamou num golpe de entusiasmo e fé republicana:

### **Escravidão.**

Quebre-se a pedra funérea,  
evoque-se um nome augusto,  
faça-se erguer êsse busto,  
que deslumbrou a nação.  
Vibre-se a nota sublime,  
a nota da Independência,  
em nome da consciência,  
em nome do coração.

Eu vou dizer-vos, Silêncio!  
É Bonifácio quem fala...  
O que se chama senzala,  
a escravidão o que é.  
É êste orvalho de sangue,  
vertido pelo suplício,  
que nutre as flores do vício  
e cresta as flores da fé.

É êste corvo sedento,  
que dilacera constante,  
o peito nú, palpitante,  
dos Prometeus do Equador.  
É êste sopro maldito;  
que acende as lavas da ira  
e apaga as lavas do amor.

É êste drama de prantos,  
das mais revoltantes farsas,  
que tem por tristes comparsas,  
o ódio, o cinismo, a dor.  
É esta nódoa que infama  
os faustos da nossa história,  
o brilho da nossa glória,  
junto às glórias do Equador.

Lavre-se o santo protesto,  
erga-se a pátria humilhada.  
Vingue-se a vil bofetada,  
que lhe abateu a cerviz.  
Andrada sirva de exemplo,  
lavem-se os velhos agravos...  
Não é nos braços de escravos,  
que se levanta um país...

Seria preciso, então, para completar o grande painel que se coloria, naquêlo tempo, com o patriotismo nacional, a ajuda da imprensa, da imprensa independente, honesta e desinteressada, para que a luta se revestisse de mais vibração, de mais calor, orientada pelos mentores que militavam nos jornais, a serviço do movimento redentor.

E foi, então que, Segundo Wanderley, conhecendo, como jornalista consagrado, os desvios e tangentes do caminho por onde poderia chegar a atingir a meta, que preparara durante o festival levado a efeito em louvor de Cesar Polla, declamou:

### “A Imprensa e Arte

“Eu pasmo em frente deste templo augusto  
que mil centelhas de emoção produz.  
Eu pasmo em frente deste grande busto,  
eu pasmo em frente deste mar de luz.  
Que drama é êste, de sublime encanto,  
que excita o riso que o pesar acalma?  
Responde o povo, modulando um canto —  
— E' Gutemberg que festeja Talma.

Tu tens, por certo um privilégio ingente.  
Tu tens artista um predicado santo.  
Sabes mudar em um feliz repente  
um riso doce em doloroso pranto.  
Registra, pois estes triunfos grandes  
recolhe mais essa virente palma,  
— O Himalaia cumprimenta os Andes...  
— E' Gutemberg que sauda Talma...

E quando, por fim, Canudos convulsionava o país, alimentado pelo fanatismo jagunço, que tornou as brenhas dos sertões, em verdadeiro antro de selvageria, de miséria, de dôr, de atrocidades e de luto, que o Batalhão 34 fôra chamado ao campo de batalha, para defender o govêrno e a soberania nacional sufocada pelo poderio dos selvagens, amotinados, na ocasião do embarque daquela briosa corporação de infantaria, da sacada de sua residência, que a êsse tempo situava-se no prédio antigo onde, hoje, funciona o Liceu Industrial, Segundo, alertando os brios e a coragem da tropa, que fizera “alto” para escutar a sonoridade das pérolas que se derramavam do seu coração emocionado, em forma de cascata, pelos lábios carregados de fé patriótica e de convicção na vitória, falou:

## Na Brecha.

—“Soldados, chegou a hora  
de triunfar ou morrer.  
Se é grande o vosso heroísmo  
maior é o vosso dever!  
Bravos, leais brasileiros  
correi às armas, ligeiros,  
pra libertar a nação,  
que á sombra do fanatismo,  
oculta-se o banditismo,  
pregando a restauração.

A pátria ufana confia,  
o seu futuro, de vós.  
Se o ódio cria sicários,  
o brio produz heróis  
Varrei, gigantes do norte  
essa maldita coórte  
de seus redutos fatais  
salvando dos vis caudilhos,  
o berço de vossos filhos  
o túmulo de vossos pais.

Nunca um soldado das plagas  
do Ro Rio Grande do Norte,  
fugiu em frente ao perigo,  
tremeu em frente da morte.  
Na terra de Miguelinho  
onde o valor tem seu ninho  
e a consciência um trofeu.  
Sim, nesta terra sublime,  
a covardia é um crime  
o servilismo um labeu.

Olha êste povo inteiro  
que vos contempla de pé,  
traz a sua alma banhada,  
nos esplendores da fé.  
Avante. A luta se inflama.  
Já Tiradentes vos chama  
á das esferas azuis...

Voai, brasileiros condores.  
— Ide, cobertos de flores  
— Voltai, cobertos de luz.”

## B O Ê M I O

Não podemos classificar, com justiça, Segundo, como verdadeiro boêmio. Todavia é preciso que se declare, que a maioria de seus trabalhos poéticos, andam participando das serenatas de hoje, como integravam as dantanho.

Segundo gostava da lua, como inspiradora, mas nunca se banhava nas suas luminescências, contando-lhe as máguas do seu coração, à maneira do que fazem os seresteiros, que afogam dores, ao som dos pinhos sonoros.

Foi boêmio porque compunha poemas, que os mestres do violão aproveitavam para o encanto das noites adormecidas, quando a cidade envolta no silêncio que justificava a sua pacatez e tranquilidade, musicaram, encheram de ritmos, de acordes melódicos, que ainda hoje, despertam saudades e fazem adormecer corações apaixonados.

Heronides França, Antônio Elias, Cavalcante Grande, Olímpio Batista, Lulú Taumaturgo e outros violonistas do seu tempo, colhiam, na seára poética de Segundo, as sementes que, por eles, eram plantadas e que tão bons frutos produziram.

Aqui temos, em desfile, algumas amostras de modinhas, originais do poeta mas, que, dada a sua popularidade, já não lhe pertence, mais, porque se tornaram um patrimônio do cancioneiro nacional e andam espalhadas por todos os recantos do Brasil:

### Eu-vi-te

Eu vi-te, sim, cândida Celina,  
sedutora, divina,  
anjo de neve, em berço de setim.  
Na face, a provocar amor, um beijo,  
eu vi tremer o pejo,  
como a rosa de pétalas de rubim.

Eu vi-te, nos meus sonhos amorosos,  
sublimes, vaporosos,  
meiga, serena, calma, angelical.  
Na frente pura, cheia de fulgência,  
brilhava a inocência,  
— A corôa transparente e virginal.

E hoje, te descobro, numa estrela  
da náu, na branca vela.  
No céu, na neve, no jardim, na flor  
e do deserto, na fugaz miragem,  
eu vejo a tua imagem,  
visão sublime do meu grato amor”.

Certa vez, Segundo Wanderley viajara, para longe, no trato de seus estudos.

Uma grande tristeza se lhe estampava no rosto e lhe oprimia o coração por deixar, sozinha, a criatura dos seus sonhos. Não quiz partir, assim, deixando, apenas, o aceno do lenço branco molhado de pranto.

E carpindo a magua da separação, escreveu esses versos que Heronides França musicou com muita felicidade e beleza:

### “Adeus

Adeus, no dorso azul das salsas vagas,  
triste me parto em busca de outras plagas,  
de estranho e novo céu.

— O barco deixa a praia verdejante,  
e vai ligeiro, além, muito distante  
perder no escarcéu.

O vento entôa um hino de saudade  
e lá no extremo azul da imensidade,  
o céu abraça o mar.

São dois atletas contemplando os Andes,  
dois infinitos que se estreitam, grandes,  
cansados de lutar.

E o barco, mais ligeiro deslisava,  
como garça vistosa que rasgava  
o seio da amplidão.

Olhei... vi-me sozinho, sem um beijo,  
foi um triste soluço o meu arpejo,  
um ai minha canção.

Adeus, Natal querido de minha alma.  
Berço feliz onde dormi em calma  
e vi dourados céus.

Adeus meus pais, irmãos, amigos, tudo,  
Adeus... eu parto, eu gemo, eu fico mudo:  
Adeus, Celina, adeus.”

Segundo, como todo poeta era um sonhador. Vivia das quimeras que se embalavam em seu espírito e que êle as acalentava como se fossem figuras reais de sua vida fazendo parte integrante dos seus prazeres e de suas máguas.

Sonhou, uma fita, com a imagem da mulher que adorava e, mesmo adormecido, traçou-lhe o perfil em magníficos decassílabos que foram aproveitados por Antônio Elias, que lhe deu sonoridade, na melodia enfeitiçante que tão bem se casou às rimas, que coloriram o sonho ambicionado do vate:

### Um Sonho

Na hora em que as vagas dos mares desmaiam  
e as aves dormitam no verde pomar,  
e as selvas se cobrem de gotas de luzes,  
de mil vagalumes que brincam no ar,

Eu vi-a, qual anjo das veigas etéreas,  
visão peregrina, formoso ideal,  
dir-se-ia formada dos risos da aurora,  
ou fada embalada num céu de cristal.

As tranças sedosas caíam dormente,  
nas altas espáduas de puro marfim,  
e o colo de cisne tremia, anseava,  
nas dobras macias do nível setim.

A face era pura, corada de leve,  
talvez, por um ósculo da rósea manhã.  
A lua se a visse, nas cismas da noite,  
beijando-lhe a face, chamava-a de irmã.....

Tu eras o anjo que assim me falavas,  
tu eras a virgem que em sonho eu vi,  
na hora em que as flores se abrem nas selvas  
e dorme no ninho, gentil colibri.”

Todavia o grande poema que Segundo escreveu e que faz parte dos ritmos embaladores das serenatas é “O Poeta e a Fidalga”, hoje cantado com preferência em todo o Brasil.

Nessas imortais oitavas, o mestre das nossas rimas traça uma sátira mordaz à nobreza dominante, para fazer realçar a dignidade dos que não tiveram quinhão razoável, na partilha da sorte.

Fustiga o orgulho, a vaidade, ironizando a formosura de quem se cobria com “manto de flores”, para exaltar a simplicidade e a modestia dos que só tinham, no seu caminho, “cardos a sangrar-lhes os pés”.

Esse poema ganhou fama e hoje, corre parelha, nos quadrantes brasileiros, com “O Naufrágio do Vapor Bahia” quadro de rara beleza poética, de emoção e tortura, com que o poeta se sagrou no conceito de todos quanto podem conceber o horror de uma noite de tempestade no mar e uma náu se entregando à fúria do vendaval tragadas pelas ondas, que se abriam para lhe dar passagem para o fim.

“O Poeta e a Fidalga” é um hino de revolta, uma ode ao sentimento que não se deixou vencer pelo ouro:

### “O Poeta e a Fidalga”

Bem sei que tu me despresas,  
bem sei que tu me aborreces,  
que zombas das minhas preces,  
com ostensivo desdém,  
mas não suponhas, nem creias,  
que êste rigor me consome,  
pois, mesmo pobre, sem nome,  
sei despresar-te, também.

Bem sei, mulher, bem conheço,  
que fui um louco em amar-te,  
muito mais louco em fitar-te,  
sem consultar a razão.  
Aquelas doces promessas  
que em teus olhos eu lia,  
não eram mais que ironia,  
não eram mais que irrizão.

Eu avalio a distância  
que nos separam na vida,  
tu tens a aurora florida  
eu tenho noites cruéis.  
Tu tens um manto de flores,  
que te matiza os caminhos,  
eu tenho somente espinhos  
que dilaceram-me os pés.  
Não rias que isso é loucura,  
não zombes do desgraçado,  
que, se não teve um passado,

pode um porvir aspirar.  
Não rias, que da existência,  
as vezes, no drama infindo,  
quem abre a cena sorrindo,  
encerra o ato a chorar.

Não julgues que o teu futuro,  
seja constante de rosa.  
A nuvem tempestuosa,  
também tolda os céus azuis.  
Nos escarcéus do destino,  
da sorte, na luta rude,  
só brilha quem tem virtude,  
só vence quem fita a luz.”

Com as pérolas que eu trazia guardadas na minha antiga caixa de lembranças comecei a tecer a coroa, a ser depositada, como uma expressiva homenagem póstuma, sôbre o patriotismo e a lírica do grande poeta, do inimitável sonhador.

Outros completarão o troféu, com joias mais primorosas, com gemas de maior valimento e de melhor quilate.

Fico, todavia, grata a mim mesmo, pelo prazer de haver contribuído, com uma parcela do meu esforço para integrar o Concurso que a Academia Norte Riograndense de Letras instituiu, em boa hora, em louvor àquêle que, das janelas do céu, ao lado das estrelas, deve estar assistindo a sua glorificação.

## ACTA DIURNA

# Os Wanderley no Rio G. do Norte

LUIS DA CAMARA CASCUDO

Wanderley que veio para o Rio Grande do Norte e fundou a família foi Gonçalo Lins Wanderley, pernambucano. Casou no Assu' com dona Francisca Xavier de Macedo, filha de Francisco Xavier de Macedo e dona Tereza de Jesus. Esta dona Tereza era filha do coronel Carlos Azevedo Leite e dona Rosa Maria da Conceição.

Gonçalo Lins Wanderley era filho de João de Sousa Pimentel e de dona Josefa Lins de Mendonça, de velha e nobre "gens" pernambucana.

Veio Gonçalo em fins do seculo XVIII ou principios do XIX. É o pai de João Carlos Wanderley e de Manuel Lins Wanderley, troncos eminentissimos. Ignoro nome de irmãos ou irmãs. E não sei data do casamento. Se for encontrado registro de batizado de algum filho de Gonçalo constará a informação dos avôs deste. Existe alguma genealogica dos Wanderley, feita por membros da família? Não tenho noticia.

A grafia do nome Wanderley é convencional. Não ha nem jamais houve o nome Wanderley. Ha e houve VAN DER LEY. O emprego do W é do seculo XVIII. No Seculo XVII a família usava escrever WANDERLEY e VANLEY.

O fundador, Gaspar van der Ley era coronel holandês e amigo pessoal do principe Mauricio de Nassau-Siegen. Abjurou o luteranismo e casou com dona Maria de Melo, dos Gomes de Melo. Em 1668 estando Gaspar em Lisbôa requereu ao Nassau-Siegen uma certidão-de-nobreza e o ex-governador do Brasil Holandês atestou que seu pai e avôs todos que tiveram e ainda hoje tem o nome de Wanderley, sempre foram e ainda são Fidalgos de Sangue linhagem nobre" documento que Borges

da Fonseca transcreve na sua NOBILIARQUIA PERNAMBUCANA, escrita em meados do século XVIII, (volume I,117, da edição de 1935). Gaspar van der ley deixou três filhos, fontes toda família: — João Maurício, Manuel Gomes, Gaspar e Adriana de Almeida, todos usando Wanderley que Borges da Fonseca já escreve com o W

A ligação com a família dos LINS ou LINZ, fidalgos de Augsburg, na Baviera e erradamente dados como florentinos, verificou-se no século XVII, finais. Cristovão Lins, o Gentil-Homem, de “especialíssima presença”, neto do primeiro Lins do mesmo nome, casou com Adriana van der ley, filha de Manuel Gomes van der ley, ou Wanderley neta do coronel holandês. A ligação dos Wanderley com os Pimentéis é do mesmo tempo. Borges da Fonseca regista vários casamentos.

O nome do pai de João Sousa Pimentel não sei. Possivelmente articula-se o ramo norte riograndense com o velho coronel que o amor catequizou e fôra conquistado pela terra brasileira.

## II

### VIAGEM COM O WANDERLEY

O fundador da família Wanderley no Rio Grande do Norte não usava o nome Wanderley e sim Pimentel.

Chama-se JOÃO DE SOUZA PIMENTEL e viera de Pernambuco, já casado com dona Josefa Lins de Mendonça.

Já casado ou solteiro, casando na Vila Nova da Princesa? Não há até aqui, certeza.

Na NOBILIARQUIA PERNAMBUCANA, de Borges da Fonseca, verifica-se que os Wanderley estavam muito misturados e aliados aos SOUZA PIMENTEIS, LINS e mais gente fina, de braço e prosápia, senhores de engenho e participando da governança das vilas da Capitania.

Esse João de Souza Pimentel é o pai de João Pio Lins Pimentel, já usando o LINS materno, e Gonçalo Lins Wanderley, já usando o Wanderley paterno.

João Pio Lins Pimentel foi tenente-coronel da Guarda Nacional, fazendeiro, lavrador abastado e primeiro Presidente da Camara Municipal de Santana do Matos, de 1837 a 1840. Em 13 de setembro de 1838, ingressando na Loja maçônica SIGILO NATALENSE, dizia-se MAIOR DE 40 ANOS, casado, proprietário e residente na VILA DO ASSU. Ora, em

1838 não havia VILA DO ASSU e sim VILA DA PRINCESA. Prova-se que os assuenses denominavam sua terra VILA DO ASSU e não VILA DA PRINCESA, em honra da Princesa Carlota Joaquina. Nascera antes de 1790 e devia ser o primogênito porque se chamava pelo mesmo nome do Pai.

Nada mais sei sobre o Tte-Cel. João Pio Lins Pimentel, com quem casou e se deixou descendência.

GONÇALO LINS WANDERLEY, seu mano, casou com dona Francisco Xavier de Macedo, filha de Francisco Xavier de Macedo e dona Teresa de Jesus, filha, esta, de Carlos Azevedo Leite e d. Rosa Maria da Conceição. Gonçalo Lins Wanderley era altivo e sabia manejar a palavra. Presidente da Câmara Municipal da Vila da Princesa em fevereiro de 1822, deu uma resposta bravia ao GOVERNO TEMPORARIO que se instalára em Natal pela força das carabinas da Companhia de Linha. Gonçalo declarou não reconhecer a competência do Governo, dizendo-o ILEGITIMO, CRIMINOSO e REBELDE... Esse mesmo Gonçalo Lins Wanderley tinha fama de excelente cavaleiro e jogador, não de cartas mas de espada. Ignoro o nome de todos os seus dignos filhinhos.

Dois, deixaram fama e renome Manuel e João Carlos.

Manuel Lins Wanderley, 1804-1877, casou com d. Maria Francisco da Trindade e não sei quem teve a honra de ser sogro dele. Sei que abençoou dezessete filhos. Um deles é o doutor LUIS CARLOS LINS WANDERLEY, 1831-1890, primeiro norte riograndense doutor em Medicina, deputado provincial e presidindo a administração da sua Província, poeta, professor, jornalista, teatrológico, orador, político, clínico profissional. Faleceu em sua casa que se erguia onde está o prédio da Prefeitura Municipal.

João Carlos Wanderley, 1811-1899, casou com d. Claudina Leite do Pinho, filho do Tte.-Cel. Antonio-José Leite do Pinho e d. Bernarda Antonia Rodrigues. Teve também dezessete filhos.

Uma das suas filhas, Francisca Carolina, casou no Assu, a 25 de julho de 1858, com seu primo o Dr. Luis Carlos Lins Wanderley. Luis Carlos, enviuvado, casou com uma cunhada, d. Maria Amelia Wanderley, em 1877.

Luis Carlos e sua mulher, d. Maria Amélia, morreram no mesmo dia, 10 de fevereiro de 1890, em Natal.

Os filhos do dr. Luis Carlos deram muita vida e glória às letras da Província e do Estado e a herança cultural continua harmoniosa, no espirito dos netos e bisnetos.

Nas festas comemorativas do MILÊNIO DA CIDADE DO NATAL, em 25 de dezembro do ano de 2599, um Wanderley publicará um poema n“A REPUBLICA”, que circulará, impávida e solene, e outro Wanderley fará um discurso, contando a história da terra que é quase a história da gente ilustre dos Wanderley.

### III

#### A CASA ONDE NASCEU SEGUNDO WANDERLEY

Filho de Pai assuense e Mãe natalense, SEGUNDO WANDERLEY nasceu em Natal onde faleceu quarenta e nove anos depois.

“Aos vinte e três de julho de mil oitocentos e sessenta, no Oratório Privado do Doutor Luis Carlos Lins Wanderley, de minha licença, o Padre Bartolomeu Fagundes de Vasconcelos, batizou solenemente, a MANOEL, nascido a seis de abril do mesmo ano, filho legítimo do Dr. Luis Carlos Lins Wanderley, natural do Assu, e D. Francisca Carolina Lins Wanderley natural desta Freguezia, e moradores; foram Padrinhos o Inspetor João Carlos Wanderley, e D. Claudina Augusta de Pinho Wanderley, por sua procuradora D. Claudina Leite do Pinho Wanderley.

E para constar, fiz este assento, em que assinei”;

(a) Bartolomeu da Rocha Fagundes  
Vigário Calado

Os Padrinhos foram os avós maternos. Era o segundo filho do primeiro matrimonio. O primogenito, de nome Manoel, falecera e o Dr. Luis Carlos repetia a homenagem ao Pai, Manoel Lins Wanderley, dando ao filhinho o apelido do avô paterno, precedido por um SEGUNDO, por que era o segundo Manoel na jovem familia.

E seria chamado e conhecido muito mais por SEGUNDO do que por Manoel. Mas o assunto é outro.

Em que casa nasceu o poeta Manuel Segundo Wanderley?

Quando comemorarmos o centenário do escritor é conveniente deixar esse motivo esclarecido e certo.

Há duas indicações.

A Viuva Segundo Wanderley, Dona Pequena, Raimunda

Amália da Mota Bettencourt, falecida em setembro de 1959, perfeitamente lucida, muitas vezes conversou comigo sobre seu inesquecido esposo.

Afirmou-me que, desembarcando do “Pirapama”, em março de 1889 vinda da Bahia, hospedara-se Na CASA ONDE O MARIDO NASCERA e mesmo recordava-se do aposento em que se dera o parto em abril de 1860.

Essa casa é na Rua da Conceição, n.572, propriedade dos herdeiros de Nestor Lima e sua morada tradicional. Nela residira longamente, o Doutor Souto (Luis Antonio Ferreira Souto), Promotor Publico em 1889 e depois Juiz de Direito da capital.

Quando Segundo Wanderley faleceu 14 de janeiro de 1909, A REPUBLICA, em seu numero do dia imediato, comentando pesares ao desaparecimento do seu velho e glorioso colaborador, afirmava que o Poeta NASCERA NA CASA ONDE HOJE RESIDE O COMENDADOR JOAQUIM INACIO PEREIRA.

Era casarão amplo e confortavel, que ainda alcancei, ficando no trecho demolido para a construção da Praça Sete de Setembro em 1914.

Ficava exatamente defronte do Sobradinho do Doutor Souto, a outra casa que é apontada pela família de Segundo Wanderley como do seu nascimento.

A REPUBLICA, de 15 de janeiro de 1960, divulgára naturalmente a tradição local, tida e havida como certa e infismavel.

Era a versão “oficial”.

Mas Dona Pequena, repetidamente falava-me da casa de Nestor Lima como sendo a que o marido nascera e onde o casal se hospedára em março de 1889.

É a versão da família.

Até o dia seis de abril tentaremos apurar, com os elementos agenciados e deduzidos, a localização indiscutível da casa em que nasceu SEGUNDO WANDERLEY.

# AGRADECIMENTO

MARIA JOSÉ BITTENCOURT WANDERLEY

Ilmo. Snr. representante do Exmo. Snr. Governador do Estado  
Rvmo. Snr. representante do Exmo. e Rvmo, Snr. Arcebispo  
Metropolitano.

Ilmos. Snrs. Presidentes das Academias Norte-Riograndense e  
Potiguar de Letras,  
Snr. Presidente da Mesa,

Ilmo. Snr. Comendador Luis da Câmara Cascudo,  
Snrs. Acadêmicos,

Dignos representantes do Magistério Publico e demais au-  
toridades civis militares e religiosas,

Minhas senhoras,

Meus senhores:

Séte dias são decorridos em que, sacerdotes dêste têmplo que é a Academia Norte-Riograndense de Letras, porfiarão em não deixar morrer o fogo sagrado da Eloquência, a queimar de contínuo, o incenso da recordação.

Durante sete dias, fizestes nascer de vossos cerebros privilegiados, a palavra de escol, forjada na oficina de ouro de vossa imaginação. Palavras que ofertastes em “salva de prata” à sensibilidade de todos os que tiveram a ventura de escutar-vos.

— Envolvestes, nêsses séte dias, em halo de imortalidade a figura daquele que fôra um holocausto vivo, trazendo dentro de si, queimando-o, consumindo-o, o fogo do amor: às Letras, à Arte, onde quer que se manifestasse —, à Religião, à Pátria, à Família. Ardêra, êle em uma única chama:— AMOR.

“É crime, ao Sol oferecer estrêlas,  
Dar uma esmola, a quem possui tesouro” . . .

Nêste momento em que se vem fechando a cortina aberta para as comemorações, tão carinhosas, do centenário de nas-

cimento de Segundo Wanderley, nêsse concêrto harmonioso em que a áurea eloquência de vosso talento empolgou, magnetisou os vossos ouvintes roubando-lhes a vontade, permiti que vos fale: o dever nos impele a revelar o que nos vai na alma.

Não terão, as minhas palavras simples, a pretensão de constituir uma frase harmoniosa. Serão a nota desafinada, o acorde dissonante, a expressão sem brilho:

senão o arrôio que não tem nome, cuja existência se ignora, que nasce, não se sabe onde, e que se perde além...

As palavras que faço chegar até vós têm, apenas, uma côr: a côr purpúrea do coração.

Cada um de vós, trouxe, na centêlha de seu verbo rutilante, raras e formosas flores de retórica para depositar na lápide desprezenciosa que encerra o que resta do corpo fransino de Segundo Wanderley.

A vida, porém, nos enreda em sua teia de contraste: a alma, a sua bela alma, cristal cheio de ressonâncias puras, não poderia vibrar sôzinha, na passagem do centenário de seu nascimento. Sentindo a falta da alma irmã — que aqui deixára, coberta de luto — em uma manhã ensolarada veio ao encontro daquela que fôra a sua musa. A 5 de setembro de 59 nos “páramos azuis” — referidos nos seus versos — celebrava-se as “bodas de luz” do poeta desaparecido. Perto de si, estava agora, aquela a quem, com enlevo suave, no recesso do lar, chamava “Coração”.

Para ele, para a querida companheira de todas as horas, compôs versos que bem traduzem a compreensão, o amor que os prendia:

Lutei! Fui quase vencido!  
A luta aniquila, esmaga,  
Quando a nossa alma naufraga  
No lago calmo da fé

Lutei! Se na luta extrema  
Fortaleceu-me a coragem,  
Era porque tua imagem  
Me tinha sempre de pé.

E estes outros, derradeiro harpejo dessa harpa cólia, prestes a emudecer:

“Conheço os olhos de certa dama,  
Que não são pretos, nem são azuis,  
Porém, que gosam de vasta fama,  
—Olhos brejeiros, olhos tafius.

“Nêles descubro, nêles se ostenta  
A luz incerta dos arrebois.  
— Conforme o sonho que os acalenta,  
São dois escolhos ou dois faróis.

— Olhos bilontras, olhos pacholas,  
Às vêzes, cantos, às vêzes, francos...  
Lembrando um tango de castanholas,  
Um par travesso de saltibancos.

Olhos capazes de toda empresa,  
Que vibram dardos no coração,  
Olhos que ferem — por natureza.  
Olhos que matam — por distração...

Permiti, senhores, que a êsse ramalhete simbólico e raro, junte a brancura da flor-sentimento: a saudade. A saudade que faz o milagre de tornar presente essa presença amada e distante, êsse perfil que a recordação esboça em traços de doçura e de bondade.

Perdoai-me, se vos entristeci.

A todos os que, relegando a um plano secundário o aconchego do lar, um interesse, a todos os que, dando um pouco de si mesmo, aqui compareceram, prestigian-do êsse movimento, cooperando, com as suas presenças para a magnificência dessas noites de estudo, para essas esperanças de manhã, que souberam dizer tão expressivamente, os versos do poeta, o nosso muito sincero “obrigado”

À Academia Norte-Riograndense de Letras, na pessoa de seu dinâmico líder Manoel Rodrigues de Mélo, que não mediu esforços nem fadigas, que tudo pensou — e realizou—, para que essas solenidades se revestissem do maior brilhantismo, alcançassem a maior repercussão, ao Comendador Luis da Câmara Cascudo — brado que ecoou pelas quebradas do intelécto, raio que, ferindo as trevas do esquecimento, banhou de luz a figura do cantor do “Naufrágio do vapor Bahia” em nome daquela que desapareceu, em nome dos filhos de Segundo Wanderley, deixou-me senhores oferecer um brinde:

— Na rubra taça do coração, o néctar de nossa gratidão vos espero: bebei-o—

# Í N D I C E

	Página
MANOEL SEGUNDO WANDERLEY .....	3
SEGUNDO WANDERLEY, O POETA DOS HERÓIS, DOS MÁR- TIRE E DOS ARTISTAS — Rômulo C. Wanderley .....	5
SEGUNDO WANDERLEY NUM RÁPIDO ESQUEMA DE NOSSAS LETRAS — Esmeraldo Siqueira .....	18
SEGUNDO WANDERLEY, O POETA DAS MULTIDÕES — Palmira Wanderley .....	26
SEGUNDO WANDERLEY - TEATRÓLOGO — Ivo Filho .....	43
NOTAS PARA O ESTUDO DE SEGUNDO WANDERLEY — M. Rodrigues de Melo .....	58
DUAS NÁUS DE ESPANTO — Newton Navarro .....	92
SEGUNDO WANDERLEY, SUA VIDA E SUA OBRA — Jaime dos G. Wanderley .....	116
SEGUNDO WANDERLEY - LÍRICO - PATRIOTA - BOÊMIO — Maria de Lourdes Trindade .....	151
OS WANDERLEY NO RIO G. DO NORTE — Luís da Câmara Casculo .....	165
AGRADECIMENTO — Maria José Bittencourt Wanderley	170

